



THE GREAT GATSBY

F. SCOTT FITZGERALD



CLAVIS  
TYPE

DE

CELI

COMPTES

ET

ALIA







COLECÇÃO LUSITÂNIA

SÓROR MARIANA

CARTAS DE AMOR

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

CARTA DE GUIA  
≡ DE CASADOS ≡

## COLECCÃO LUSITANIA

CAMILO CASTELO BRANCO

- I — AMOR DE SALVAÇÃO
- II — RIQUEZAS DO POBRE
- III — EUSÉBIO MACÁRIO
- IV — CORJA

- V { CARTAS DE AMOR — de Sôror Mariana  
CARTA DE GUIA DE CASADOS — de D. Francisco Manuel de Melo

Em preparação:

- VI e VII — NOSSA SENHORA DE PARÍS, em  
2 vol., de Vitor Hugo.

CAMILO CASTELO BRANCO

- BRASILEIRA DE PRAZINS
- AMORES DO DIABO
- LIVRO DE CONSOLAÇÃO
- FREIRA NO SUBTERRÂNEO
- JOSÉ BÁLSAMO
- CARRASCO
- VOLCÕES DE LAMA





de A.  
Soror Mariana (na edição do Morgado de Mateus)

SÓROR MARIANA

# CARTAS DE AMOR

AO

CAVALEIRO DE CHAMILLY

Tradução do MORBADO DE MATEUS, com um prólogo  
por JÚLIO BRANDÃO

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

# CARTA DE GUIA DE CASADOS

Nova edição, com prefácio biográfico  
por CAMILO CASTELO BRANCO



LIVRARIA CHARDRON, DE LELO & IRMÃO,  
EDITORES. R. DAS CARMELITAS, 144. PORTO

COMPRA

200351

2  
56380

CARTAS DE AMOR







## PRÓLOGO

*Estudo definitivo sôbre a autenticidade das Cartas da Freira portuguesa; a existência, em Beja, da grande e desventurada amorosa; e até se fôra ou não o senhor de Chamilly quem ateára êsses arroubos de paixão esbraseante, — tudo isso só está irrefragavelmente esclarecido desde 1888. Foi pelo trabalho precioso de Luciano Cordeiro que a questão ficou posta a toda a luz. \* Tudo o leitor aí encontra minuciosamente explanado — mais de dois séculos depois do aparecimento das Cartas!*

*Portugal tem sido sempre um país de maravilhas — e de desleixados. Em letras e belas artes é quasi criminoso o que se deixou esfarrapar e esboroar. Quando um grito se erguia reclamando documentos ou elucidando-os, êsse apêlo ou essa lição perdia-se fatigadamente entre o encolher de ombros dum desdêm quasi*

---

\* Sôror Mariana — a Freira portuguesa.

gerol. O tempo que levou a aparecer um estudo completo à cerca da autenticidade das Cartas de Sórora Mariana é um exemplo característico da nossa velha incúria.

Em 1669 appareciam pela primeira vez impressas, traduzidas em francês, sem nome do tradutor nem da pessoa a quem eram dirigidas, as cinco Cartas admiráveis. \*

“Nos primeiros dias de janeiro daquele anno, Claudio Barbin, o célebre livreiro parisiense — au Palais, sur le second perron de la Sainte Chapelle, — lançou nos solões e alcovas que continuavam a câmara azul da senhora de Rombouillet, um pequenino livro anónimo, que naquele meio galante, artificioso e frívolo, era, certo, como a mancha rude e sombria dum monge de Zurbaron, caíndo inopinadamente numa postural mimosa de Watteau ou Boucher”.

---

\* *Lettres portugaises, traduites en français.*

O êxito é prodigioso. Todas as almas apaixonadas ou delicadas querem crestar-se na labareda fulgurante daquelas cinco Cartas. As edições sucedem-se. Logo aparecem outras Cartas, desta vez dum mundanismo enternecido — «Lettres de la Dame portugaise», — editam-se Respostas e Novas respostas, tudo evidentemente apócrifo, para atizar o fogo, aproveitando o entusiasmo e a comoção nascida com a leitura das Cartas autênticas da Freira — e as Respostas talvez para atenuarem o egoísmo e a atitude antipática de Chamilly...

A voga aumenta estupendamente. Essas cinco maravilhas correm mundo, e constituem um monumento literário e passional verdadeiramente incomparável.

O nome do destinatário das Cartas e o do tradutor só foram impressos pela primeira vez na edição francesa de 1690. «O nome daquele a quem foram enviadas estas Cartas é o cavalheiro de Chamilly, e o nome de quem lhe fez a tradução é Guilleragues.» E a autora? Quem escrevera com sangue e com lágrimas essas Car-

tas eternas? Até 1810 sabe-se apenas que se chamava Mariana... É então que o ilustre Boissonade (a quem devemos a versão do "Hissope"), descobre num exemplar da edição original das Cartas uma nota escrita por mão contemporânea, dizendo o nome completo da extraordinária amorosa: — Mariana Alcoforado.

Pois bem: só em 1888 Luciano Cordeiro documentou a existência de Mariana. É certo que antes d'ele Felner, Juromenha e depois Pinheiro Chagas tentaram documentar a existência, em Beja, da grande apaixonada; mas nada puderam concluir das suas investigações. Não havia documentos. Só uma lenda esvoaçava vagamente, semelhante a alguma réstia de luar triste sôbre um túmulo quimérico...

O problema, com efeito, difficilmente se podia descureçar. Dada a influência e representação da família Alcoforado no século xvii, era natural que se tentasse apagar o nome de Mariana de tudo o que mais ou menos evocasse êsse episódio ardente dos seus amo-

res. Nas pesquisas a que procedeu, Luciano Cordeiro "sentiu positivamente *não desconhecida*, que tivesse andado a apagar a memória de Mariana"; o caso religioso também *impunha reservas*; as *erónicas monásticas não se alargam em comentários mundanos*; um ou outro arquivo importante *conservava-se fechado a sete chaves ou de há muito esfarropado e disperso... Uma agulha em palheiro!*

No entanto, *não havia dúvidas*: as Cartas haviam sido dirigidas a Chamilly. Além da edição de 1690, contemporâneos *ilustres categoricamente o afirmavam*, como Soint-Simon e Duclos — apesar do sr. Beauvois, publicista de Beaune, vir, dois séculos depois, dizer que não: as Cartas, segundo *êsse homem singular*, não podiam ter sido endereçadas ao futuro marquês e marechal de França, de quem faz o panegírico como militar e católico, e a quem *considera incapaz de seduzir uma religiosa*. É claro que *é delicioso êste sr. Beauvois*.

Consoante pensa, as Cartas deviam ter sido escritas

em francês, para gáudio dum editor esperto. Acha que elas são "un parfait secrétaire des amants..." Aqui resvala em tolo.

Luciano Cordeiro atura-o, e discute esmagadoramente com o piedoso paladino do capitão de cavalos. Tempo bem empregado!

Sousa Botelho (Morgado de Mateus), que em 1824 fez em Paris a retroversão das "Cartas portuguezas", como Filinto Elísio fizera cinco anos antes, mas misturando as autênticas e as apócrifas, Sousa Botelho afirma: — "Um portuguez, ou seja quem fôr que conheça bem esta lingua, não poderá duvidar de que as Cinco Cartas da Religiosa tenham sido traduzidas quasi literalmente dum original portuguez. A construção de muitas frases é tal, que retraduzindo-as palavra a palavra em portuguez, encontrar-se hão inteiramente no génio e no character desta lingua." O sr. dr. Teófilo Braga é do mesmo alvitre.

Por cá havia uma ou outra opinião illustre de que

as Cartas houvessem sido originalmente escritas em francês. Camilo Castelo Branco diz: — “O torneio, a índole e a contextura da frase rescendem as olorosas meiguices do género epistolar francês.” A isto responde com razão Luciano Cordeiro: — “Que nos perdôe o grande escritor, nosso mestre e amigo, mas é exactamente a isso que nos parece, e tem parecido a muitos, pudéramos dizer que a todos, que elas nem longinquamente rescendem.” Evidentemente Camilo não se tinha dado à cansira de estudar o caso. Elas são tam vivas e humanas, que a nenhum outro escrito poderemos aplicar com mais justeza aquele admirável dizer de Emerson: “Cortai-lhe as palavras: de tal maneira são vasculares e vivas, que elas deitarão sangue...”

Tudo leva a crêr que a tradução francesa (ou talvez uma revisão definitiva sobre uma versão do próprio Chamilly) fosse feita por Guilleragues. O abade Mercier de Saini-Léger, na edição das “Cartas portuguesas” de Delance de 1776, atribue a versão a Subli-



gny, "advogado segundo uns, actor segundo outros, pai da menina Subligny, famosa dançarina da Ópera, o qual, além de outros trabalhos, escreveu em 1668 uma comédia crítica contra a célebre tragédia "Andrômaca", de Racine". Ora todas as edições que indicam o tradutor chamam-lhe Guilleragues. Não seria Subligny o autor das "Lettres de la Dame portugaise" e das primeiras Respostas? pergunta Eugénio Asse.

"Lavergne de Guilleragues, ou o conde Lavergne de Guilleragues, era um gentil-homem gascão, secretário da câmara e do gabinete do rei, relacionado com Racine, Boileau, a senhora de Sévigné, etc., e, segundo Saint-Simon, "glotão, agradável, com muito espírito, fazendo excelente companhia, tendo muitos amigos, e vivendo à custa dêles, porque tudo esbanjára."

O retrato de Boileau, seu amigo, é mais lisonjeiro:



«Esprit né pour la cour et maître en l'art de plaire  
Guilleragues, qui sait et parler et se taire.»

*Dirigiu algum tempo a "Gazette de France", onde fez o necrológio de Turenne. Fôra íntimo da senhora de Maintenon, quando ela era ainda a senhora Scarron. Segundo Saint-Simon foi esta circunstância que lhe valcu, em 1677, a embaixada de Constantinopla "pour se remplumer".*

*Tudo indica, pois, que fosse Guilleragues o tradutor ou revisor literário das cinco prodigiosas Cartas, com que o futuro marquês de Chamilly conseguiu, num gesto de fatuidade quasi ridículo, immortalizar o seu nome... Mas sem a fatuidade dêsse capitão de cavalos, ter-se hiam apagado para sempre as estrêlas mais vivas, e por isso eternas, de toda a nossa literatura de amor!*

*As cinco Cartas foram efectivamente escritas por Mariana Alcoforado, e dirigidas ao official francês. Foi o que Luciano Cordeiro apurou no seu estudo*

vasto e valiosíssimo. Tudo o que diz respeito à adoração apaixonada ficou irrefutavelmente esclarecido. É esse trabalho que indicamos aos leitores que se interessarem pelo assunto. Tudo aí está, repetimos — incluindo uma larga bibliografia das Cartas. Os mais notáveis homens de letras portuguezes felicitaram sinceramente o crítico illustre. Oliveira Martins diz-lhe: — «V. fez um milagre. O livro das Cartas que V. fez é verdadeiramente definitivo; não há nada mais a dizer. Esgotou a erudição e a crítica: não há que rebuscar nem que observar mais. Está definido o caso patológico e determinado o concurso de circunstâncias em que se deu».

\*

\*

\*

«Nos fins de 1660 chega Schomberg a Portugal, para nos auxiliar nas nossas lutas contra a Espanha.

É-lhe passada a patente de mestre do campo general da provincia do Alentejo, cargo vago pela promoção do conde de Atouguia. Em 1663 Schomberg é elevado a governador das armas do Alentejo; e terminada a campanha, em 1668, recebe o titulo de conde de Mértola, para elle e seus descendentes, com a respectiva pensão, que foi como que a lembrança com que, em frases extremamente elogiosas, o presenteou na despedida o govêrno portuguez.

Noël Bouton de Chamilly, ao tempo conde de Saint-Léger, — o herói das Cartas — não viera com o valente e simpático general, como se tem affirmado. Só em 1663 apparece, naturalmente patrocinado por Turcne, que activamente apoiava as intenções do cardeal Mazarino a favor da nossa independência, e que já havia indicado o conde de Schomberg.

Beja era o centro dum constante movimento militar, "uma espécie de grande depósito e aquartelamento do exército do Alentejo". Chamilly é nomeado

capitão no regimento de cavalaria organizado por Briquemault. Esteve no cêrco de Valença de Alcântara e na derrota dos espanhóis em Castelo Rodrigo (1664), na batalha de Montes-Claros e no combate do rio Xevora (1665), na tomada de Benses, Guardia, Paimogo e São Lucar. Também tomou parte, em 1667, na investida do chamado Castelo de Ferreira. Entretanto o nome e a memória de Chamilly — frisa o sr. Luciano Cordeiro, de quem nos valemos ao traçar estas notas — não aparece nos nossos arquivos e cronistas dos sucessos do tempo. É pelos seus "états de service", re-produzidos por Pinard, que sabemos onde esteve o futuro marechal de França. É certo que uma grande parte dos nossos documentos militares da época, — incluindo a correspondência de Schomberg — desapareceram provavelmente na devastação, no abandono dos arquivos, e na venda dos documentos acumulados em muitas casas herdeiras de algumas das principais personagens do século xvii.



E. de A.

Beja — Convento da Conceição





Como acontece o mesmo com *Mariona Alcoforado*, não nos parece estranho que seja proposital o silêncio sobre os dois nomes, atendendo ao escândalo desses omores e ao relêvo da situação dos dois amantes. *Luciano Cordeiro* chega a acreditar que *Juromenha* não quis também aclarar o caso que investigou, como dissemos, por motivos exclusivamente religiosos.

Seja como fôr, o que está averiguado é que os feitos de armas de *Chamilly*, entre nós, não deram na vista. O "*Mercúrio Português*" não diz nada; os historiadores francezes, a tal respeito, são discretos.

\* /  
\* \*

Foi no convento da *Conceição de Beja*, "da varanda donde se vêem os portas de *Mértola*", que *Mariona Alcoforado* se sentiu prêsa de *Chamilly*.

«Adivinhavam-se ainda, lá em baixo, as campas planos e assaalhados, em que há 220 anos, naquele dia fatal, se exercitavam as soldados de Chamilly, au êste galapava, cheia de macidade e de petulância, à frente da sua companhia. Daquele lado voltava êle, talvez, alegre e triunfante, da expedição de S. Lucar. Dali veriam as pobres raparigas enclausuradas manobrar os terços com os seus uniformes variados e scintilantes: esearlates uns, verdes outras, alguns cabertos de passamanes multieores, outros ostentanda os brasões heráldicas dos generais, — e earacolando em volta, e exercitanda-se nas cargas impetuosas, e desenevelando-se como langas serpes reluzentes, as companhias de cavalos, cam os seus belas oficiais, maços quási tadas, eujos olhares atrevidos e eúpidos iriam por vezes alvoroçar estranhamente, através das rejas da baleão — se é que as tinha já, — o bando das pombas do Senhor.»



*Aquela cama que aparição de encanta, seguem-se os capítulos rápidos e ardentes da novela amara (1666-1667). Chamilly tem 30 anos; Mariana 26. Chamilly, segunda Duclos, é bem parecido, elegante; é militar ousada; a sua farda esplende. Arteira de certo em aventuras de sabreur fidalgo e decorativo; intellectualmente quasi bronca, conforme se depreende de Saint-Simon. Tudo vantagens! Já Sainte-Beuve ambicionava uma farda, vendo-se provavelmente ao espelho, calvo, com aquela fisionomia de sacristão solerte.*

*Nós estamos a vê-lo, ao herói das Cartas, aparecer depois, deslumbradoramente, aos olhos namorados de Mariana — na penumbra da igreja, a cabeleira fulva em aneis, na mão o largo chapéu de plumas variegadas... Era uma clara mancha de vida e de sangue moça, a arder na luz frouxa e mística. Todo êle devia de resplandecer, tocado da beleza em que o amor enquadra as aparições maravilhosas. Aquele homem de guerra, que ela veria da côro austero, onde os lampadários bru-*

*xuleavam como soluços, onde 'as grandes estantes de cantochão bocejavam, era um pouco a vélha esfinge tentadora e demoníaca (e quási sempre, por isso mesmo, intensamente humana); era a expressão da vida, misteriosa e marulhosa, uma flor de oiro e sangue que abrisse num sepulcro. Para os olhos virgens e ardentes de Mariana, êle surgia no cenário monacal, enfiado e baço, como um príncipe de lenda, lial e forte, criado para os longos êxtasis e para as aventuras longas, avessado a galopar por noites estreladas, profundas, nupciais... Como seriam doces os segredos de amor no locutório! Como a vida toda se transfiguraria para Mariana, num ressurgimento estranho! Era um novo Génesis!*

*Ela passaria então no claustro levada numa nuvem embaladora, ao mesmo tempo casta e voluptuária; sob o hábito escuro e triste da ordem, o coração desperto dir-se hia doer-lhe de ventura; as pinturas da abóbada, os azulejos claros, teriam feiticeiras tintas, nunca por*

*ela vistas; a arquitectura manuelina como que se espi-ritualizava, a mostrar-lhe, no alto, o largo céu, onde batiam asas livres; e enebriada por êsse perfume es-tranho e forte, que é um primeiro e grande amor, aos seus ouvidos cantaria o queixume epitalâmico da água — “a ninfa pérfida, e fugitiva como a vida...”*

.....

*Chomilly desvaira Mariana; pérfidamente a enlaça em cadeias de sedução deliciosas: — “Eu era moça, era crédula, tinham-me encerrado desde criança neste con-vento, não vira senão gente desagradável, nunca ou-vira as lisonjas que o sr. constantemente me dizia; parecia-me dever-lhe os atractivos e a beleza que me achava, e em que me fazia reparar; ouvira dizer bem de si, toda a gente me falava em seu abôno... e o sr. tudo me fazia para me despertar amor...”*

*Ele teria o esmalte superficial da gente da sua classe, que andava galanteando por Versailles. Mariana era inteligente, mas ingénua e “crédula”: julgou-se sin-*

ceramente amada. E amou, amou desvairadamente. As suas Cartas tem qualquer coisa ígnea... Há períodos que ficam nos eoruções que amaram como um soluço imenso... Mas por entre êsse sofrimento tumultuário, que as torna por vezes estranhamente incoerentes para os analistas tranqüilos, como são fundas e admiráveis aquelas suas palavras: — "Terias experimentado que se é muito mais feliz, e que sentimos alguma coisa muito mais intensa quando amamos violentamente, do que quando se é amado..."

Chamilly jogava quasi a frio. Um caprice de garnison, como diz Maxime Gaucher. É o que se averigua da sua attitude sêca, quando parte, da óptima disposição em que faz a viagem, do seu silêncio, da própria publicação das Cartas logo que chega a França, do seu futuro casamento com uma senhora excelente, rica e feia. Homem prático, Chamilly. Neste ponto de vista amoroso era um aventureiro antipático. Não tem volta a dar-lhe o sr. Beauvois!

“Conheço agora a má fé de todos os teus transportes. Atraiçoavas-me sempre que dizias que o teu supremo encanto era estares coinigo a sós. Consideravas a minha paixão apenas como uma vitória; o teu coração nunca foi profundamente penetrado por ela. Tinhas planeado, a sangue frio, incendiar-me de paixão!”  
*Que mais querem? É uma sedução em forma: uma burla de amor.*

*E Mariana entrega-se, porque ama profundamente. A paixão absolve-a, e touca-a de flores eternas. Caiu, mas “num leito de circunstâncias atenuantes”, como Donnay se exprime a propósito de Armanda Béjart. Mas no drama da Freira portuguesa há muito mais do que isso: há a divina labareda amorosa que a purifica, entregando-se. Num momento tudo ela esfarrapa e perde pelo amante. Vem a pêlo transcrever (apenas no que possa referir-se à paixão de Mariana) um pensamento de Chamfort: — “Quand un homme et une femme ont l’un pour l’autre une passion violente, il me*

semble toujours que, quels que soient les obstacles qui les séparent, les deux amants sont l'un à l'autre, de "par la nature"; qu'ils s'appartiennent "de droit divin", malgré les lois et les conventions humaines".

*Esse lume redentor é tam vivo, que as suas Cartas estremecem e escoldam — e ela resplandece constantemente desventurosa e aureolada. Nela fulgura o génio, porque o amor profundo é também génio; e esse brilho é o único que hoje ainda alumia a figura trivial do marquês de Chamilly — reflexo do constelação mais fulgente da epistolografia amoroso.*

*Sainte-Beuve comento, a propósito do auxílio que nos deu Luís XIV, dos combates que se trouxeram, dos voluntários que vieram bater-se, às ordens de Schomberg: — "Qui donc s'en soucie aujourd'hui? Mais le lecteur curieux qui ne veut que son charme ne peut s'empêcher de dire que tout cela a été bon, puisque les lettres de la Religieuse portugaise en devaient naître".*

*Tom certo é que na poeirodo e na fumarada das*

*coisas que se perdem, um grito profundo de amor acorda e embala sempre a alma torva dos homens!*

*Mariana Alcoforado nasceu em Beja, de família ilustre, em 1640 — precisamente na ano da nossa conspiração libertadora. Faleceu a 28 de julho de 1723. Tinha 83 anos de idade; é mais de sessenta de claustro.*

*É curioso analisar a vida de Mariana, quanto nos podem elucidar os documentos encontrados. O seu perfil moral resalta encantador a cada passo, recortado pálidamente, como nos agiologios. É duma grande e comunicativa bondade. "Ninguém teve queixa dela; era muito benigna para todos" — conta a velha madre escrivã. De resto, essa bondade, áurea e forte, transborda inalterável em todas as cinco Cartas. Ainda*

quando o orgulho ferido a sacode, e lhe dói como os cilícios futuros, logo na alma lhe esvoaçam os anjos do perdão e do affecto. Comove, na verdade, essa mulher abandonada, ludibriada, esquecida, e a quem a bondade conserva sempre puras as ondas da paixão mais revôlta, como o sal purifica as ondas dêsse Atlântico!

Como se vê das Cartas — a maravilha que o leitor vai ler — na primeira o pressentimento do abandono anima-se ainda de esperança, à maneira de certas nuvens presagas que o sol ainda irisa: — «Adeus, ama-me sempre, e faze-me ainda sofrer mais tormentos!» Pobre Mariana!

Depois vão-se acastelanda as nuvens. Mariana sofre muito, adocce, definha-se. O coração estala-lhe no peito — quer voar para a França... Os seus gritos increpam o amante, para logo lhe supplicarem piedade, porque não quer magoá-lo... Mas o destino vai-lhe aparecendo como um emblema fúnebre; lembra-se do suicídio; e no pavor do seu esmagamento moral, as incoe-



rêncios ressaltam dêsse coração que fica nu e sublime, como uma labareda que procura apagar-se e que esfusia, num claro-escuro de gênio, sublime de desartifício e de verdade.

Todos a estimam, sempre. Dela irrodia, com a sugestão do nome, da mocidade, da gentileza, outra coisa mais durodoira e mais bela — a bondade divina e contagiosa. Por isso a desventura a nimba de rosos tristes a esfolharem-se... No convento não se agastam contra a "peccadora"; pelo contrário, a acarinham. Fazem-na porteira, para a distraírem. É inútil. Como o náufrago, que se agarra a uma tábua pôdre que flutua, ela enleva-se ainda ouvindo o nome do seu amado; e de certo nos seus ouvidos perpassa uma doce música d'aquele nome pérfido, como nos êxtasis religiosos. Algumas freiras mais compadecidas folam-lhe dêle muitas vezes — c Moriana deixo-se ainda sonhar num embalo mágico, como deveria ser o das serciôs aos vêlhos nautas jônicos.

Mas o tempo passa; a juventude passa; os ilusões

*desfolham-se. Ele não voltará de França! E Mariana começa a sentir na alma cândida os estremecimentos dum remorso — à maneira dum vento frio que encrespa um pouco as águas duma lagoa límpida... Então começam também, certamente, aquelles “trinta anos em que fez ásperas penitências”, segundo reza um documento a seu respeito. Como se ela tivesse pecado! E cada vez a sua bondade é mais vasta, e é mais profunda e bela a sua tristeza!*

*Como acontece com seus irmãs, como em regra com os Alcoforodos, é grande a resistência física de Mariana. Doente, penitenciada, melancólica, ela passa na clausura tocada duma claridade singular... Essa paixão foi uma tempestade oceânica; é-o ainda durante um longo escoar de tempo; no entanto Mariana vai sentindo, a rasgar-lhe os negrumes do drama, a réstia de luor clérico que lhe olumia e transfigura a vida inteira. Oçam o que ela diz no fecho da terceira Carta, a mais bela, talvez: — “Agradeço-te, contudo, do fundo do meu*

*coração, o desespero que me causas, e detesto a tranquilidade em que vivi antes de conhecer-te».*

*Estas palavras podem servir de tema a uns versos que escrevemos há tempos, e que vem a propósito reproduzir:*

Aos setenta anos, entre as religiosas,  
Soror Mariana evoca o seu passado.  
Aves presas e lindas, a seu lado  
As freiras palram, riem buliçosas.

Tal quem remexa em cartas amorosas  
E ainda sente um perfume evaporado;  
Ou nas cinzas dum lume sopitado  
E as brasas abrem num florir de rosas;

Soror Mariana aviva a calentura  
Dessa paixão que lhe alumiou cavernas,  
E deu a tudo um vago amor de mãe...

“Amar na terra é amar a Deus na altura!  
(Consigno diz) “Ó lágrimas eternas,  
Quem fôra eu sem êsse amor? Ninguêm!”

*Com effeito, das grades dêsse convento da Conceição, só talvez ela pôde pressentir o mistério profundo das cousas. A dor e o amor são as lanternas encantadas que iluminam a Vida.*

JÚLIO BRANDÃO.

CARTA PRIMEIRA





## CARTAS DE AMOR

---

### I

CONSIDERA, meu Amor, quam excessivo foi o teu deseuido de prever o que havia de succeder-nos!

Ah, infeliz! foste enganado, e me traíste, por lisonjeiras esperanças mentirosas.

Uma afeição sôbre que tinhas fundado tantos projectos delectosos, e da qual te prometias infinito prazer, põe-te agora numa desesperação mortal, sómente comparável em crueldade à da ausência, que é dela causa.

E há-de esta ausência, para a qual ainda a minha dôr, por mais engenhosa que seja, não soube achar nome assaz funesto, e há-de ela privar-me de contemplar aqueles olhos em que divizava tanto amor, e que me faziam conhecer affectos, que enchiam meu peito de alegria, que eram tudo para mim, tudo supriam, e enfim me satisfaziam?

Ai de mim! os meus ficaram privados da única luz que os animava, só lhes restam lágrimas; nem eu lhes dou outro exercício senão o de chorar continuamente, desde o instante que soube estares resolvido a uma separação, para mim tão insofrível, que em breve tempo me acabará.

Parece-me, porém, que de algum modo me afeiçoou a infortúnios, dos quais és a única causa.

Dediquei-te a minha vida apenas te vi, e sinto algum gosto em fazer-te dela sacrifício.

Milhares de vezes no dia a ti envio meus suspiros, que te procuram por toda a parte, e não me trazem outra recompensa de tantas inquietações, mais do que um aviso, por demasia sincero, da minha má Fortuna, a qual cruelmente não consente que eu me lisonjeie, mas repete-me a cada instante: «Cessa, cessa, ó Mariana desditosa, de consumir-te em vão, e de procurar um amante que jámais tornarás a ver, que passou os mares para fugir de ti, que vive em França entregue às suas delícias, e que nem um só momento cuida nas tuas mágoas, que te dispensa de todos êsses transportes, e não sabe agradecer-tos...»

Mas não, eu não posso resolver-me a formar de ti um conceito tão afrontoso, e tenho nimio interêsse em justificar-te. Não quero mesmo imaginar que te esqueceste de mim.

¿E não sou eu já assaz desaventurada, sem que ainda me deixe atormentar por falsas suspeitas?

¿Para que fazer esforços por apagar da memória todos os desvélos, com que anelaste a dar-me provas do teu amor?

Ah! todos êstes desvélos tanto me encantaram, que



eu seria uma ingrata, se não te amasse com o mesmo arrebatamento a que me impelia a minha paixão, quando gozava d'esses testemunhos que me davas reciprocamente da tua.

¿Como é possível que lembranças de momentos tão agradáveis se tornassem tão cruéis? ¿E que tenham de necessidade, em despcito da sua própria natureza, servir sómente para tyrannizar o meu coração?

Ai de mim! A tua última carta o reduziu a um estado miserando: as suas palpitações foram tão sensíveis, que pareciam-me como esforços para separar-se de mim, e reúnir-se a ti.

Fiquei tão abatida destas comoções violentas, que caí em um desmaio por mais de três horas, perdidos os sentidos...

Lutava assim contra a vida que não queria recobrar, pois devo perdê-la por ti, já que não posso conservá-la para ti...

Emfim, tornei de mau grado a ver a luz...

Comprazia-me o sentir que morria de amor... e demais estimava cessar para sempre de sofrer as angústias de um coração, despedaçado pela dôr da tua ausência.

Depois dêste acidente, padeci muitas e diversas indisposições; ¿mas como posso eu existir sem males, enquanto não torno a ver-te?

Sei suportá-los sem murmurar, porque de ti provêm.

Como? ¿É essa a retribuição que me dás por haver-te amado com tão extremada ternura?

Não importa.

Estou resolvida a adorar-te toda a minha vida, e

a não ver mais pessoa alguma... e certifico-te que farias bem de não amar juntamente ninguém.

¿Acaso poderias contentar-te com outra paixão menos ardente do que a minha?

Encontrarias talvez mais formosura — ainda que em outro tempo me disseste que me não faltava gentileza, — mas nunca acharias tanto amor... e tudo o mais é nada.

Deixa de encher as tuas cartas de ociosidades: não me escrevas que me lembre de ti.

Eu não posso esquecer-te, nem tão pouco me esqueço da esperança, que me deste, de vir passar comigo algum tempo.

Ah! ¿porque não queres tu passar assim toda a vida?

Se me fôsse possível sair desta amaldiçoada clausura, não esperaria certo em Portugal o cumprimento das tuas promessas; mas partiria desconcertadamente a buscar-te, seguir-te, e amar-te por todo o mundo.

Não ousou lisonjear-me desta possibilidade, e não quero nutrir uma esperança, que me daria seguramente algum gosto, pois só quero ser sensível aos meus pesares.

Confesso, todavia, que meu irmão, oferecendo-me uma ocasião de escrever-te, causou-me a surpresa de alguma sensação de alegria, e suspendeu por um instante a desesperação em que estou.

¿Conjuro-te de dizer-me para que te aplicaste com tanta eficácia a encantar-me, como fizeste, sabendo mui bem que devias abandonar-me?

Ah! dize, ¿porque motivo te assanhaste em fazer-me desgraçada?

¿Porque me não deixaste tranqüila no meu cláustro?

Que injúria ou mal te havia eu feito!?

Mas perdôa.

Não te imputo culpa alguma.

Não me sinto fôrças de cuidar na minha vingança: acuso unicamente o rigor de meu acerbo destino.

Parece-me que, separando-nos, fez-nos todo o mal que podíamos temer.

Separar nossos corações não poderia. O amor mais poderoso do que êle os ligou por toda a nossa vida.

Se tens algum interêssc na conservação da minha, escreve-me freqüentemente.

Bem mereço atenção e cuidado de me participares o estado de teu coração, e da tua fortuna.

Sobretudo... vem a ver-me.

Adeus! não posso largar êste papel, que há-de ir às tuas mãos.

Bem quisera ter a mesma dita...

Ai! que loucura é a minha! Percebo, ainda mal, que isso não é possível...

Adeus! não posso mais...

Adeus!

Amam-me constantemente, e faze-me padecer inda maiores males.



CARTA SEGUNDA





## II

**O** TEU tenente acaba de dizer-me que fôras obrigado a arribar, por fôrça de uma tormenta, no reino do Algarve.

Receio que soffresses muito sôbre o mar, e esta apreensão se apoderou de mim tão vivamente, que não cuidei mais nos meus males...

¿Estás tu bem persuadido, que o teu tenente toma mais interêssc do que eu, em tudo o que te aconteece?...

¿Porque razão teve êle esta informação antes de mim?... Finalmente, ¿porque não me escreveste?...

Sou bem desgraçada, se nenhuma ocasião encontraste para o fazer depois da tua partida, e mais desgraçada ainda, se tendo ocasião, me não escreveste!...

A tua injustiça e a tua ingratição são extremas;

mas afligir-me-ia desesperadamente, se te careassem algum infortúnio: pois antes quero que delas não recibas o castigo, do que ver-me vingada.

Resisto a todas as aparências que deveriam persuadir-me de que mui pouco amor me tens, e sinto maior propensão a abandonar-me cegamente à minha paixão, do que às razões que me ofereces para queixar-me da tua falta de atenção e cuidado.

Quantas inquietações me terias poupado se o teu procedimento fôsse tão remisso e languido nos primeiros dias que te vi, como me parece agora, e desde algum tempo!...

¿Mas quem não deixaria enganar-se como eu, por tantos desvélos, e a quem não pareceriam êles sinceros?...

Quanto custa resolver-nos a suspeitar longamente da boa fé daqueles que amâmos!...

Vejo muito bem que a menor desculpa te satisfaz, e antes que tu atendas a dar-mas, o amor que tenho por ti serve-te com tanta fidelidade, que não posso consentir em descobrir-te culpas, senão para gozar do sensível prazer de justificar-te eu mesma!

Consumiste-me com as tuas assíduas perseveranças, inflamaste-me com os teus transportes, encantaste-me com as tuas finezas, asseguraste-me com os teus juramentos, a minha inclinação violenta seduziu-me, e as consequências destes começos tão agradáveis e tão venturosos não são mais do que lágrimas, gemidos, e uma funesta morte, sem que possa achar-lhe algum remédio!

Verdade é que, amando-te, gozei deleitações maravilhosas, mas custam-me hoje penas extraordinárias!...



Todas as comoções que me causas são extrêmas...

Se eu tivesse resistido ao teu amor, se te houvesse dado qualquer motivo de enfado e de ciúme, para mais inflamar-te; — se tivesses notado no meu proceder alguma reserva artificiosa; — se eu, enfim, tivesse querido opôr a razão à inclinação natural que para ti sentia, e da qual cedo me advertiste, — posto que os meus esforços sem dúvida teriam sido inúteis: — poderias castigar-me severamente, servindo-te de todo o teu poderio.

Mas pareceste-me amável; antes de me haveres dito que me amavas, juraste sentir por mim a maior paixão; fiquei de gôsto absorta e entreguei-me a amar-te perdidamente...

Tu não estavas, como eu, vendado; ¿porque soffreste pois que eu caísse no estado em que me acho?...

¿Que querias tu fazer dos meus enlevamentos, que não podiam deixar de ser-te mui importunos?...

Tu bem sabias que não havias de ficar sempre em Portugal; ¿e porque a belprazer me escolheste aqui, para fazer-me tão desgraçada? Neste país terias sem dúvida encontrado outra qualquer mulher mais formosa, com a qual terias desfrutado iguais divertimentos, pois só os grosseiros procuravas; — que te teria amado com fidelidade enquanto estivesse presente à sua vista, e que o tempo teria podido consolar facilmente da tua ausência, e que tu terias podido abandonar sem perfídia e sem crueldade...

Semelhante procedimento é mais próprio de um tirano afincado a perseguir, do que de um amante, que só deve pôr cuidado em agradar.

Ai de mim! porque tratas com tanto rigor um coração todo teu?

Vejo claramente que és tão fácil em deixar-te persuadir contra mim, como eu o fui em deixar-me persuadir a favor de ti.

Eu teria resistido, sem o estímulo de todo o meu amor, e sem o mais leve pensamento de ter feito alguma façanha, a razões maiores do que as que puderam obrigar-te a deixar-me...

Todas me teriam parecido mui fracas, e nenhuma teriam tido a força de arranear-me de teu lado...

Mas tu quiseste aproveitar os pretextos que pudeste achar para voltar a França...

Um navio partia...

Deixá-lo partir!...

A tua família te havia escrito...

Ignoras tu as perseguições que eu sofri da minha?...

A honra obrigava-te a me abandonar...

Curei eu da minha?...

Tinhas obrigação de ir servir o teu Rei...

Se tudo que dele dizem é verdade, podia escusar os teus serviços, e saberia desculpar-te.

Teria sido nimamente afortunada se juntos tivéssemos passado a vida; mas já que era forçoso que uma ausência cruel nos separasse, parece-me que devo sentir grande satisfação de não ter sido infiel, e não quisera, por quanto há no mundo, ter cometido uma acção tão feia...

Como!... Conheeste o fundo do meu coração e o extremo da minha ternura, e pudeste resolver-te a deixar-me para todo sempre, e a expôr-me aos sustos

que devem assaltar-me do teu esquecimento, ou ao recio de que te lembres sómente de mim para sacrificar-me a uma nova paixão?!...

Bem vejo que te amo como uma louca.

Contudo não me queixo de todos os ímpetos violentos do meu coração.

Habituo-me às suas perséguições, e mal poderia viver sem um particular prazer que descubro e desfruto, amando-te entre mil dores e pezares...

Mas o que me mortifica sem cessar é o enôjo e aversão, que tenho para tudo...

A minha família, os meus amigos, êste convento, são-me insuportáveis. Tudo que de obrigação devo ver, tudo que de necessidade devo fazer, me é odioso...

Tão zelosa sou da minha paixão, que, a meu parecer, todas as minhas acções, todos os meus deveres te dizem respeito...

Sim, faço algum escrúpulo se não emprégo por ti todos os momentos da minha vida...

Que faria, ai de mim! sem tamanho ódio e tamanho amor, quais enchem o meu coração?! ; Poderia eu sobreviver ao que me ocupa continuamente, para levar uma vida tranqüila e languida?...

Não, semelhante vácuo, e tal insensibilidade, não me convêm.

Todos reparam na mudança completa do meu génio, do meu modo, e de toda a minha pessoa...

Minha mãe falou-me nisto ao princípio com desabrimto, depois com alguma bondade...

Não sei o que lhe respondi.

Parece-me que tudo lhe confessei...

As mais austeras religiosas compadecem-se do es-

tado em que me vêem: mesmo é causa de mostrarem certa consideração e melindre para comigo.

Todos se comovem do meu insano amor... e tu só, tu permaneces em profunda indiferença... sem escrever-me senão cartas frias, cheias de cansadas repetições, que nem encham a metade do papel, dando a conhecer grosseiramente que morrias da impaciência de findá-las...

D. Brites perseguiu-me, há alguns dias, para fazer-me sair do meu aposento, e julgando divertir-me, levou-me à varanda donde se vê Mértola...

Segui-a, sim; mas ali fui assaltada imediatamente por uma cruel lembrança, que me fez derramar lágrimas todo o resto do dia.

Rconduziu-me; e apenas chegada deitei-me sobre a cama, aonde fiz mil reflexões sobre a pouca aparência que vejo de jámais sarar... Tudo que fazem, para aliviar-me, exaspera a minha dôr, e nos mesmos remédios acho motivos particulares de affigir-me...

Naquele logar te vi passar muitas vezes com um garbo e gentileza que me encantavam. Achava-me sobre esta varanda no dia fatal em que comecei a sentir os primeiros efeitos da minha desditosa paixão.

Pareceu-me que descjavas agradar-me, ainda sem me conheceres.

Persuadi-me que me tinhas distinguido entre todas as minhas companheiras.

Imaginei, quando te demoravas, que tinhas gôsto de que eu admirasse a destreza e bizzarria com que arremessavas o teu cavallo. Surpreendeu-me mesmo o susto que experimentei, quando o fizeste passar por um sitio escabroso.



C. de A.

Naquele lugar te vi passar...

Pág. 10





Emfim, interessava-me secretamente em todas as tuas acções.

Bem sentia que não me eras indiferente, e tomava para mim tudo o que fazias.

Tu conheces em demasia as consequências destes começos, e ainda que não tenha a guardar respeito, não devo contudo referir-tas, receando de aumentar os teus crimes, e de arguir-me de tantas diligências inúteis para obrigar-te a ser-me fiel...

Não o serás, ingrato!...

¿Como posso eu esperar das minhas cartas, e dos meus queixumes, o que o meu amor e intciro abandono não puderam vencer da tua ingratição?

Estou mais que certa da minha infelicidade, o teu iníquo procedimento não me deixa a menor razão para duvidar dela; tudo devo apreender, pois me abandonaste!

¿Os teus atractivos terão porventura só poder sobre mim? ¿Deixarás tu de parecer bem a outros olhos?

Creio que não desestimaria que os sentimentos dos outros justificassem de algum modo os meus, e quisera que todas as damas de França te reputassem amável, que nenhuma te amasse, e que nenhuma te agradasse.

Este projecto fantástico é ridículo e impossível; não obstante saber assaz de própria experiência quam pouco és capaz de uma tenaz afeição, e que para esquecer-me não carees de auxilio algum, nem de ser constrangido por uma nova paixão.

Talvez desejava conhecer-te algum pretexto com lume de razão... Verdade é que eu seria mais desgraçada, mas tu menos culpável.



Vejo, ainda mal, que te demorarás em França, sem grande contentamento, com plena liberdade.

As fadigas de uma viagem longa, quaisquer pequeninas obrigações, e o pejo de não saber corresponder aos meus transportes, são as causas que te retêm.

Ah! não me temas...

Contentar-me-hei com ver-te de tempos a tempos, e saber unicamente que vivemos no mesmo sítio, e respiramos o mesmo ar.

Mas quiçá lisonjeio-me, a severidade e rigores de outra mulher te comoveram mais do que te comoveram os meus favores...

¿Será possível que maus tratos tenham a eficácia de incender-te?

Reflete, porém, antes de enlear-te em uma grande paixão, e atende o excesso das minhas dolorosas aflições, a incerteza de todos meus projectos, a diversidade das agitações de minha alma, a extravagância das minhas cartas, as minhas confianças, as minhas desesperações, os meus anelantes desejos, os meus ciúmes...

Ah! guarda-te da infelicidade que te espera...

Conjuro-te de tirar proveito do estado em que eu eá, para que, ao menos, o que sofro por ti não te seja inútil.

Haverá cinco ou seis meses fizeste-me uma confiança molesta, confessando-me, com demasiada sinceridade, que tinhas amado uma dama no teu país...

Se é ela quem te impede de voltar aqui, dize-mo sem disfarce, para que cesse de finar-me lentamente.

Algum resto de esperança sustenta-me ainda; mas



se este deve ser frustrado, estimaria mais perdê-la inteiramente, e perder-me com ela...

Manda-me o seu retrato, e algumas das suas cartas.

Escreve-me tudo o que ela te diz.

Talvez descobrirei motivos de consolar-me, ou de ainda mais afligir-me.

Não posso aturar por mais tempo este trabalhoso estado em que permaneço: toda mudança me será favorável...

Quisera também possuir o de teu irmão, e o de tua cunhada.

Tudo que te pertence me é por extremo caro; e sou perfeitamente devota a tudo que te diz respeito.

Nada reservei para mim, nenhuma disposição de mim mesma...

Há momentos nos quais me parece que seria capaz de submeter-me até a servir aquela que amas...

Tanto os teus maus tratos e desprezos me tem abastido, que não ousa às vezes nem sequer cogitar que poderia, a meu parecer, demandar-te ciúmes sem desagradar-te, e que creio obrar com a maior semrazão em dirigir-te reproches...

Muitas vezes deixo-me convencer que não devo manifestar-te com insano furor, como faço, sentimentos que tu desdenhas.

Há muito tempo que um oficial espera por esta carta...

Tinha resolvido escrevê-la de modo que pudesses recebê-la sem desgosto, mas é demasiado extravagante... é necessário terminá-la.

Ai de mim! não me sinto forças para tomar esta

resolução. Parece-me que te falo quando te escrevo, e que me estás algum tanto mais presente...

A primeira que te escrever não será nem tão extensa, nem tão enfadonha. Poderás abrí-la e lê-la fiado na minha palavra.

Verdade é que não devo falar-te de uma paixão que te é desagradável, e dela mais não te falarei.

Daqui a poucos dias fará um ano que me abandonei toda a ti, sem alguma consideração e comedimento!

O teu amor parecia-me muito fervoroso e jámais teria pensado, nem por sombras, que os meus favores te desgostassem, até obrigarem-te a fazer quinhentas léguas e a expôr-te a naufrágios, só para te alongares de mim.

De ninguêem era de esperar semelhante tratamento!...

Podes lembrar-te do meu pudor, da minha confusão, da minha desordem... mas tu não te lembras de cousa alguma, que haja de obrigar-te, mal grado teu, a amar-me!

O official, que deve levar-te a minha carta, avisa-me pela quarta vez que quer partir.

Que pressa tem!...

Abandona certamente alguma pobre desgraçada neste país.

Adeus.

Custa-me mais acabar esta carta, do que te custou deixar-me, talvez para sempre.

Adeus.

Não me atrevo a dar-te mil ternos nomes, nem abandonar-me, livre de qualquer constrangimento, a todos os meus affectos...

Amo-te mil vezes mais que a própria vida, e mil vezes mais do que imagino.

Quanto me és caro, e quanto és cruel para mim!...

Tu não me cscreves!...

Não pude coibir-me de rcpetir-te ainda isto...

Torno a principiar, e o oficial partirá...

¿Que importa?... Parta embora...

Eu escrevo mais para mim do que para ti... Não procuro senão desabafar; assim também o cumprimento da minha carta te há-de meter medo...

Não a lerás...

¿Que fiz eu para ser tão desditosa?... ¿E porque inficionaste com veneno a minha vida?...

Ah! ¿porque não nasci em outra terra?...

Adeus; desculpa-me...

Não ousou rogar-te que me ames...

Vêde a que termos me reduziu o meu destino!...

Adeus!



CARTA TERCEIRA





### III

**Q**UE será de mim?... e que queres tu que eu faça?...

Vejo-me bem longe de tudo o que tinha imaginado!

Esperava que me escrevesse de todos os logares por onde passasses; que as tuas cartas seriam mui extensas; que alimentarias a minha paixão com as esperanças de ainda ver-te; que uma inteira confiança na tua fidelidade me daria alguma espécie de repouso; e que ficaria assim em um estado assaz suportável, sem extrema dôr.

Tinha até formado alguns leves projectos de fazer os esforços que me fôsem possíveis para curar-me, no caso de saber com certeza que me tinhas esquecido completamente.

A tua ausência, alguns toques de devoção, o receio natural de arruinar totalmente a pouca saúde que me resta por cansadas vigílias e tantas inquietações, a escassa aparência da tua volta, a fricza da tua afeição e dos teus últimos adeuses, a tua partida fundada em frívolos pretextos, mil outras razões mais que boas e demasiado inúteis, pareciam prometer-me um auxílio assaz certo, se me viesse a ser necessário.

Não tendo enfim a combater senão comigo, mal podia desconfiar de toda as minhas fraquezas, nem apreender tudo o que hoje soffro...

Oh triste de mim! Quanta compaixão mereço, visto não sermos ambos participantes das penas, mas eu só a desgraçada!...

Este pensamento mata-me, e morro de susto de que jámais tenhas sido extremamente sensível a todos os nossos prazeres.

Agora sim, conheço a má fé de todos os teus affectos...

Enganavas-me todas as vezes que me dizias ter sumo gosto de estar só comigo...

As minhas importunações devo sómente os teus desvelos e transportes...

De sangue frio formaste a tenção de me abraçar, e consideraste a minha paixão como um troféu, sem que o teu coração jámais fôsse comovido entranhavelmente...

¿Não deves tu ser bem infeliz, e ter bem pouca delicadeza, para nunca haver sabido colhêr outro fruto dos meus enlevamentos?...

¿É como é possível que com tanto amor eu não tenha podido fazer-te completamente venturoso?...



Lamento, por amor de ti sómente, as deleitações infinitas que perdeste...

¿Porque fatalidade não quiseste desfrutá-las?... Ah! se as conhecesses, acharias sem dúvida que são mais sensíveis de que a satisfação de me ter seduzido, e terias experimentado que somos mais felizes, e sentimos qualquer coisa de mais fino mimo em amar ardentemente, do que em ser amados.

Não sei nem o que sou, nem o que faço, nem o que desejo...

Mil tormentos contrários me despedaçam!...

¿Quem poderá imaginar um estado mais deplorável?...

Amo-te como uma perdida, e modero-me ainda assim contigo, até não ousar talvez desejar-te as mesmas tribulações, os mesmos transportes que me agitam...

Matar-me-ia, ou a não fazê-lo, morreria de dôr, se estivesse certa que nunca tinhas repouso, que a tua vida era uma contínua desordem e perturbação, que não cessavas de derramar lágrimas, e que tudo aborrecias...

Eu não me sinto fôrças para os meus males, ¿como poderia suportar a dôr que me causariam os teus, mil vezes mais penetrantes?...

Contudo não posso do mesmo modo resolver-me a desejar que não me tragas no pensamento, e para falar-te sinceramente, sinto com furor ciúmes de tudo quanto possa causar-te alegria, comover o teu coração, e dar-te gôsto em França.

Ignoro porque motivo te escrevo...

Vejo que apenas terás dó de mim, e eu rejeito a tua compaixão, e nada quero dela.

Enfado-me contra mim mesma, quando faço reflexão sôbre tudo o que te sacrifiquei...

Perdi a minha reputação, expus-me aos furores de meus pais e parentes, às severas leis dêste Reino contra as religiosas... e à tua ingratição, que me parece a maior de todas as desgraças...

Ainda assim eu sinto que os meus remorsos não são verdadeiros, e que do íntimo de meu coração quisera ter corrido muito maiores perigos por amor de ti, e provo um funesto prazer de ter arriscado por ti vida e honra.

¿Tudo o que me é mais precioso não devia eu entregá-lo à tua disposição?...

¿E não devo eu ter muita satisfação de o ter empregado como fiz?...

Parece-me até não estar contente, nem das minhas mágoas, nem do excesso de meu amor, ainda que, ai de mim! não possa, mal pecado, lisonjear-me de estar contente de ti...

Vivo, e como desleal, faço tanto por conservar a vida, quanto perdê-la!...

Morro de vergonha... ¿acaso a minha desesperação existe sômente nas minhas cartas?...

¿Se eu te amasse com aquelle extremo que milhares de vezes te disse, não teria eu já de longo tempo cessado de viver?...

Enganei-te... tens toda a razão de queixar-te de mim... Ah! ¿porque te não queixas?...

Vi-te partir; nenhuma esperanças posso ter de mais ver-te, e ainda respiro!... É uma traição...

Peço-te dela o perdão.

Mas não mo concedas...

Trata-me rigorosamente.

Não julgues os meus sentimentos assás veementes...

Sê mais difícil de contentar...

Ordena-me nas tuas cartas que morra de amor por ti...

Oh! conjuro-te de me dar êste auxílio, para poder vencer a fraqueza do meu sexo, e pôr termo às minhas irresoluções, por um golpe de verdadeira desesperação.

Um fim trágico obrigar-te-ia, sem dúvida, a pensar muitas vezes em mim...

A minha memória te seria cara, e quiçá esta morte extraordinária te causaria uma sensível comoção.

¿É a morte não é porventura preferível ao estado a que me abaixaste?...

Adeus!

Muito quisera nunca haver posto os olhos em ti.

Ah! sinto vivamente a falsidade dêste sentimento, e conheço neste mesmo instante em que te escrevo, quanto prefiro e prézo mais ser infeliz amando-te, do que não te haver jãmais visto.

Cedo sem murmurar à minha malfadada sorte, já que tu não quiseste torná-la melhor. Adeus.

Promete-me de conservar uma terna e maviosa saúde de mim, se eu falecer de dôr; e assim possa ao menos a violência da minha paixão inspirar-te desgosto e afastar-te de tudo!

Esta consolação me será suficiente, e se é fôrça que te abandone para sempre, desejára muito não deixar-te à outra.

Dize, não seria nímia crueldade a tua, se te ser-

visses da minha desesperação para pareceres mais amável, mostrando que acendeste a maior paixão que houve no mundo?

Adeus outra vez...

Escrevo-te cartas excessivamente longas, o que é uma falta de consideração para ti: peço-te nil perdões, e atrevo-me a esperar que terás alguma indulgência para com uma pobre insensata, que o não era, como tu bem sabes, antes de amar-te.

Adeus.

Parece-me que demasiadas vezes me dilato em falar do estado insuportável em que estou.

Contudo agradeço-te, do íntimo do meu coração, a desesperação que me causas, e aborreço o sossêgo em que vivi antes de conhecer-te...

Adeus.

A minha paixão cresce a cada momento. Ah! quantas cousas tinha ainda para dizer-te!...

CARTA QUARTA





#### IV

**P**ARECE-ME que faço grão menoscabo dos sentimentos do meu coração, em procurar dar-te deles um perfeito conhecimento, eserevendo-os.

Quam venturosa seria eu, se tu pudesses avaliá-los justamente pela veemênia dos teus!

Mas tu não és capaz de os julgar, nem eu devo pôr em ti essa confiança; assim vejo-me obrigada a dizer-te, e ainda menos vivamente do que o sinto, que não devias maltartar-me como fazes, mostrando um esquecimento de mim que me desespera por extremo, e mesmo a ti serve de vitupério.

É bem justo, ao menos, que toleres os meus queixumes dos infortúnios por mim previstos, desde que soube a tua resolução de me deixar.

Bem conheço que me enganei em pensar que terias



comigo um procedimento de melhor fé do que é costume; porque me parecia que o meu excessivo amor fazia-me superior a todas e quaisquer suspeitas, e merecia de ti uma fidelidade além da que se encontra de ordinário: mas tua propensão para traír-me venceu enfim a justiça que devias a tudo quanto por ti havia feito.

Não deixaria ainda de ser bem desafortunada, se soubesse que me amavas unicamente porque eu te amo, pois quisera tudo dever à tua própria inclinação.

Porém tão longe estou de um tal estado, que são passados seis meses em que nem uma só carta recebi de ti!

Todas estas desgraças attribuo à cegueira com que me abandonei a amar-te.

¿Não devia eu prever que todo o meu contentamento feneceria mais depressa que o meu amor?

¿Podia eu esperar que te demorasses toda a vida em Portugal, e que renunciasses a tua fortuna e o teu país para te ocupar sómente de mim?

As minhas penas não podem admitir alívio algum, e a lembrança dos meus prazeres remata a minha desesperação.

¿Como assim? ¿Todos os meus desejos se frustrarão, e não tornarei mais a ver-te na minha cela arrebatado da ardente paixão que me mostravas?

Mas ai de mim! quanto me engano! Em demasia conheço agora que todos os alvoroços que se apoderavam da minha cabeça e do meu coração, em ti eram excitados sómente por alguns delcites que acabavam tão rapidamente como êles.

Era-me necessário nesses momentos felicíssimos



implorar o auxílio da minha razão, para moderar o funesto excesso das minhas delícias, e para anunciar-me tudo o que soffro presentemente.

Mas entregava-me toda a ti, e não me achava em estado de pensar no que podia amargurar o meu júbilo, e impedir-me de gozar plenamente das fervorosas demonstrações da tua afeição.

Sentia demasiada satisfação de estar contigo, para poder lembrar-me de que um dia te acharias longe de mim.

Lembra-me, contudo, de haver-te dito algumas vezes que me farias desgraçada, mas estes receios desvaneciam-se immediatamente, e comprazia-me em fazer-te deles o sacrifício, e em abandonar-me ao encanto e à má fé das tuas protestações.

Diviso muito bem qual seria o remédio eficaz para os meus males, e deles me veria cedo livre, se cessasse de amar-te; mas ai de mim! que remédio cruel!...

Não. Antes quero sofrê-los, e muitos mais ainda, do que esquecer-te...

Ai! ¿depende isso de mim?

Não posso acusar-me de ter um só momento desejado não te amar.

Pode-se ter de ti mais dó que de mim; mais vale padecer quanto padecer, do que gozar dos languidos prazeres que te dão as tuas amigas de França.

Não invejo a tua indiferença, — fazes-me lástima!...

Desafio-te a esquecer-me inteiramente...

Lisonjeio-me de te haver reduzido ao estado de não teres sem mim gosto que não seja imperfeito, e sou mais feliz do que tu, porque tenho mais occupação.

Há pouco tempo nomearam-me porteira neste convento.

Todas as pessoas que tratam comigo presumem que estou louca. Não sci o que lhes respondo e é necessário que as Religiosas sejam tão insensatas como eu, para me julgarem capaz de algum emprêgo e cuidado.

Oh! quanto invejô a sorte do Manuel e do Francisco.

¿Porque não estou como êles sempre contigo?

Teria partido em tua companhia, e te serviria seguramente de melhor vontade.

Nada apeteço neste mundo senão ver-te.

Ao menos lembra-te de mim!

Contento-me com a tua lembrança, mas não ousou mesmo averiguar a certeza dela.

Em outro tempo não punha eu êsse termo às minhas esperanças, quando te via todos os dias: mas ensinaste-me bem a necessidade da perfeita submissão a todas as tuas vontades.

Não me arrependo, contudo, de haver-te adorado. Folgo mesmo que me seduzisses.

A tua ausência rigorosa, quiçá eterna, em nada diminue a veemência da minha paixão.

Quero que todos o saibam; não faço mistérios dela, e tenho a maior satisfação de tudo quanto fiz por amor de ti, contra todas as regras do decoro.

Não faço consistir a minha honra e devoção mais do que em amar-te perdidamente toda a minha vida, já que comeci a amar-te.

Não te digo todas estas cousas para obrigar-te a escrever-me.

Ah! não te faças violência!

Nada quero de ti que não seja espontâneo e de teu próprio movimento — rejeito todas as provas de amor que constringido me déres.

Comprazer-me-ia em desculpar-te, pela razão que te comprazieras talvez em evitar o trabalho de eserever-me: tão profunda é a minha disposição para perdoar-te todas as tuas faltas!

Um official francês teve a caridade de passar três horas, ou mais, comigo, falando-me de ti: disse-me que a paz da França estava feita.

¿Se assim é, não poderias tu vir aqui ver-me, e levar-me contigo para França?... Mas tanto não mereço... faze tudo o que te agradar...

O meu amor já agora não depende do modo por que me tratares...

Desde a tua partida, não tenho tido um só momento de saúde, nem sinto alívio senão em repetir o teu nome mil vezes no dia.

Algumas religiosas que sabem o estado deplorável a que me reduziste, falam-me de ti frequêntemente.

Saio o menos que me é possível da minha cela, aonde vieste tantas e tantas vezes, e aí contemplo o teu retrato, que me é mais caro mil vezes do que a própria vida.

Dele recebo algum contentamento, mas a êste succede uma dolorosa tristeza, quando reflito que não tornarei talvez mais a ver-te.

¿Porque fatalidade será possível que nunca mais te veja?...

¿Aeaso me abandonaste para sempre?...

Estou desesperada...

A tua pobre Mariana não pode mais...  
Desfalece acabando esta carta...  
Adeus. Adeus...  
Tem compaixão de mim.

CARTA QUINTA E ÚLTIMA





V

**E**STA é a última carta que te escrevo e espero fazer-te conhecer pela diferença dos termos e do estilo dela, que me persuadiste enfim que não me amavas, e portanto que devo cessar de amar-te.

Aproveitarei, pois, a primeira ocasião para mandar-te o que me resta de ti...

Não arreceies que te escreva, porque mesmo não porei o teu nome no sobrescrito.

De todas particularidades encarreguei D. Brites, a qual eu tinha acostumado a confidências mui diversas desta...

Os seus cuidados me serão menos suspeitos que os meus.

Ela há-de usar de todas as cautelas precisas, a fim de poder assegurar-me que recebeste o retrato e pulseiras que me deste.

Quero porém que saibas que desde alguns dias me sinto em estado de poder rasgar e queimar os penhores do teu amor, que tão extremosamente queridos tinham; mas dei-te a conhecer tanta fraqueza, que jámais terias acreditado que eu chegasse a ser capaz de uma tal extremidade...

Quero assim comprazer-me em toda a pena, que experimentei, separando-me deles e causar-te ao menos qualquer agastamento.

Confesso com vergonha minha e tua, que me achei mais apegada do que quero dizê-lo, a estas ninharias, e que senti serem-me de novo necessárias todas as minhas reflexões para desembaraçar-me de cada uma em particular, quando já me lisonjeava de não ser-te mais afeiçoada.

Mas tudo se consegue, sendo aí a vontade ajudada de tantas razões.

Entreguei-as a D. Brites... Quantas lágrimas me custou esta resolução!

Depois de mil agitações, mil incertezas que tu não conheces e de que não te darei conta seguramente, pedi-lhe com as maiores instâncias de não me falar mais nelas, de não restituir-mas, ainda quando lhas pedissem sómente para as ver uma derradeira vez, e de enviá-las finalmente, sem dar-me aviso.

Só conheci bem o excesso do meu amor, depois que quis fazer todos os esforços para curar-me dele, e creio que não teria ousado tentá-lo, se tivesse antes visto tamanhas dificuldades e tantas violências.

Estou persuadida que teria sentido perturbações menos desagradáveis, amando-te, ingrato como és, do que despedindo-me de ti para todo sempre.



Experimentei que te queria menos do que a minha paixão, e tive extraordinário trabalho em combatê-la, depois que os teus injuriosos procedimentos me fizeram a tua pessoa odiosa.

A altivez, própria do meu sexo, não me ajudou a tomar estas resoluções contra ti.

Ai de mim!

Tenho sofrido os teus desprezos, teria suportado o teu ódio, e até o negro ciúme que me causasse a tua afeição para outra; pois teria tido ao menos alguma paixão com que pelear, mas a tua indiferença me é insuportável!...

As tuas impertinentes protestações de amizade e os ridículos cumprimentos da tua última carta me fizeram ver que tinhas recebido todas as que te escrevi, que não moveram no teu coração nenhuns affectos, e que todavia as leste!...

Ingrato!...

Tal é ainda a minha loucura, que me desespero por não poder lisonjear-me que elas não chegassem até aí, ou que não te fôsem entregues.

Detesto a tua lhaneza...

¿Porventura tinha-te pedido de me participares singelamente a verdade?...

¿Porque me não deixavas as ilusões da minha paixão?...

Bastava não me escrever: eu não procurava ser alumiada e enganada.

¿Não é grande desdita a minha, quando vejo que não pude obrigar-te sequer a usar de alguma precaução, para continuar a trazer-me em doce engano, e que assim não sei mais como desculpar-te?...

Sabe pois que percebo enfim seres indigno de todos os meus sentimentos, e conheço todas as tuas ruins qualidades.

Porém se tudo quanto obrei por amor de ti pode merecer que dê alguma, ainda que ténue, atenção ao favor que imploro, conjuro-te de não me escrever mais, e de ajudar-me a perder inteiramente de ti a memória.

Se levemente mesmo me afirmasses ter sentido algum pesar, lendo esta carta, talvez te acreditaria, e talvez também a tua confissão e o teu consentimento me causariam despeito e ira, e tudo isto poderia atear em mim de novo a chama.

Não te embaraces pois com a minha conduta; derribarias todos os meus projectos, de qualquer modo que te quisesse ingerir neles.

Não quero saber o successo desta carta: não venhas perturbar aquele estado para o qual me disponho.

Parece-me que podes estar satisfeito dos males que já me causas, qualquer que fôsse o teu primeiro intento de fazer-me desgraçada.

Não me privas da minha incerteza; espero com tempo alcançar por meio dela alguma tranquillidade.

Prometo de não aborrecer-te; desconfio demasiadamente de todo sentimento violento, para ousar intentá-lo.

Estou persuadida que acharia neste país um amante mais fiel... mas ai! ¿quem podria dar-me amor?

¿A paixão de outrem teria acaso virtude de occupar-me?... ¿Que poder teve a minha sobre ti?

Não fiz eu a experiência, que um coração enternecido não esquece mais o que o fez descobrir transportes que não conhecia, e de que era capaz? — ¿que

todos seus affectos e movimentos estão profundamente arraigados ao ídolo que erigiu para a sua adoração? — ¿que as suas primeiras feridas não podem ser nem cicatrizadas, nem extintas? — ¿que todas as paixões que lhe oferecem socorro, e com todas suas fôrças tentam enchê-lo e contentá-lo, lhe prometem vâmente uma sensibilidade que não recupera mais? — ¿que todos os prazeres que procura, sem desejo de os encontrar, não servem senão para convencê-lo, que nada lhe é tão caro como a lembrança das suas penas?

¿Para que me fizeste conhecer a imperfeição e desgraçado de uma paixão, que não deve durar eternamente, e os infortúnios que acompanham um amor violento, quando não é recíproco?

¿E porque causa uma inclinação egga e um cruel destino se aferram de ordinário em decidir-nos por aqueles que nos desamam, e que seriam sensíveis a outros amores?

Quando mesmo eu pudesse esperar qualquer distração e recreio de uma nova afeição, em encontrar um homem sincero ao qual me liasse, tenho tanto dó de mim, que faria muito escrúpulo de pôr o mais ínfimo de todos no estado de miséria a que me reduziste; e ainda que eu nenhuma obrigação tenha de poupar-te, não poderia resolver-me a exercitar sôbre ti uma viugança tão cruel, no caso mesmo que ela dependesse de mim, por uma mudança que não prevejo.

Procuro actualmente desculpar-te, e compreendo perfeitamente que uma religiosa é em geral pouco amável.

Contudo parece que, se os homens fôssem susceti-

vcis de razão nas escolhas que fazem, devcriam antes namorar-se delas do que das outras mulheres.

Nada as estorva de pensar constantemente na sua paixão; nenhuma das mil consas que no século servem de occupação e divertimento as distraem.

Parce-me que não deve ser muito agradável ver as damas que amam sempre distraídas por mil bagatelas, e que é preciso ter bem pouca delicadeza para soffrer, sem uma desesperada impaciência, que elas falem tão sómente de assembleias, atavios, e passeios...

Elas estão expostos incessantemente a novos ciúmes, sendo elas obrigadas a obsequiosas atenções, a complacências e conversações infinitas.

¿Quem pode assegurar-se de que em todas estas occasiões não sentem algum deleite, e de que suportam sempre todos os deveres de seu estado com extremo enójo e nenhum consentimento?...

Ah! quanto devem elas desconfiar de um amante que lhes não pede contas bem exactas de tudo, que acredita facilmente, sem inquietação, quanto elas lhe dizem, e que com muita confiança e tranqüillidade as vê sujeitas a todas estas obrigações!

Mas não pretendo provar-te com boas razões que devias amar-me. Estes meios são péssimos, e outros muito melhores empreguei eu, que me não aproveitaram.

Conheço demasiadamente qual é a força do meu destino, para diligenciar superá-lo...

Hei-de ser infeliz toda a minha vida!...

¿Não o era eu quando te via todos os dias?

Morria de susto de que não me fosses fiel.

Queria ver-te a cada instante, o que não era possível.

Perturbava-me o perigo a que te arriscavas, entrando neste convento...

Não vivia quando estavas no exército.

Desesperava por não ter mais formosura, e ser mais digna de ti.

Murmurava contra a medioeridade da minha condição.

Imaginava muitas vezes que o amor, que parecia ter por mim, poderia de algum modo prejudicar-te.

Julgava, a meu parecer, que não te amava suficientemente; atemorizava-me a ira dos meus parentes contra ti.

Estava, enfim, em um estado tão lastimoso como aquele em que, presentemente, me acho.

Se me tivesses dado algumas provas da tua paixão, depois que estás ausente de Portugal, teria feito todos os esforços para sair também dele, e disfarçada em outros trajes, ir encontrar-me contigo...

Ai! que teria sido de mim se depois de chegar à França, tu ali de mim nenhum caso fizesses?

Que desordem! que desatino! que cúmulo de vergonha para a minha família, que tão cara me é depois que não te amo!

Bem vêes que, a sangue frio, conheço que era possível chegar a ser ainda mais miserável e mais digna de comiseração do que o sou, e que ao menos te falo uma vez na vida de bom siso...

Quanto a minha moderação te será grata!

Quanto ficarás contente de mim!

Não quero sabê-lo...

Já te pedi de não tornar a eserever-me, e de novo te suplico com a maior instância o mesmo.

¿Acaso nunca fizeste alguma reflexão sôbre o modo por que me tens tratado?

¿Não te vem ao pensamento jãmais as muitas obrigações que me deves, com preferênciã a todas as pessoas do mundo?

Amei-te como uma louca!...

Que desprêzo tinha para todas as cousas!...

O teu procedimento não é de um homem honrado...

A não teres tido aversão natural para mim, era forçoso que me amasses descomedidamente.

Deixe-me encantar por qualidades muito medíocres!...

¿Que obraste tu jãmais que houvesse de agradar-me?...

¿Que sacrificios me fizeste?...

¿Não correste após mil divertimentos?...

¿Descontinuaste porventura o jôgo e a caça?...

¿Não foste tu o primeiro a partir para o exército?...

¿Não foste o derradeiro a de lá voltar?... Expuseste ali loucamente a tua vida, apesar de haver-te rogado tanto de a poupar por amor de mim...

Não procuraste com diligência os meios de estabelecer-te em Portugal, aonde eras estimado.

Uma carta de teu irmão decidiu-te a partir, sem a menor hesitação.

¿E não soube eu que durante a viagem conservaste a mais alegre disposição?

Forçoso é o confessar que tenho obrigação de aborrecer-te mortalmente.

Ah! eu mesma carei todas as minhas desgraças...



Acostumei-te logo no princípio a uma grande paixão com demasiada candidez, e é necessário artifício para ser amada.

É necessário procurar com destreza os meios de inflamar: — o amor por si só não chama amor.

Pretendias que eu te amasse, e como tinhas formado êste desígnio, estavas resoluto a empregar todos os expedientes para conseguir o teu intento, até mesmo a amar-me devéras, se necessário fôsse.

Mas cedo conhecestes que podias sair bem da empresa, sem te deixar levar de amor por mim, e que esta paixão era escusada.

Que perfídia!...

¿Cuidas tu que pudeste impunemente enganar-me?...

Declaro-te que se por algum acontecimento fortuito voltares a êste país, eu mesma te entregarei à vingança dos meus parentes.

Vivi muito tempo em um abandôno e em uma idolatria que me horrorizam, e os meus remorsos perseguem-me com um rigor insuportável.

Sinto vivamente a vergonha dos crimes que me fizeste cometer, e falta-me, ai de mim! a paixão que me estorvava o conhecimento da enormidade delcs...

¿Quando deixará o meu coração de ser dilacerado?...

¿Quando me verei eu livre dêste embaraço cruel?...

Contudo creio que não te desejo mal algum, e que me resolveria a consentir que fôsses feliz...

¿Mas como poderás tu sê-lo jâmais, se tens um bom e bem formado coração?

Quero escrever-te outra carta para mostrar-te que

poderei talvez estar mais tranqüila dentro dalgum tempo.

Que gôsto será o meu de poder então lançar-te em rosto os teus iníquos procedimentos, depois que êstes já me não causarem comoção, e de dar-te a conhecer que te desprezo, que falo com a maior indiferença da tua traição, que esqueci todos os meus prazeres e todas as minhas penas, e que só me lembro de ti quando muito quero lembrar-me!

Convenho em que tens grandes vantagens sôbre mim, e que me inspiraste uma paixão que me fez perder todo o siso, mas pouco deves vangloriar-te disto...

Era joven, era crédula, tinham-me enecerrado desde a infância neste convento; aqui não tinha visto senão gente desagradável; jâmais tinha ouvido os louvores que me davas continuamente; parecia-me que te devia os atractivos e a beleza que dizias admirar em mim, e que me fazias conhecer; ouvia dizer muito bem de ti; todos me falavam em teu favor, tu fazias tudo para espertar o amor...

Mas, enfim, quebrei êste encanto... verdade é que me dêste poderosos auxílios, e confesso que deles tinha extrema necessidade.

Ao remeter-te as cartas, que tinha tuas, guardarei cuidadosamente as duas últimas, e as tornarei a lêr ainda mais vezes do que li as primeiras, como preservativo de recaír nas minhas fraquezas. Ah! quanto estas me custam caro, e quanto teria sido feliz se houvesse querido sofrer que eu te amasse sempre!...

Conheço mui bem que ainda com alguma demasia atendo à tua infidelidade e às minhas arguições queixosas; mas recorda-te que eu me tenho prometido um



estado mais sossegado, e que hei-de alcançá-lo, ou hei-de tomar contra mim alguma resolução violenta, cujo êxito conhecerás sem muito desprazer...

Mas de ti nada mais quero...

Sou uma insensata em repetir-te as mesmas cousas tantas vezes...

É necessário deixar-te, e desviar de ti para sempre o pensamento.

Creio mesmo que não tornarei a escrever-te...

¿Acaso tenho obrigação de dar-te exacta conta de todos os diversos movimentos do meu coração?

FIM DAS CARTAS DE AMOR



**CARTA DE GUIA DE CASADOS**





## PREFÁCIO BIOGRÁFICO

---

### I

**D.** FRANCISCO MANUEL DE MELO tem duas celebri-  
dades: a do talento e a da desgraça.

Da fama que lhe apregôa o espirito mais culto e universal do seu tempo, temos a prova perpetuada em livros numerosos, ainda hoje relidos com prazer e por estudo.

Da que lhe vem do infortúnio sabe-se pouco e nublamente.

Grande parte de suas obras é datada no cárcere.

O delito de que a justiça o arguiu, praticado ou aleivosamente atribuido, não o esclarecem os seus biógrafos mais esmerilhadores.

Quem mais colheu na tradição, e em documentos coveos, foi o snr. Alexandre Herculano.

Socorreu-se o eminente historiador de um manuscrito inédito que o autor da *Biblioteca Lusitana* tinha visto, e de que o snr. Inocêncio Francisco da Silva teve alguma notícia.

O snr. Herculano publicou dois extensos fragmentos daquele inédito, que o encaminhou em conjecturas tão judiciosamente depreendidas, quanto competia a espirito de tanta lucidez e rara intuição. \*

Sem embargo, a causa da prisão de D. Francisco Manuel de Melo não ficou dilucidada.

Também eu possuo o inédito, cujos fragmentos o snr. A. Herculano acompanhou de louvores tão dignos quanto honradores da memória de D. Francisco.

E, se outros documentos escritos por mão coetânea me não ilucidassem, êste bosquejo biográfico não iria adiantar nada ao que é já sabido àcerca do grande escriptor, prêso tantos anos, e não poucos desterrado.

As notícias, que encontrei, desatam todas as dúvidas, alumiam os pontos obscuros de vingança tão prolongada e desacostumada com fidalgos do porte de D. Francisco Manuel de Melo, ainda parente da casa de Bragança.

Posso afoitamente dizer que tenho bem travadas as scenas do drama em que tão innocente e illustre vítima foi imolada.

II

Abstenho-me de esmiudar os lanços mais notórios da vida do insigne soldado, diplomata e escritor.

São de sobra conhecidos das relações do abade de Sevér, de Costa e Silva, e do laborioso bibliófilo o snr. Inocência Francisco da Silva, relações que muito convêm ampliar com os acrescentamentos do snr. Alexandre Herculano, no citado periódico. \*

O meu propósito é deter-me tão sómente na parte desconhecida ou hipotética da sua história, a causa bem esquadrihada da sua desgraça — a prisão de dōze anos, funestamente continuados no destêrro.

Os passos mais gloriosos de sua vida, referidos por êle mesmo, devem ser lidos muito mais agradavelmente. Relata-os a D. João IV, com a verdade usada naquele tempo com os reis. Não podia desmentir-lhos o monarca, sendo invocado a depôr na veracidade deles. Os honrados serviços de D. Francisco Manuel de Melo tinham de si mesmos o galardão de poderem ousadamente entrar ao paço, e humilharem o rei que autorizava os afrontamentos e as vilanias.

É o que o leitor vai julgar do *Memorial*, em parte já conhecido dos extractos do snr. A. Herculano. Dou cópia inteira dêsse honroso documento, do qual escreveu aquelle perspicaz historiador... “é talvez o mais

---

\* Veja *Biblioteca Lusitana*, tom. II, *Ensaio biog. e critico*, tom. VIII, e *Dic. bibliogr.*, tom. II, pag. 437 e seguintes.

eloquente arrazoado, escrito na língua portuguesa, e que nunca se imprimiu. Dele tirámos o pedaço que acima ficou transcrito, e outro que vamos apresentar, como um modelo de veemência, sentimento, e estilo, para que de caminho se veja quam rica e bela é esta nossa língua portuguesa, que para exprimir affectos nem carcece de neologismos, nem de enredar-se de arcaísmos e de torcer-se no estilo metafísico-bárbaro dos rudes escritores do 15.º século». \*

Dêste manuscrito faz menção o snr. Inocência Francisco da Silva em duas partes da sua resenha das obras de D. Francisco Manuel.

Primeiramente diz: "E, se havemos de estar pelas tradições e memórias da época, nada menos verdadeiro que o delicto que lhe imputavam. Além do que a êste respeito se tem dito desde muito tempo, o snr. dr. J. C. Aires de Campos acaba de comunicar-me uma nota muito curiosa, lançada por mão contemporânea em um dos interessantes livros manuscritos que o mesmo senhor possui. Dela consta explicitamente que o motivo oculto da perseguição feita a D. Francisco fôra um encontro nocturno, que êste tivera com o próprio soberano, em casa de uma dama de alta qualidade (cujo nome a decência manda calar) *senhora de muito bem fazer a quem lho pedia*, que um e outro requestavam; e pela qual nessa ocasião vieram ambos às mãos, desembainhando as espadas, e acutilando-se mutuamente. Parece que a vantagem ficara então da parte de D. Francisco. Mas pouco depois da noute fatal, aparecendo

---

\* Panorama citado.



assassinado um criado da fidalga, a complacente justiça tirou azo d'êste successo para desagrar a majestade ofendida, lançando o assassinio à conta do seu atrevido competidor».

Volta o snr. Inocência F. da Silva a citar o mesmo documento, quando no catálogo das obras inéditas de D. Francisco Manuel, escreve desta forma:

— *Justificação de suas acções ante Deus, ante Sua Majestade, e ante o mundo contra as falsas calúnias impostas dos seus inimigos.* — Diz Barbosa que era um memorial, que êle viu, dirigido a el-rei D. João IV, começando pelas palavras: «Senhor: os romanos costumavam ouvir em seu senado os reis, etc.» e acabando com as seguintes: «Isto quero, isto promulgo, isto espero fazer». Não sei se porventura será êste o mesmo de que me dá notícia o snr. dr. J. C. Aires de Campos, declarando ter dele cópia em um dos seus volumes de miscelâneas manuscritas, onde tem o título: *Memorial a el-rei D. João IV, nosso Senhor. Oferece Francisco Manuel de Melo, prêso há seis anos por parte da justiça.* \*

É, com toda a certeza, o mesmo. Também o meu manuscrito, intitulado das duas maneiras em que o tem o snr. dr. Aires de Campos, e em que o viu o autor da *Biblioteca*, principia e termina pelas frases citadas por Barbosa, e contém a mesma nota que o snr. Inocência da Silva indica, no que respeita ao motivo da prisão.

---

\* *Dic. bibliogr.*

Agora segue o traslado da justificação de D. Francisco Manuel de Melo.

## MEMORIAL

A EL-REI D. JOÃO IV N. S.

OFERECE

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

*Prêso há seis anos por parte da Sua Justiça.*

*Justificação de suas acções, ante Deus, ante Vossa Majestade, e ante o mundo, contra as falsas calúnias impostas por seus inimigos.*

*Qui ambulat simpliciter ambulat confidenter: qui autem depravat vias suas manifestus erit:*

PROVÉRBS. C. IO. N.º 9.

## SENHOR

Os romanos costumavam ouvir em seu senado aos réus. Entendiam que a justificação própria de ordinário periga na pena, ou na voz alheia.

Maior documento é o de Deus, que não só ouviu as desculpas que Adão não tinha que lhe dar; mas ainda o chamou para que lhas desse.

Os príncipes cristãos que se desviaram desse antigo e bom costume, parece que tácitamente prometeram usar maior picdade com aqueles que não ouviam:

essa pode ser que fôsse a causa de se mudar este costume.

Apadrinham tamanhos exemplos a ousadia que tomo em aparecer por estas letras aos Reais pés de V. Majestade.

Quanto e mais, Senhor, que aos príncipes não menos os engrandece quem lhes pede justiça, que quem lhes pede mercês; pois por ambas estas acções lhes dão ocasião de exercitarem o grande poder de Deus na terra.

É presente a V. Majestade, é notório a todos como estou prêso há seis anos. Qual a causa, qual a prova, quais os respeitos, que tal o sofrimento, que tão esquisito o rigor com que ordenou a minha fortuna fôsse e seja tratado.

Não só no glorioso reinado de V. Majestade, mas em outros muitos antecedentes, se não tem visto — por semelhante acusação — prisão tão longa, sentenças tão rigorosas.

Eu fôra ditosíssimo se V. Majestade se mandasse informar desta verdade; de que poderiam avisar os tribunais, e os ministros.

E por que suposto que a minha justiça foi tantas vezes ventilada, quam poucas foi ditosa! E de todas scriam a V. Majestade sómente referidos pelos juizes seus pareceres sem que apresentassem os motivos em que os fundaram. Permita-me V. Majestade agora por princípio da clemência que invoco, represente aqui cu brevíssimamente o processo da minha causa.

Pela morte de Francisco Cardoso foram os maldores achados, e condenados à morte, e o mostrador dele a galés.

Em a tal sentença se toma por fundamento cometerem aquelle delicto por mandado de certa pessoa, que os réus vária e injuridicamente deram a entender ser eu.

Mas a sentença por ser dada entre outras pessoas não pode resultar em meu dano conforme a resolução do Direito tão vulgar, que até eu sei está assim escrito na ordenação Lib. 3.º art. 81.

Com tal pretexto de réu, fui prêso pelas justiças seculares, que depois de vários incidentes, remeteram a causa ao tribunal da corôa, porque ali se determinasse o ponto da jurisdição; o qual sendo julgado a meu favor, fui remetido ao juízo dos cavaleiros.

Pedi então nele se pronunciasse sôbre a prisão, a que ainda não estava pronunciado, e que para êste provimento, o juiz se regulasse pela devassa geral, que era só o acto legítimo donde podia, ou não, resultar-me culpa.

Suspendeu a deliberação dêsse requerimento, enquanto se ventilava a matéria do assassinio, em que aquelle quis envolver sua acusação com igual falência que na de mandante.

Finalmente declarou o juiz não continha o caso assassinamento, anulando o sumário, e procedimentos dos autos, deixando porêm as chamadas culpas em sua realidade.

Esta sentença se confirmou em segunda e terceira instância.

Por quais sentenças parece sem dúvida haverem usado de fundamentos contrários, porque não pode o sumário, e procedimentos do juízo secular serem nulos, sem que também o ficassem sendo as culpas, que me formavam por êles.

Assim, sendo julgada a nulidade do processo, se anulou também a validade da culpa, porque de causa notóriamente nula se não pode produzir algum efeito jurídico, e que válidamente prejudique: o que não só mostram as leis, mas toda a boa razão.

Sendo, enfim, entregue ao juiz dos cavaleiros, e havendo êle então de pronunciar sobre a prisão (como no despacho antecedente havia prevenido) pois já se decidira o não haver assassinio — declarou — não sei por que causa, me livrasse em seu juízo da prisão em que estava.

E por que se veja a violência, que ali padeceu minha justiça, é de saber, que ainda que a sentença do juiz se confirmou, foi sómente quanto à questão do assassinio, de que por então sómente se tratava; e não quanto à validade das culpas e pronunciaçãoo.

Isto é claro, por que se o juiz, antes de averiguado aquelle ponto, não quis deferir ao requerimento da pronunciaçãoo; e como podia a mesa, e a instância, adiantar-se a julgarem em mais do que se litigava de presente?

Assim, a título de réu, fui acusado pela via ordinária, pela culpa de mandante.

Pois se pelas três sentenças estava livre do assassinio, que era mandar matar por dinheiro, ou cousa que o valcsse, bem se segue que também fiquei livre de o haver mandado matar.

Por que as circunstâncias que se aniquilaram e destruíram pelas três sentenças, por se presumir mandara matar por dinheiro, eram as próprias que estavam já nulas, e sem algum crédito por se presumir que mandara matar sem êle.

E não constando de tal mandado, nem podendo



ser de effeito em meu prejuizo as declarações dos réus, várias e nulas, bem se segue haver sido mal condemnado pelo juiz dos cavaleiros em degrêdo perpétuo para a África, mil cruzados para a parte, duzentos para as despesas da mesa, e cento para seu juízo.

Prova-se melhor o excessivo rigor desta sentença, se o seguinte se considera.

Admitiu-me o juiz a defesa, condenou-me como indefeso: disseram contra mim os réus incerta e váriasmente: disseram em minha defesa quarenta testemunhas: êles convencidos por duas sentenças da Relação, no mesmo caso por falsários, havendo envolvido nele outras pessoas; as testemunhas que juraram por mim todas de grande crédito. Nunca se deu causa contra mim desta morte. *Eu provei uma tão justificada, como era vingar o matador o adultério que o morto lhe tinha feito.*

Os mesmos e maiores fundamentos havia para não haver de ser pela mesa, como fui condemnado em perpétuo degrêdo para a Índia; privação da comenda, dois mil cruzados para a parte, quinhentos para as despesas do tribunal, e cento para as do juízo: cuja execução em maior parte está já feita.

Conhece-se qual seja o ódio da parte que me persegue, não por verdadeira queixa, mas com ruim vontade, pois sendo esta sentença tão notavelmente rigorosa,—como disse a voz pública—ainda apelou dela, pedindo igualmente comigo a V. Majestade 3.<sup>a</sup> instância.

Permissão clara de Deus, que nas mãos de V. Majestade havia posto o remédio duma tão grande semrazão, para que visse o mundo, que nem ainda aquele

a cujo favor se dirigia, queria nela consentir, para que de nenhuma sorte houvesse effeito.

Concedeu-me V. Magestade a 3.<sup>a</sup> instância, consultaram a V. Magestade já os juizes; pende agora do árbitro Real a resolução.

A essa causa são os votos destes juizes consultivos, e não definitivos.

Este suave estilo guardaram sempre os mestres da nossa ordem, — e das outras — e lhes foi assinado pelos Sumos Pontífices, não certo para se aterem ao parecer dos successores; pois a clemência do Príncipe está sobre toda a autoridade; mas para se justificarem com os súbditos, em qualquer acção rigorosa, quando a pedissem as qualidades do réu, e do delicto.

Considero V. Magestade se com viva esperanza, posso estar de que sendo V. Magestade o árbitro, o Senhor, e o Mestre, haja de emendar o erro alheio, de que elles que tão sem causa justa eriminaram minha innocência, haja de moderar o excesso a que subiram meu castigo.

Veja-se com olhos de prudência, se do mais perdido homem da República se pode erer semelhante feito, quanto mais de um, a quem pela bondade de Deus, antes deste, se não impôs algum outro leve desconcerto.

Ninguêem ignora a paixão de que fizeram motivo alguns dos que me julgaram, para me condenarem; cujo effeito, eu mais adivinhei, que increei, prevenindo delc a V. Magestade muito antes de ser julgado por que sabia, que me tiuha a paixão certo do dano naquelle mesmo lugar, onde a razão me mandava buscar o remédio.

Não houve naquela sentença uma só cláusula, que não provasse o, que dela referiu o público sentimento.

Não só excede a pena à mensura da culpa, nem havida nem provada, mas ainda esquecida a lei, pela qual não há degrêdo nem um assinado para a Índia, fez como todos se lembrassem da causa, por que a lei se esquecia.

Condena em degrêdo perpétuo, pena impraticável, scñão contra o hereje, de cuja presença se deve velar a república.

Manda-me pagar maior quantia do que vale quanto possuo.

Castiga com privação de comenda, cousa tão sem exemplo, como sem razão; por que jámais se viu que por crime de qualidade não exceptuada, fôsse algum réu por algum título privado, nem do chapéu, nem do vestido que possue.

É a razão jurídica, por que em tais casos, a pena da condenação, sómente pode algar a quantidade e não o esbulho e menos a total privação que não esteja, como não está, admitida por direito expresso.

Emfim, Senhor, tais as passadas sentenças, que não receberam menos benefício, que eu próprio na comenda delas, as consciências dalguns que me julgaram e maior ainda as almas de outros, que já podem delas estar tão arrependidos, quanto necessitados de que a justiça de V. Majestade os alivie dêste encargo.

Mas porque a experiência me tem mostrado, que com armas mais dobres, além desta acusação, que estejam contra mim meus inimigos, impondo-me diante de V. Majestade várias, e falsíssimas calúnias, lícito me deve ser, Senhor, tomando de V. Majestade a de-



vida licença, tornar sequer esta vez por meus procedimentos, dando minhas obras a minhas palavras tanta confiança, como razão.

Sei não se esquece V. Magestade das obrigações em que nasci, e em que vivi com a sereníssima casa de Bragança.

Depois que nela entrou o snr. Infante D. Duarte, bisavô de V. Magestade por casamento com a snr.<sup>a</sup> Infante D. Isabel, até o dia presente, posso verificar que nenhum dos senhores desta real casa deixou de nascer, e se criar nos braços de meus parentes.

Irmãos foram, primos, e sobrinhos, de meu bisavô, e pai, D. Diogo de Noronha, D. António, D. Luís, D. Afonso, e D. Cristóvão, outro D. António, D. Luís, e D. Rodrigo de Melo, D. Diogo, D. António, D. Gomes, e D. Francisco, que todos viveram e morreram no serviço da sereníssima casa de Bragança, e nela occuparam com honra e fidelidade os maiores logares.

Primeiro e não com menos vantagens os Manueis, que com meus passados, e comigo tinham quasi igual parentesco, e entraram no serviço, e debaixo da protecção dos serenísimos príncipes avós de V. Magestade quando o segundo casamento do snr. duque D. Jaime, com a snr.<sup>a</sup> duquesa D. Joana de Majorca. Assim D. Francisco Manuel, D. Cristóvão, D. Diogo, D. Rodrigo, e outros que todos adquiriram para si, e para os seus, a honra de criados, e confidentes da sereníssima casa.

É, se estas são as causas por que entre os humanos se contráe obrigação, se produz confiança, também não são para esquecer, e basta que se não finjam, outros mais poderosos, e não menos certos princípios;

cuja memória só obriga a que V. Majestade tão liberalmente honre a muitos, e deles se confie.

Sabem todos os que professam o estudo da antiguidade, era D. Maria Melo, mãe de meu bisavô D. Gomes de Melo, filha de D. Francisco de Faro, segundo filho do primeiro conde de Faro, D. Afonso que foi irmão do 2.º sereníssimo Duque D. Fernando.

Bastava por certo a honra desta lembrança, para me fazer que adorasse quanto mais que amasse a Real Pessoa, vida, e Estado de V. Majestade, e sobrejamente para se ter por firme o coração de um homem, que sempre trouxe a honra diante dos olhos, como sabem amigos e inimigos.

Se o meu procedimento desmentiu a minha obrigação, eu quero ser o primeiro que o acuse. Permita-me snr. V. Majestade lhe represente minhas acções, por ver se dalguma delas fui contra aquilo que devia.

Não deixará V. Majestade de se lembrar que no mesmo tempo em que outros lhe faltaram, faltando as grandes mercês e benefícios, eu próprio, êste mesmo caluniado e perseguido D. Francisco, só pela mercê de se lembrar V. Majestade para se servir de mim, me dispus com todo o ânimo a fazê-lo na maior, e mais importante ocasião, e negócio, que à Real casa de V. Majestade havia acontecido.

Vive António Pereira que era então agente de V. Majestade na côrte de Madrid, por cujas mãos V. Majestade foi servido dirigir-me as ordens, como me devia empregar naquella acção, quando no ano de 1637 succederam neste Reino as alterações de Évora. Crcio também é vivo um Mateus Alvarcs que a V. Majestade servia nestas jornadas, e as fez várias ve-

zes à côrte, e à minha pousada, levando, e trazendo segredos, e confianças.

Não tinha V. Majestade a êsse tempo outro criado em Madrid, que António Pereira, e tinha — como é de erer — muitos émulos, muitos fiscaes, e muitos olheiros para as suas acções.

Satisfiz eu segundo meu pouco cabedal, a grande honra que V. Majestade me havia feito, dando cartas e informações ao Rei, valido, e ministros; avisando a V. Majestade dos secretos e expedientes que se tomavam nas juntas e conselhos, àcêrca daquele negócio, conforme o observava, e por minha indústria podia alcançar dos ministros com quem tinha sufficiente entrada; serviu-se V. Majestade agradecer-me por carta de 20 de 1637.

Nada tomou do instrumento o bom successo. E nem por eu ser inferior a tamanha causa, deixa de ser presente a V. Majestade e ao mundo, como se acertou em tudo o que convinha.

Sei que se deve à prudência com que V. Majestade o dispôs, não à diligência com que eu o solicitei. Mas nem por isto deixa de conhecer-se qual foi meu ânimo, e a minha diligência.

Pois, Senhor, ¿que prémios? ¿que vantagens? ¿que interesses me obrigaram a padeer tanto, como devia então? E agora quando incomparáveis os podia esperar das Reais mãos de V. Majestade — ¿quem fez que me desobrigasse de os mereer? ¿ou como depois os desmereci?

Foi mandado o conde de Linhares a Évora, e eu em sua companhia a Vila Viçosa, com aquelle fim que se podia esperar pudesse ter então em seus desígnios

a côrte castelhana dirigida por um ministro industrioso, e político, qual era o conde-duque.

¿E que era eu então, senão um requerente, que em tudo dependia do bom semblante de ministro tão poderoso?

Tão pouco a idade me favorecia. A honra supria por tudo.

Porventura o galardão que podia esperar de comprar àquele ministro, os sinais que êle não dissimulava, de desejar lhe revelasse alguns segredos dos que passavam neste reino, foram bastantes para me meter nos beiços outras razões, que aquelas que me ditava a obrigação, e o amor que tinha, e guardei sempre à real pessoa de V. Majestade, e a seu estado.

Se eu o finjo, se agora vāmente o alego a V. Majestade por serviço, fale por mim o effeito.

¿Haverá, Senhor, quem pese em justa balança êste serviço e êste procedimento com os dos que mais na feliz aclamação de V. Majestade se adiantaram, que deixe de ter estas provas por muito iguais às daquela fidelidade?

¿Não se sabe que o ser católico em Inglaterra, é maior fineza, que o ser cristão em Roma? ¿Ser português entre os castelhanos, há quem diga que é menos do que ser português entre os portuguezes?

Viu-se bem o effeito; porque apenas chegou a Castela a nova da aclamação felicíssima de V. Majestade quando por primeira diligência me mandou prender el-rei D. Filipe à Catalunha onde estava servindo com bom logar e aplauso.

Nenhum outro motivo teve aquela desconfiança, que as informações que poucos tempos antes eu hãvia

dado na còrte àcêrca dos ânimos de Portugal, pois principalmente daqueles que nas ocasiões da passada suspeita me foram mandados observar.

V. Majestade sabe quais eram, e Deus sabe se mo pagaram. Quis-me Deus salvar a vida para empregar melhor os riscos dela no serviço de V. M. a quem não tardei em ofrecê-la; mais que o que se tardou em me darem liberdade.

¿Quam alheios são, Senhor, êstes passos, de poder esperar por êles o cativo, a injúria, e a miséria daquela mesma vida?

Soltaram-me, e não sem prêmio, e honra, como constou a V. Majestade, pelos despachos que pus — quando vim — nas mãos reais de V. Majestade.

¿Acaso eu dei, ou duvidei, se havia de vir logo entregar essa liberdade que gozava no império de V. Majestade? Não por certo. O primeiro fui, que rompendo dificuldades, e deixando cómodos, vim a êste reino.

Antes de chegar a êle comeei a servir a V. Majestade, pois, entrando nos estados de Holanda, fui ali encarregado em nome de V. Majestade pelo embaixador Tristão de Mendonça do govêrno daquela armada que êle lá prevenira para socorro dêste reino.

Governei-a, e a conduzi a Lisbôa sendo aquele um dos maiores socorros que em seu pôrto entraram à custa de imenso trabalho meu; pela contrariedade dos tempos e falta de todos os meios necessários.

Justifiquei e assino particular o ânimo com que vinha, por só aleançar a honra de vassalo de V. Majestade fazendo por estudo de não pedir mercê alguma, por que desejava primeiro merecê-las.



Os postos para que V. Majestade foi servido destinar-me por sua real grandeza, se movia a fazer mercê deles não por algum género de diligência minha.

Aqueles em que todos cuidaram poderia ser empregado, se desviaram. Eu observando como pude o semblante de minha fortuna, em nenhum posto falei jámais, e dalguns procurei humildemente escusar-me; por que conhecia convir assim naquele tempo, tanto ao serviço de V. Majestade, como à minha conservação, até que o mesmo tempo qualificasse meus procedimentos, com o que, a prazer de todos, podia merecer outros logares.

Fui depois, em fôro de soldado, servir a V. M. a Alentejo. O como servi e obrei em um ano de assis-tência, dirão os cabos debaixo de cuja mão servia. Vivos são, honrados são, estou pelo que disserem.

No mesmo dia em que eu estava diante dum esquadrao, governando-o contra os inimigos de V. M. estava alguma pessoa,—que desta prática já haverá dado a Deus conta—nesse Paço, persuadindo a V. M. me mandasse prender, por que eu sem dúvida,—a juízo da sua bondade—ia com ânimo de me passar a Castela.

Fundava bem esta sua suspeita em me haver eu escusado de testemunhar contra Francisco de Lucena aquilo que eu não sabia. E êste tal, queria por fôrça que eu o soubesse, com pena de me ter a mim, e querer que me tivesse V. Majestade, e o mundo naquela conta em que êle tinha aquele ministro.

Fui desta acção avisado, por que a prática não parou nos ouvidos de V. M. Então por satisfação minha, tomando a ousadia da verdade escrevi a V. M.

uma carta a que V. M. com singular clemência foi servido de me mandar responder com outra, firmada da Real mão, em 4 de janeiro de 1642, servindo-se V. M. de honrar-me tanto, que se acham nella escritas estas palavras: "me pareceu dizer-vos que de vossos procedimentos tenho a devida satisfação. E fico certo que em tudo o mais que se oferecer de meu serviço procedereis sempre muito como deveis às obrigações de quem sois, e à confiança que eu faço de vossa pessoa".

Não houve ocasião, conselho, negócio, ou confiança naquele exército, em que os cabos dele a não fizessem de mim mui particular: pois será V. Majestade lembrado fui boa parte para se resolver a campanha daquele ano, tão bem lograda, como todos viram.

Sabem todos se não deu forma àquele primeiro exército sem meus papeis, parecer, e indústria. Examine-se bem quais destas acções foram simuladas. Veja-se em que faltei com a pessoa, com o juízo, e com a fazenda. E se para êstes empregos se achou outro mais diligente, ou mais oferecido.

Serviu-se V. Majestade depois de me mandar encarregar a condução de todas as tropas rendidas por suas armas em Castela, tirando-me para êsse efeito do exército em virtude duma sua Real carta, em que V. Majestade depois de considerar a importância dêste serviço, houve por bem de que se continuasse.

"Confianto de vós, e do amor com que me servis, procederis nesta ocasião como sempre fizestes em tudo o que se vos encarregou". E mais abaixo:

"Sendo certo que êste serviço que ora me ides fazer, se há-de avaliar em vossas pretensões como se fôra feito no exército, em que com tanta satisfação

minha o estáveis fazendo». Foi esta carta escrita em Évora a 17 de setembro de 1643.

Representei eu então a V. Majestade as razões que havia para que V. Majestade me escusasse de misturar com aquela gente, por que sem falta, isto seria dar novas asas com que voasse o ódio de meus inimigos.

V. Majestade o não houve assim por bem, mandando-me responder por bôca de seus ministros, podia estar seguro que a confiança que V. M. de mim fazia, se não embaraçava com semelhantes calúnias.

Concluido aquele negócio, que então era não de pequeno cuidado, se deu V. Majestade por tão servido do modo porque nele me houvera, que fez mercê de mandar escrever por carta de 5 de Outubro de 1643, o seguinte:

“Agradeço-vos muito o trabalho, e o acôrto com que tendes concluido êste negocio”.

Algumas, e várias vezes me escreveu V. M. mandando-me assistir em algumas juntas, com os maiores ministros, sôbre matérias de guerra, política, e conveniência: como se vê dos bilhetes por que fui chamado, que em meu poder tenho.

Vivos são, o ao lado de V. M. assistem alguns dos sujeitos que ali concorreram, e ouviram meus pareceres; testifiquem do zêlo, e amor ao real serviço com que sempre tratei aquelas matérias.

Pareceu a V. M. podia bem empregar-me a servi-lo na condução e cômodos dos soldados reformados de Flandres e Catalunha, que andavam na côrte; mandou-me assim V. M. por seu real decreto de 5 de novembro de 1641, e em muito breves dias, por minha



indústria despejei a côrte de requerentes, e povoei as fronteiras de reformados.

O expediente que depois se tomou sôbre seus soldados, conservando-se-lhes algum àparte, eu fui o primeiro que o arbitrei a V. M. por um papel, que para isso ofereci, muito tempo antes que se resolvesse.

É enfim se praticou na mesma forma que eu o havia proposto.

Mandou-me V. Majestade por decreto de 16 de novembro de 1643 recebesse em seu serviço os soldados que andavam vagos na côrte, daquelas tropas dos rendidos de Castela, das quais por minhas diligências, desfiz mais de setecentos homens, que para o poder do inimigo não voltaram, e dêstes reconduzi a V. M. em menos de três dias, uma leva de quinhentos soldados vélhos, que fui remetendo aos almazens, segundo V. M. me ordenara.

Não é para esquecer (nem ereio que a V. M. esquecerá), que achando-se quási toda a nobreza dêste Reino na campanha de Badajoz, fui eu escolhido dos generais para vir dar conta a V. M., de bôca, dos designios e potências de suas armas, e receber de V. Majestade as ordens de como se servia, elas se empregassem em seus progressos.

Entendia V. Majestade ser obrigado a dar fôrma de vida a Mamede Pereira de Lacerda, môço fidalgo de sua casa, filho de D. Maria da Cunha, camareira que hoje é da Rainha nossa Senhora.

Para êste efeito, sabendo que eu passava por mestre de campo para Flandres, e levantava gente neste reino, houve V. M. por bem escrever-me encomendando-me por carta sua e escrita em Vila Viçosa a... de...

que pelas obrigações que tinha a Mamede Pereira, desejava V. M. que eu me encarregasse do seu cômodo: assisti-lhe de maneira, que sem que êle houvesse alguma hora saído da côrte de V. Majestade, o fiz prover duma companhia de infantaria, o levei e deixei em Flandres encaminhado a tal fortuna que se não resolveu êle a deixá-la, nem ainda quando no crescimento da grandeza de V. M., se lhe estavam prometendo muitos aumentos.

Neste próprio tempo e ocasião me encarregou V. M. outro tal cômodo, para a pessoa de Teodósio Tavares, também criado de V. M.; e sem que êle houvesse servido na guerra, só por obedecer a V. M. o provi duma bandeira. Foi, e esteve em Flandres, donde veio digno de V. Majestade o fazer sargento-mór de um terço desta cidade.

Foi V. Majestade encarregado do govêrno das armas dêste Reino; posto (ao que então se pode observar) sollicitado pelos inimigos de V. Majestade em cujo exercício, a êste respeito, convinha haver grande vigilância. E por que aquellas matérias não eram muito presentes a V. Majestade, quis V. Majestade que lhe apontasse o modo por que se devia haver na direcção das armas; e sem embargo de estar ausente enviei a V. Majestade um papel pelo qual oferecia a V. Majestade todas as advertências não só competentes ao posto, mas à conservação da autoridade de sua Real pessoa, que tão bem se logrou depois.

Dois dos maiores negócios externos competentes à conservação desta corôa, foi V. Majestade servido de me querer encarregar dentro em uma semana estando em Évora.

Um se scriuiu V. Majestade de comunicar-me em sua Real presença; outro me mandou V. Majestade tratar pelo secretário de estado, que por ambos haverem contido segredo não declaro, nos quais, não fiz a V. Majestade menor serviço (havendo representado minha insufficiêcia) de que o fizera encarregando-me de cada um deles, donde nasceu encarregarem-se a outras pessoas capazes, que deles deram mui boa conta; devido em alguma maneira àquela útil e humilde desistência que em mim acharam, fundado no conhecimento que de mim tinha de que V. Majestade se deu por muito satisfeito.

Êstes foram, senhores, meus progressos em dois anos e meio que assisti sôlto, na côrte, e no exército de V. M. Mande V. M. agora a meus émulos, que declarem quais foram os outros por que me caluniam. Quais foram meus desígnios vistos por minhas obras, ou vindicados por elas nestes seis anos de minha prisão.

Daqui donde não podia servir a V. M. com a pessoa na maneira que me era possível, jámais estive ocioso em seu serviço.

Achar-se hão nas secretarias de V. M. papeis, cartas, e lembranças minhas, prevenindo, lembrando, e pedindo a V. M. aquilo que, a meu fraco juízo, parecia mais conveniente nas presentes ocorrências.

Publicaram os inimigos dêste reino, e de V. M. livros, e inventivas contra a honra dele e seu real direito, tomei a pena e me opus a seu desconcerto, e escrevendo contra os émulos na maneira que o mundo sabe.

Por semelhantes serviços fez V. M. avantajadas

mercês e pela escrita dum só livro, em matéria discutida, e abundante, se serviu V. M. de dar o seu desembargo do Paço ao dr. Francisco Vaz de Gouveia.

Do crédito que os estrangeiros deram a meus escritos, não é inventora a vaidade; mas testemunha a experiência; vê-se a conta que deles se tem feito, achando-se alegados largamente em comprovação dos procedimentos violentísimos dos émulos de V. M., donde êles, e sua voz, recebem a confusão que se conhece.

Apenas tive notícia de que V. M. gostaria ver escritas as vidas dos sereníssimos Reis Portuguezes, para correrem com suas medalhas pelo mundo, logo me dispus a fazer a V. M. êste serviço; cuja execução está bem próxima, que por minha parte se não retarda.

Sucedeu o milagroso caso quando Deus nos guardou a vida de V. M. (que guarde, e prospere por muitos anos). Houve V. M. de o fazer assim manifesto às gentes, e ouve esta própria pena de ser uma das que o publicaram, servindo-se V. M., que o meu papel por direcção de seus ministros fôsse aos ministros, Príncipes, e Nações amigas, em cujas línguas corre há muito convertido; sendo êste um meio por onde novamente se conhece a justiça de V. M. pelo grande cuidado com que Deus guarda a sua pessoa, e inocência.

Havendo hoje neste Reino tantos sujeitos grandes, teve V. M. por bem, que sendo eu o menor deles, me occupasse em historiar a vida, e feitos do Sr. Duque D. Teodósio que Deus haja seu pai sereníssimo.

Senhor, se estas são minhas acções exteriores, examinem-se as interiores; pelas quais logo o ânimo dos homens é reconhecido.

¿Quais são os meus tratos? ¿Qual o ânimo? ¿Que sofrimento? ¿Que pesar ou alegria com os bons, os maus sucessos públicos? ¿Que pessoas são as de minha amizade? ¿Que tais as razões que me são ouvidas?

Constará que minhas correspondências são com os sujeitos mais graves dêste reino, e de maior religião, e virtude; que aqueles com quem tenho mais estreita amizade, e me fazem graça de a quererem ter comigo, são os ministros, e criados de V. Majestade mais confidentes, e mais para o serem.

Fóra de Portugal, aqueles que de mim tem alguma lembrança, e eu a conservo para com êles, são os embaixadores, residentes, secretários, e outras pessoas de quem V. Majestade faz toda a conta, e estimação.

Meus comércios são as lettras, e os livros, em que maior piedade, e hora se acha, como é notório.

Meu sentimento e alegria é aquele e aquella que um bom e zeloso vassalo deve ter nos prósperos, e adversos acontecimentos da sua pátria.

É constante, que succedendo neste reino, depois que eu a êle vim, quási todos os casos de infelicidade (sem os quais não quis Deus conceder a glória de vermos a V. Majestade em seu trono) foi também êle, servido por sua infinita bondade, que havendo-se enredado naquelas matérias muitas pessoas com culpa, ou sem ella, não fui eu nenhuma dessas.

Não é menos certo que em nove anos de Portugal, em seis de prisão, e em quási todos de perseguição foi sempre tão claro, e tão singelo o meu procedimento que apesar do arteficio dos émulos não houve nunca logar de me ocasionarem esta última ruína.



¿Onde se achará, Snr. no mundo um mau que assim saiba, e assim possa reprimir a sua malícia? ¿E por que se não acabará de crer que é bom, quem por tantas obras, e por tantos anos o tem mostrado?

¿Que maldade não comete, quem contra um proceder tão justificado pretende opôr sombra de maliciosos pensamentos?

Dou todos por testemunhas da moderação com que levo meus trabalhos.

¿Acaso ver-me enterrado vivo, no melhor da minha idade, quando pudera esperar possuir o que vejo desperdiçar aos outros, tirou alguma hora de mim uma só queixa, uma só palavra impaciente?

¿Vendo encaminhar a uma total ruína minha justiça, e tendo por certo havia pessoas, que folgariam de ma não achar, e chegando a tanto, que ma não acharam, ¿foi porventura tamanha causa bastante para que eu quebrasse êstes cadeados de bons respeitos que voluntariamente havia lançado em minha própria bôca?

Cansei a V. Majestade alguma hora, com pctições de melhoras, ou alívio de prisão, senão que padecendo meus males, e trabalhos, me acomodei sempre de tal sorte com a prisão que V. Majestade me assinou, que já pode ser que pela conformidade com que a levava, houvesse quem dessa temperança quisesse fazer artefício.

¿Ouvii alguêm o meu nome antes de agora pelos tribunais, acusado de algum delicto?

Esta observação é um dos incentivos que mais estimula a meus contrários, a fazerem hoje contra mim todo o esforço da sua malícia.

Sabem, que livrando-me Deus desta acusação, não acharam, nem acharão outra em que poderem empecer-me.

Não incluída só em Portugal a fama da violência, com que de meus inimigos era tratada minha justiça, vouu tanto, que chegando aos ouvidos do Cristianíssimo Rei de França, como verdadeiro irmão, e fiel amigo de V. Majestade procurou concorrer com sua autoridade Real, escreveu a V. Majestade a seguinte carta, não sei se mais em recomendação da minha causa, que em desagravo da justiça dêste reino:

“Muito alto, muito excelente, muito poderoso Príncipe, nosso muito caro, e muito amado bom irmão, e primo.

O snr. D. Francisco Manuel, vassalo de V. Majestade, e que de presente está prêso na tôrre vélha de Lisbôa por causa duma falsa acusação, que lhe foi levantada por seus inimigos, os quais aproveitando-se de sua retenção com escurecer manifestamente a verdade, acertaram de maneira, que por êsse respeito êle foi condenado a servir a V. Majestade na Índia. Mas por quanto é fidalgo de merecimentos e que os serviços que nos fez, em nossos exércitos nos convidam a compadecer-mo-nos da desgraça que lhe há succedido, escrevemos esta carta a V. Majestade para lhe rogar com toda a afeição que nos é possível, lhe queira conceder a graça que lhe é necessária, para que êle não satisfaça tal condenação, o que me será testemunho da conta que V. M. quer ter da minha recomendação, que por êste sujeito se emprega de tão boa vontade como eu peço a Deus, muito alto, muito excelente, e muito

poderoso príncipe nosso muito caro, e muito amado bom irmão, e primo, tenha a V. M. em sua santa e digna guarda.

Escrita em Paris a 6 dias de novembro de 1648.  
Vosso bom irmão e primo.

Lufs.

Foi tão atento ao grande decoro que devia à justiça de V. Majestade, que havendo eu recebido esta carta de cl-rei cristianíssimo para V. Majestade de que com tanta razão podia confiar muito, desviei que ela se apresentasse a V. Majestade por mãos de algum ministro de França, oferecendo-a eu a V. Majestade pelas do secretário do expediente, afim de não obrigar a V. Majestade contra o seu ditame, a alguma correspondência com aquela corôa, ainda a trôco da minha utilidade.

Presentemente dcixei de valer-me da intercessão dos Príncipes Palatinos, com quem tinha algum conhecimento de Inglaterra, e da Rainha sua mãe, e irmãos quando me achei em Holanda, sendo de alguma maneira invitado com sua autoridade para êsse efeito, só por me não parecer justo oprimir as resoluções de V. Majestade com extraordinárias diligências.

Desejava, e desejo de alcançar o benefício de que necessita minha fortuna, ou da grandeza de V. M. ou da virtude da minha justiça.

Mas se depois de tão vivas razões particulares, podem ter lugar as comuns, por singular favor peço a V. Majestade se sirva de mandar ouvir o que àcerca de minha causa, procedimentos, e pessoa, diz o povo, de quem se afirma por sua bôca fala Deus.



Mande V. Majestade ouvir os soldados, os virtuosos, os amigos de letras; ouça V. Majestade os bons, como melhores que são e mais dignos de serem ouvidos, e de serem criados dos príncipes, ouçam-se aqueles em cujo poder estou há seis anos. Mande-se V. Majestade de todos êles informar àcerca de minha vida, ditos, e feitos: mande V. Majestade contar o número de meus amigos, e de meus inimigos.

¿Que artefício será aquele que tanto saiba fingir? ¿que indústria a que de tantos se recate, e a todos engane?

¿Não é, Senhor, mais próprio, mais prudente, e mais eristão diseurso, entender que erram um ou dois primeiro que tantos? ¿que se enganam os poucos antes que os muitos? ¿E que podem fingir os inimigos aquilo que não podem fingir todos?

Um ano inteiro estive preparado para haver de ir ao Brasil (como se entendia): não foi V. Majestade servido que assim fôsse. E com me vêr fiar incertamente, haver gastado, e ter perdido o pouco que tinha de meu, nem por isso fiz a V. M. alguma lembrança, nem outra diligênciã; não se ouviu que eu neste caso me queixasse mais da minha fortuna.

Era obrigado a crêr e sem dúvida eria, que no real peito de V. Majestade, se tinha tomado comigo resolução justa, e conveniente.

Seria grave crime meu, se sabendo (como sei) se não esquecesse V. Majestade das verdades que aqui refiro, esperasse da sua real mão, menos que uma deliberação em tudo de V. Majestade, como toda de V. M. há-de ser; e eu por essa a hei-de seguir, e venerar.

À vista desta modéstia, e quando cuidava me entrava a clemência pelas portas, e o fim dos trabalhos padecidos, me vejo de novo apertado, e oprimido, donde é bem para sentir mais a causa, que o efeito.

A confusa notícia que se me deu dos motivos desta novidade, é haver V. Majestade tido aviso, de que eu pertendia usar mal da confiança, que de mim se fazia nesta prisão, e eu não desmereci, enquanto se passaram quatro anos que a gozei; nem por algum excesso dei causa a repreensão, ou arrependimento de quem de mim a fazia.

Diferentes sobressaltos, mais urgentes perigos, tinha padecido minha justiça em todos os tempos passados, e em outros ânimos, que não eram o de V. Majestade, e mais fei eu tanto dela, e do meu ânimo, que por nenhuma contingência me veio tal modo de remédio ao pensamento.

Pensamentos dificultosos são de provar; mas só as obras tem por seus fiadores; o que tenho obrado servirá de prova ao que tenho desejado.

Está hoje minha causa só pendente do arbítrio de V. Majestade, e ainda que essa razão me podia ter animado a lhe esperar bom successo, muito maior é a esperança que nasce das demonstrações, sendo V. Majestade servido de responder ao secretário do expediente, quando dele recebeu a carta de el-Rei cristianíssimo, me assegurasse (como me assegura) se informaria V. Majestade com o mais favorável voto dos Accessores, ainda que êsse fôsse o único.

Esta própria luz observaram sempre da clemência de V. Majestade todos os ministros e pessoas grandes,

que de mim compadecidos, ofereceram a V. Majestade como bons vassallos a lembrança da minha causa, por digna matéria, em que pudessem exercitar-se a grandeza e piedade como geral agradecimento.

¿Quem seria logo tão sem fé, e sem juízo, que à vista desta real promessa, e destas benignas demonstrações houvesse de acobardar-se?

¿Como quereria perder aquele mérito, que se tem por adquirido sem dúvida; em o passado sofrimento? O desconto do que padeci em seis anos de prisão, a que as leis, a razão, e a piedade tanto olham, que o reputam por uma grande parte do castigo.

Não havendo V. M. por bem de me mandar ao Brasil, como se dizia, cuidava justamente, podia entender que V. Majestade como rei, senhor, e mestre nosso, se movia a ter maior compaixão de meus trabalhos, e não vinha em querer se me dilatasse em um tão remoto destêro.

¿Como se conforma esta esperança, tão justamente fundada, com a desesperação de que, sem alguma causa, fui caluniado?

Presentíssimo é a V. Majestade, como nestes mesmos dias, atentos os grandes apertos, e faltas de fazenda em que me vejo, fiz rogar instantemente a V. Majestade, e instantemente da minha parte, pelo conde de Redondo, e depois pelo padre António Vieira, fôsse V. Majestade servido de me mandar passar desta tôrre ao castelo de Lisbôa.

Foi esta pretensão tanto nos próprios dias em que a V. M. parece se devia dar aviso de movimento (ou por melhor dizer de meus inimigos) que juntas recebi as novas de que a V. Majestade estava proposta a mu-

dança de minha prisão; e de que V. M. ordenava fôsse apertado nesta.

Foi sem falta, misericórdia e providência de Deus (que aos injustamente perseguidos não desampara) guardar-se para êste tempo esta calúnia; por que fôsse ela mesmo quem por minha parte a convencesse.

Por que, Senhor, e em que entendimento cabe, e pode ter entrada, que nos mesmos dias em que a V. M. disseram tratava eu de aproveitar-me das comodidades dêste lugar, para me sair dele, estivesse eu com repetidas instâncias nestes mesmos dias pedindo a V. M. me mandasse tirar daqui, e para parte donde parece que de todo se ficára impossibilitada a execução de tal pensamento, quando em mim o houvesse?

Bem creio não duraria no ânimo de V. M. o crédito desta suspeita, (quando por minha desgraça o houvesse havido) mais que o que chegasse à memória de V. M. esta lembrança.

Eu deixei prémios por vir buscar a V. M., entreguei-lhe por eleição, e por amor a liberdade que possuía: nada disto se mudou, nem mudará em toda a vida, por quanto nas pessoas de juízo, e cristandade, o castigo não induz desafeição da parte de quem o dá, nem da parte de quem o recebe: castiga o bom pai, e o bom senhor, e o que o não é deixa viver sem castigo ao filho, e ao súbdito, como que se lhe dá pouco da sua perdição.

Se eu o merecesse, e V. M. me castigasse, ânimo, e juízo me deu Deus para o saber agradecer; se o não merecesse, e V. M. me castigasse, ânimo, e juízo me deu Deus para saber discernir as acções de V. M., das de meus inimigos; e conhecer que sua malícia deles

inexcusavelmente obrigaria em vez de justiça a que contra mim se fizesse qualquer severa demonstração.

Tenho inimigos descobertos e incobertos, sabe-o, conhece-o, e conhece-os V. M. Tomo a Deus por testemunha de que não mereço ódio de nenhum, nem de ninguém. Todavia não descansam de fulminar meu dano. Não me vale para com elles, o calar, e o sofrer; mas para com Deus, e para com V. M. muito espero que me valha.

Verem que V. M. se detêm, em consentir a ruína que elles me desejam, é um novo estímulo, que está concitando a mais crueis efeitos sua ruim vontade.

Conheceram, que já aqui não tinham outra alguma causa, com que criminar o meu procedimento; inventaram esta, por ser a causa que mais levemente se deve crêr de um prêso, o desejo da liberdade; sem saberem medir, que ela para mim por êste meo era mais dura que a prisão e destêrro, pois me negava a esperança, que não perderei nunca, de alcançar algum tempo, a graça de V. Majestade, e o suave repouso da pátria, que sôbre todas as felicidades, é desejado dos homens.

Senhor, castigando-me V. M., perdoando-me, mandando-me para os fins da terra, tendo-me neles, eu sou, e serei dos mais fieis, e verdadeiros vassallos dos que a V. Majestade amam, e obedecem.

Aquele que nunca faltou aos homens com a verdade, nunca enganou amigos, e conhecidos, nem ninguém do mundo, êste tal, senhor, é certo que tem feito largas provas para não haver de faltar a seu senhor, e a seu rei, a quem se deve mais verdade, a quem se ama mais, a quem se teme mais, e de quem mais que dos outros se espera e depende.



Mostrará o tempo o que prometo; verá V. Magestade: saberão êstes reinos se Deus me der vida, se V. Magestade ma deixar empregar em seu serviço, que castigado, desprezado, e cheio de trabalhos procedo tão alegre, e tão constante em minha obrigação, como aquele que mais possui favores, e prémios.

Espero, já que no estado próspero não pude obrar de sorte que deixasse de parecer digno de castigo, que no estado de minha miséria obre de maneira, que a todos pareça digno de lástima, e perdão.

Ocasões passadas houve, em que muitas vezes offeci a V. Magestade o sangue, e a vida, que é sua. É assim como aquele que deve lhe não é lícito escusar-se de pagar sua dívida, a quem e a onde lhe manda seu aeredor; assim também ao bom vassalo, não é lícito escusar de dar sua vida na parte, e como lhe manda seu senhor.

Isto conheço; isto promulgo. Isto protesto fazer».

#### IV

As ilações mais relevantes que se colhem dêste *Memorial* são: 1.<sup>a</sup> que um certo Francisco Cardoso fôra assassinado em vindita do adultério cometido com a mulher de um dos assassinos, ou, mais provavelmente, do condenado a galés, por ter mandado os outros; 2.<sup>a</sup> que algum dos réus depusera que D. Francisco Manuel de Melo comprara os assassinos de Francisco Cardoso; 3.<sup>a</sup> que o réu se defendeu com testemunhas do maior crédito, provando, ao mesmo tempo, que o assas-

sinado havia sido amante da mulher de um cúmplice já condenado como tal.

Estas razões, ainda rebustecidas com outras, não impediram que D. Francisco fôsse condenado, na segunda instância, em degrêdo perpétuo para a Índia, e 2:600 cruzados de custas.

Não se comprehende tamanha iniquidade. Há um braço omnipotente que obriga os juizes a condenarem, a despeito das quarenta testemunhas que no tribunal se afrontam com o inimigo misterioso do prêso.

A vida do obscuro criado de certo fidalgo não podia ser tão preciosa quanto a condenação inculca, já mais se o conjurado na morte delc é fidalgo de tanto tômo e com tantos serviços assinalado.

Não se dispensa, pois, que D. João IV seja o perseguidor mal rebuçado que de dia para dia vai engrossando os ferrolhos que encarceram o seu, já noutros tempos tão fiel amigo e partidário. Vem logo a tradição desvelar o segredo, referindo que o rei, concorrendo à mesma dama com D. Francisco, se travara com êle, no escuro de um pátio, e, de espada arrancada, disputára o acesso ao camarim da requestada.

Dado que assim fôsse, ¿que tem que ver o assassinio de Francisco Cardoso com o recontro nocturno do rei e do fidalgo? ¿Desceria D. João IV a solicitar dos magistrados que o desforçassem, colorindo a vingança? ¿Revelaria o seu desconesto segredo, tendo à real mão outros expedientes de vingança mais sumários? ¿Não se teria dito no processo, ou não diria D. Francisco Manuel no *Memorial* que razões de suspeita poderam incriminá-lo na morte de Francisco Cardoso?

É escureza que a tradição deixou entenebrecer-se mais com o dobar dos anos. Se alguns genealógicos a puderam desfazer, enfreou-os o respeito, o medo, a transigência com certos decoros, sinónimos de certas desonras. Não obstante, como os linhagistas, fechados em seus gabinetes, não se temiam de escrever as volumosas costaneiras que hoje os seus descendentes trocam a romances, ou por um jantar—veniaga mais digna de indulto—aconteceu que a história do autor da *Carta de Guia de Casados* ficou escrita minudenciosamente em um dos dez tomos de linhagens, que possuo, e foram escritos por Joseph de Cabedo e Vasconcelos, natural de Setúbal, e Manuel Monís de Castelo Branco, natural da Vila de Fronteira, ambos contemporâneos de D. Francisco Manuel de Melo.

Antes de levantar de todo o capuz do mistério, quero dar a cópia da nota, que segue o meu traslado do *Memorial*, e que tem pontos de analogia com a do manuscrito do sr. dr. Aires de Campos, conforme a referida informação do sr. Inocêncio Francisco da Silva.

Diz assim:

#### ADVERTÊNCIA

*A sentença de que aqui se faz menção foi dada em uma segunda feira, 2 de março de 1648, estando prêso (D. Francisco) na Torre da Cabeça Sêca, perto de 4 anos; e, depois, em virtude dêste Memorial, a terceira instância que se lhe concedeu e outras diligências, estando mais 3 anos prêso, se lhe cumutou o degrêdo*



da Índia para o Brasil, como consta da sua carta declamatória ao príncipe D. Teodósio. \*

A morte que se fez foi a um Francisco Cardoso, criado do conde de Vila Nova, D. Gregório; foram enforcados três homens por ela, e um que entregou o morto aos homicidas foi condenado a galés.

Item: dizem que a má vontade com que el-rei D. João 4.º se mostrou nesta dependência de D. Francisco, procedera de se encontrar com êle uma noite em a porta do pátio das columnas que está nas casas contíguas ao Limoeiro, em que morava então a condessa de Vila Nova, (senhora de muito bem fazer a quem lho pedía) e porque tinha dado ponto, senha e hora, uma noite, a D. Francisco Manuel, e deu a mesma em tudo a el-rei, que também era opositor, não sabendo um do outro, pretendendo subir a escada ambos ao mesmo tempo, e não querendo ceder qualquer deles, vieram à contenda das espadas, brigando igualmente com esforço, e ventura; cansados, suspenderam a contenda, e, acudindo gente, se retiraram ambos por não serem conhecidos; sem embargo que el-rei conheceu a D. Francisco, e D. Francisco não conheceu a el-rei, nem sabia que era opositor àquella empresa.

Sucedeu depois a morte de Francisco Cardoso, criado da condessa, e a sua lhe sobreveiu a ela daí a pouco tempo. Na prisão é que D. Francisco soube quem fôra o rival, e bem se mostra a sua inocência nos livros que

---

\* Está impressa no volume intitulado *Aula Política, Curia militar, Epistola declamatória, etc.*, de D. Francisco Manuel de Melo, desde pag. 109 até 132.

*compôs estando prêso, pondo em todos — QUARE? — experimentando a ira do soberano com tanto rigor, não lho merecendo seus relevantes serviços, feitos a êle e à pátria, como refere. Se isto foi assim, mancha é na fama de tal príncipe, e tão heróico, que fórma paralelo com a de el-rei D. Manuel com Duarte Pacheco.*

Esta nota abre alguma luz; mas não nos desassombra a verêda, antes nos embaraça mais na relação que possa travar-se entre o rei, e D. Francisco, e o criado morto, e a condessa falecida pouco tempo depois do assassinio do criado.

É agora o ensejo de sair em pleno dia todo o enredo desta obscurecida tragédia.

D. Gregório Taumaturgo de Castelo Branco, terceiro conde de Vila Nova de Portimão, guarda-mór da pessoa de el-rei D. João IV, e gentil-homem da câmara do príncipe D. Teodósio, casou com sua sobrinha D. Brázia de Vilhena, filha e herdeira de D. Luís da Silveira, conde da Sortelha.

Ao segundo ano de casado, o conde veio no conhecimento de que os tios não são os melhores maridos das sobrinhas, ou as sobrinhas não amam tanto quanto respeitam os tios. A denúncia dos desvios conjugais da condessa foi-lhe feita pelo seu pagem Francisco Cardoso. O conde fez recolher a espôsa ao mosteiro

de Santa Ana, onde saúdades e deprêzos a mataram, após dois anos de rigorosa reclusão.

Casou o conde, em segundas núpcias, com D. Guiomar da Silva, filha de D. Francisco de Faro, conde de Odemira, e de D. Mariana da Silveira.

Esta, bem que não fôsse sobrinha do marido, resvalou da inteircza dos bons costumes da casa brigantina donde derivava, e deu-se a uns funestos amores que Francisco Cardoso espiava com o zêlo de fial servo de seu infeliz amo.

Patente o delito, D. Gregório Taumaturgo, que, ao invéz do seu apelido, não fazia o milagre de achar mulher honrada, rompeu na ruim deliberação de matar a sua, com as necessárias cautelas. Assim o fez, mediante peçonha, que a dilacerou em poucas horas de agonia. Rumorejou-se, ao tempo, naquella inopinada morte, e attribuiu-se a medo dos parentes de sua mulher a saída do conde para Castela, donde se repatriou em 1640.

Casou o conde, terccira vez, com D. Mariana de Alencastre, filha de D. Lourenço de Alencastre, comendador de Coruche, e de D. Inês de Noronha.

Foi D. Mariana peregrina formosura, e a mais cantada dos poetas fidalgos daquele tempo. D. Gregório não estava já em anos de poesia nem de amores, para tanto insistir em terccira experiênciã. Friezava-lhe já menos mal o epigrama que D. Francisco Manuel de Melo lhe fizera a êle ou a outro de análogo sestros:

*Semprónio se descasou  
de Lésbia, dela tal ser;*

*porêm, nada escarmentou:  
tomou Livia por mulher,  
sôbre ela logo gritou.  
Júlio, o sogro, acode à filha,  
bradam todos; e um doutor  
quer pôr em paz a quadrilha,  
dizendo que era o sabor  
que se tomou da vasilha. \**

Esta terceira condessa parecia querer que a memória das suas antecessoras fôsse absolvida, ou então vingá-las da cruêza do marido.

Entre varios amadores, aceitou os requebros do rei, por que era D. João IV, e os de D. Francisco Manuel de Melo, por que era gentil, môço de trinta anos, corajoso e poeta, o primeiro e mais galã de quantos então abrilhantavam os saraus da primeira fidalguia.

Não é verdade que a condessa de Vila Nova de Portimão dêsse hora e senha ao rei e ao fidalgo conjuntamente. A hora era de D. João IV; mas D. Francisco, cioso e desconfiado, espreitava um rival quem quer que fôsse.

Estava êle acantoadado no pátio do palácio, espaçoso vestíbulo, que se chamava o "Pátio das colunas" perto do Limociro, no terreno onde, mais de século e meio depois, o secretário da Regência, Salter de Mendonça, edificou o seu palácio, sôbre as ruínas do outro, arrazado pelo terramoto de 1755.

---

\* *Obras métricas*, pag. 234.

D. João IV entrou ao escuro recinto; e, quando subia a espaçosa escada, deu tento de um vulto, e do tinir de espada no talabarte. Arrancou da sua sem proferir palavra; mas conheceu o adversário com quem ia havê-las, por que D. Francisco perguntou ao desconhecido quem era.

O rei tinha bem de memória a voz do homem com quem, a miúdo, e apazivelmente praticava.

Brigaram algum tempo, ferindo-se ligeiramente, e cessaram de esgrimir, quando no patamar da escada lampejou o clarão de uma luz, com que a sobressaltada condessa acudia ao tilintar dos ferros. Então, fugiram ambos a um tempo, e cada um por sua betêsga mais à mão. O conflito passou ignorado do marido para não desmentir o provérbio, e de toda a gente, exceptuados os dois paladinos; mas só um dêstes possuía o trama completo da aventura.

No entanto, D. Francisco Manuel, acirrado pelo ciúme, descurou as vigilâncias com que se houvera até à certeza de ser atraído. As assiduidades descuidadas expuseram-o à espionagem de Francisco Cardoso, que, àquele tempo, havia sido galardoado com a mordomia da casa.

Teve o conde aviso da perfídia, e interrogou a condessa com a severidade prenúncia de alguma catástrofe. D. Mariana de Alencastre, ameaçada na vida, afastou de si D. Francisco Manuel, revelando-lhe que Francisco Cardoso os espreitava e delatara ao conde.

Este Cardoso andava de amores adulterinos com uma Catarina de Enxobregas, mulher de um arrendatário de foros da casa de Vila Nova, chamado Marco Ribeiro. Sabedor de sua desonra, êste marido peitou

três criados que mataram a ferro o mordomo do conde.

Os assassinos foram presos; e, postos a tormento, declararam quem os mandara. Não obstante, o conde, comunicando o seu terceiro revés a el-rei, attribuiu a morte do seu fiel criado e amigo a D. Francisco Manuel, por sugestão da condessa, cujo crime o mordomo assassinado lhe denunciara. O rei não impugnou a hipótese, antes a robusteceu consentindo no mesmo alvitre. Postos novamente a torturas os assassinos, a dôr, e a insinuação dos inquiridores, arrancaram-lhes a calúnia que envolvia D. Francisco Manuel de Melo na cumplicidade. Prêso, processado e condenado, o inocente estava irremediavelmente perdido.

Todavia, o conde, descontente com vingança tão apoucada em comparação das que já tinha de vêzo, como guardasse ainda algum resíduo do veneno que matára D. Guiomar da Silva, ministrou-o a D. Mariana de Alencastre com igual êxito, vindo assim a condessa a morrer pouco tempo depois do denunciante.

Não podemos já desejar mais claridade no mistério que tanto deu que meditar e conjecturar no decurso de quasi dous séculos e meio. Traslado-o pouco menos de textualmente copiado do códice genealógico de Cabêdo, que diz ter conhecido todos ou quasi todos os figurantes da horrenda história, nomeando por seus nomes até os três matadores que morreram na forca, depois de haverem dito no oratório que não conheciam de nome nem de vista D. Francisco Manuel de Melo.

Este desgraçado não esteve prêso sete ou oito anos, na Torre Velha, como dizem os seus biógrafos;



mas sim dôze como êle mesmo diz em uma de suas cartas: "Nos primeiros seis anos da minha prisão escrevi vinte e duas mil e seiscentas cartas. É que scrá hoje, *sendo dôze* os de prêso, seis os de desterrado, e muitos os de desditoso?" \*

Sofreu penúrias no cárcere, por que foi esbulhado de suas rendas. Provam a sua extrema pobreza as seguintes passagens da correspondência: "Sinto só o ver-me em maneira que nem para estar aqui nem para sair daqui vejo meios; por que, faltando-me os com que me hei-de sustentar, não tenho sagrado a que apelo, nem na paciência própria... Sirva-se V. M. me mandar uma manta de lenha, que com essa incerteza estou desaviadíssimo para o inverno; e, segundo isto vai, levo grito de lhe queimar aqui todo o pinhal... Os livros folgara muito de comprar, quando os houvesse; mas estou mais para vender êstes que para comprar outros". \*\*

As justiças zombavam dele como de todos os encarcerados; mas, com êste prêso, o escárnio era mais de quebrar ânimo e esperanças, por que era D. João IV quem escarnecia: "Agora me mandaram crêr que me querem soltar. O mesmo me prometeram a semana passada. Já não me cntendo com palavras de príncipes. Pode ser que com a semana se passe a memória dc promessa". \*\*\*

Ao fim de dôze años, D. Francisco Manuel de

---

\* Carta 1.<sup>a</sup> do autor aos leitores — Cartas.

\*\* Carta xciii.

\*\*\* Carta xxxi, da 3.<sup>a</sup> Centúria.



Melo saiu da célula penitenciária da Torre Velha para o destêrro, não a cumprir sentença lavrada no infame processo, senão a dessedentar a rancorosa sêde do rei. A pena de degrêdo para a África era assim comutada, sob color de indulto.

Saiu a vítima do inexorável devasso para o Brasil em 1655. No ano seguinte, morreu cá o rei, e desde logo o desterrado obteve licença de voltar à pátria.

Não tinha êle, porém, na pátria saúdaes ou affectos que docemente lhe acenassem. O melhor da existência, a pujança da mocidade devorára-lha; desde os trinta e três até aos quarenta e cinco anos, a amargura infinita da prisão, aquele inferno da alma innocente posta em júizo no banco de três assassinos, e por sôbre tudo isto a compaixão e saúdade de Mariana de Alencastre, morta violentamente por sua causa.

Divagou D. Francisco pela Europa, e assentou residência em Roma, onde permaneceu sete anos. Aí começou a publicação de suas obras em nova e esmerada edição; mas, escasseado de recursos e protectores, levantou mão desta consoladora occupação.

Presentindo o avizinhar da morte, deu-lhe o coração rebates de saúdade de Portugal, como quem se acingia ao desejo de haver na terra da pátria a bastante para lhe agasalhar, em derradeira hospedagem, o coração anavalhado de angústias.

Chegou a Portugal em fins de 1665; escondeu-se em ermo não bem averiguado aí por perto da Torre onde estivera prêso, e lá faleceu em 13 de outubro de 1666 aos 55 de idade, tendo nascido a 23 de novembro de 1611.

«Foi sepultado em S. José de Ribamar, donde provavelmente a civilização e o progresso já atiraram os seus ossos, ou para o Tejo, que fica vizinho, ou para algum depósito de imundícies que sirvam para adubar terras de pão pelo vale de Algés, ou da Ribeira de Jamor». \*

D. Francisco Manuel de Melo morreu solteiro; deixou, porém, um filho natural, de nome D. Jorge, que pereceu, oito ános depois de seu pai, na batalha de Senef. Diz Joseph de Cabedo que a mãe de D. Jorge era uma senhora do Pôrto, que vivera com D. Francisco em uma quinta do seu gentil namorado à margem direita do Douro, em um sítio chamado *Entre-ambos-os-rios*. Desta quinta falou, em dias mais felizes, o poeta a D. João IV em uma graciosa petição rimada, que o leitor encontra a pag. 209 da *Viola de Tália*, edição de 1664.

Pelo que toca a D. Gregório, conde de Vila Nova de Portimão, há a certeza de que não casou com quarta mulher. Deu-se a menos arriscados amores, amistando-se com Helena da Cunha, sua criada, de quem houve um filho, que também se chamou D. Gregório de Castelo Branco, e herdou de seu pai uma comenda de Cristo, e o restante que podia herdar.

O título extinguiu-se com a pessoa daquelle 4.º conde que eu respeito na sua infelicidade, e até no desabrimento do seu desfôrço; mas reprovou-lhe a covardia da vingança, que tirou do amante da espôsa assassinada, imputando-lhe com infames cavilações a

---

\* O snr. A. Herculano, *Panorama* citado.

morte do mordomo. Como quer que fôsse, se a algum homem do século xvii preluziram as teorias de Alexandre Dumas, nisto de matar as descendentes de Nod, foi a D. Gregório, que, por amor desta milagrosa previsão, foi talvez predestinadamente chamado «Taumaturgo». Não sci quando êle morreu, nem se morreu na desconfiança de que o seu rei o desonrara, fazendo-lhe do pátio sala de esgrima nocturna, e bordel da alcôva nupcial.

O duque de Bragança não era esquivo destas gratificações aos que lhe tinham cingido o diadêma, a despeito da covardia, que a história abjecta chamou prudência. Este pecado do adultério é uma seráfica virtude comparado ao estigma de parricida que a crítica, em dias de mais luz e hombridade, gravará na fronte do pai do principe D. Teodósio, o querido da fidalguia, do exército e do povo.

Ora, daquele corpo e daquela alma do algoz coado de D. Francisco Manuel de Melo, saíram Afonso vi e Pedro II, e o mais que veio e vier, até que Deus se amercie dêste globo com um segundo dilúvio, se é que a casa de Bragança não tem de entrar em nova arca, por causa da espécie zoológica.

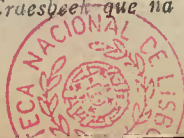


## ADVERTÊNCIA

**P**ossuo e li as mais notáveis edições da *Carta de Guia de Casados*.

A primeira é de 1651; a segunda de 1665.

O autor estava em Lisboa no penúltimo ano de sua vida, quando se publicou a segunda. Com certeza a reviu; mas apenas a alterou na *Carta a D. Francisco de Melo*, a quem dedica o livro. Por esta alteração não deram os editores subseqüentes, que provavelmente se serviram da primeira, reputando-a mais correcta ou mais respeitável pela primazia da antiguidade. A alteração está no nome do impressor. Na primeira, escrevia D. Francisco: *Agora me avisa Paulo Craesbeek que na sua officina está impressa a minha Carta de Guia de Casados*, etc. Na segunda edição, altera: *Agora me avisa António Craesbeek que na sua officina*, etc.



A natural explicação da mudança é que, ao tempo da segunda edição, era já falecido *Paulo*, e sucedera na oficina seu filho *Antônio*.

Escolhi das várias edições a melhormente ortografada ao uso moderno, e desbastei nessa mesma o que me pareceu destoar das outras emendas bem aconselhadas. Como a doutrina deste livrinho é aplicada e bem cabida, em geral, nos costumes de hoje em dia, entendi que o devia despir dos trajos antigos, e pelo tanto dissaboridos para quem se não regosija em comparações filológicas.

A *Carta de Guia* saiu de um fôlego da abundante veia do autor. Não tem paragens, nem divisões de matérias, bem que as haja abundantíssimas. Por isso repartí o assunto geral em capítulos, cada um com seu título, podendo assim o leitor achar no *Índice* a matéria que deseja reler ou consultar.

Pode haver alguém que por muito *amartelado de antiguidade*, na frase de D. Francisco Manuel de Melo, me acoime de irreverência ao grande escritor, à conta destas superfetações em obra que dois séculos respeitaram na sua primitiva maneira. A minha veneração aos antigos é menos acrizolada, se as suas obras merecem andar na circulação da renovada economia social. Raras são as que o merecem, e dessas poucas haverá que a geração nova perfilhe, se lias não amaneirmos, em boa consonância com o gosto, por maneira que a instrução senão descaza do recreio.

Uns livros são monumentos literários, padrões de um ciclo do espírito humano, marcos que apontam para o passado, e não preliziram o itinerário do futuro. Esses, a meu juízo, devem subsistir inviolados,

íntegros, e intactos das renovações que lhes não dariam cunho de moeda correnteia.

Outros livros, tirados da sciência e experiênciã da vida, sempre nova e vélha a um tempo, devem amoldar-se às evoluçõcs estéticas, quanto couber no possível, sem desfiguração do substancial. *A Carta de Guia* pertence à pequena colecção dêsses livros de filosofia, que nunca descãem dc sua virilidade, e vão de par, pelos séculos dentro, com as renovadas gerações, re florindo perpétua mocidade.

Alterar a locução arcevezada e semi-bárbara do *Cancioneiro do colégio dos Nobres* seria destruir êsse monumento que é, assim qual está, o deleite dos que professam a sciência filológica. Guardar intacta a prosódia incorrecta dos livros acondicionados a recrearem e instruirem sempre, não me parece razão que mereça refutada.

Fiz o que se me figurou razoável e útil a quem lêr esta nova edição da *Carta de Guia de Casados*.





A D. FRANCISCO DE MELO, Alcaide-Mór de Lamego, Comendador de S. Pedro da Veiga de Lira, Trinchante de S. Majestade.

*Primo. Para haver no mundo, uma dedicatória verdadeira, assim havia de ser feita ao descuido. Agora me avisa António Craesbeeck que na sua officina está impressa a minha Carta de Guia de Casados; que ou a dedique eu por mim mesmo, ou lhe deixe fazer dela convite a quem a estime, e lha agradeça. Mas eu, que não estou já para provar ventura com bafos de grandes, nem ousou mandar de novo o meu nome às aventuras (porque enfim o bafo é vento, e as aventuras soem ser desastres) neste pouco espaço que me deixou euidar no que faria, o pedidor da resposta, nada soube fazer mais atinado, que o ir-me lembrar de vós, e da minha obrigação, para vos oferecer êste livrinho. Não julgueis que me ficais devendo muito; e só para que saibais qual é o empenho, desenrolai o presente. Fazei conta que o que vos haveria de ir dizendo aos poucos, quando Deus vos puser neste estado, vô-lo tenho aqui*

dito por junto; porque eu não sou nem quero ser daqueles, que se euram a si com diferentes mēzinhas que aos outros. Eserevi a um amigo estas observações. Confiadamente vos servi delas a seu tempo; porque como a amizade é o maior parenteseo, o parenteseo deve ser a maior amizade. Vai debaixo de eondição, que não haveis de amparar, nem defender o livro; porque se êle não eorresse ofendido, e desamparado, até eu o não teriu por meu. Usai antes, se fôr (que sim será) neecessário, daquela minha resposta a um que me tachava de que fizesse muitos, e maus livros: Senhor (lhe disse eu) deixai-me fazer muitos, até que faça um que vos contente. Dizei-lhe isto, e Deus vos guarde.

Vosso primo,

D. Francisco Manuel.



## AOS LEITORES DESTA CARTA

---

**N**ÃO é outra cousa a filosofia que uma consideração universal de todas as cousas, pela qual se alcança o conhecimento delas. Divide-se em natural, e moral. A natural averigua as qualidades dos céus, elementos, e criaturas. A moral aparelha a ordem do trato humano. Também esta moral se divide em três partes, que chamam ética, económica, e política. A ética cuida dos costumes do homem. A económica tem por fim o regimento das casas, e famílias. A política entende sobre o governo das eidades, reinos, e impérios: mas de tal maneira, que a económica requer política, e a política económica; porque o reino é casa grande, e a casa reino pequeno; e a ética necessita da política, e da económica; porque o homem é um mundo inteiro.

Mas agora, falando somente da filosofia económi-

ca, que é a que pertence a êste tratado, digo que esta tal filosofia comprehende todas as condições de gente de que consta a república: grande, meã, e pequena; porém olha com maior intenção para os grandes: porque a segunda, e terceira qualidade de homens não requerem tanto estudo para sua conservação. Estende-se também a todos os estados de vida: Casados, solteiros, e viúvos; mas da mesma maneira é mais própria dos casados que dos solteiros, e viúvos. Não porque êstes dois modos de vida deixem de necessitar de regras para seu bom regimento; porém porque são estados em que poucos, e pouco tempo se detêm; constam sempre de limitadas famílias, e porisso de menos ocasiões; não pedem todo aquele desvêlo, cuidado, e vigilância, que convêm ao casado para sustentar sua casa em honra, e sem perigo.

O principal estudo que aos casados pertence para conseguirem êsse fim, é aquele que lhes dá o modo justo de se haverem, e para viverem com suas mulheres; porque dêste acêrto, ou êrro, procedem todos os erros, ou acertos de um varão, e de uma família.

D. Francisco, autor dêste papel, sendo rogado de um seu grande amigo que entendia casar-se, para que lhe dêsse alguns bons conselhos, e avisos àcêrca dêste estado, escreveu êste discurso (como êle mesmo afirma) sem algum artifício; que é boa qualidade para dar crédito ao que se aconselha.

Foi seu ânimo persuadir aos casados a paz e concórdia com que devem ordenar sua vida; encomendar a estimação das mulheres próprias; inculcar os meios, por onde o amor se conserva, e se aumenta a opinião.

Êste livro, correndo manuscrito, quis ser de algu-

mas pessoas caluniado de severo contra a liberdade das mulheres; e foi esta a principal razão de se comunicar agora a todos, para que se veja a pouca causa que o livro deu ao juízo que dele se tinha feito. O que bem se pode conhecer conferindo sua doutrina com o que escrevem todos os que trataram esta matéria.

É se porventura disser alguém que o entendimento dos homens obra aqui apaixonado por sua jurisdição; veja-se aquele excelente tratado que escreveu da nobreza virtuosa, a condessa de Aranda, D. Luísa Maria de Padilha, e publicou Fr. Pedro Henrique Pastor; que logo se achará como nem por ser escrito por mulher se sobornou da fragilidade de sua condição, para que deixasse de assentar às mulheres com toda a aspereza os preceitos necessários.

A natureza mostra, e o confirma a experiência, que as mênzinas de uso mais dificultoso são aquelas de virtude mais eficaz. A arte, a que os médicos chamam Precautoria, sem dúvida é moléstia, se se olha a quanto obriga; mas, se ao muito de que preserva, sem dúvida é suavíssima. O ânimo de D. Francisco bem prova, que não foi induzir a novos cuidados, e desconfianças, mas antes mostrar os caminhos para sair deles, e fugir delas.

Entre os seus livros, pode ser que nenhum seja mais útil que o presente. E nenhum decerto é mais fácil; ou que a matéria pedisse um descansado estilo, ou que êle cansado de ser reprehendido de misterioso (e talvez de escuro) quisesse escrever para todos; pois para todos escrevia, senão para si mesmo. Seja-lhe contudo desculpa (senão louvor) haver sido sem

fim em todos seus escritos acomodar sempre o estilo com a matéria: cousa não de todos guardada, e ao menos concedida. Porque na história de Catalunha mostrou verdadeiramente eloquência histórica. No *Libro Politico* levantou mais a pena, porque o pedia a política. No *Maior pequeno*, e em os *Fenis* escreveu aforístico, e lacónico, porque as matérias morais, e místicas que comprehendem, fôsem pela brevidade apetecidas. Nas musas, grave; por ser êsse o melhor método entre o vulgar, e o difficil. No *Panteon* culto; porque à matéria trágica se assina o mais alto dos estilos. O mesmo observou nos livros, e tratados que compôs antes, e depois dos referidos.

O próprio guarda no presente, que é o primeiro dos livros portuguezes, e que bem mostra não ser menos digno de louvor pela propriedade com que escreve sua lingua, que pela elegância com que nas passadas obras mostrou haver feito sua a castelhana. Seguirão os mais em portugûês, que fico preparando enquanto gastardes o tempo em castigar, ou estimar êste, que a todos serve, a todos ofereço.

O IMPRESSOR.





## Carta de Guia de Casados

### PREÂMBULO

**E**M meio estou, senhor N., daquelas duas cousas mais poderosas com os homens: Amor, e obediência. Amo a v. m. Mauda-me v. m. É suposto que me manda uma cousa bem dificultosa; a obediência, e o amor, que já fizeram impossíveis, não se negarão hoje a vencer dificuldades.

Diz-me v. m. que se casa, e que lhe dê eu, para se governar nesse seu novo estado, alguns bons conselhos. Esta é uma das cousas de que eu cuido que falta mais quem a peça, que quem a dê.

Pois por certo que aquele que deseja bons conselhos, já parece que deles não necessita; porque é tão grande prudência pedir conselho, que do homem que o sabe pedir, creci que nenhum lhe fará falta.



O primeiro que aconselharei a v. m. será que se não fie em nada só do meu voto; pois suposto que em mim possa haver vontade para o bem servir, pode ser que nem por isso haja entendimento para o bem aconselhar; porque entendimento, e vontade ainda se ajuntam menos vezes, que a honra, e o proveito: e ela, com que seja potência poderosa, nem sempre guia ao acêrto, se lhe faltam olhos de suficiência.

Grandes cousas deixou escrito a antiguidade, para advertência dos casados. Muitas são, e graves são; a que também os modernos acrescentaram outras, ou nos puseram em outras palavras as antigas.

Mas nós aqui, senhor N., nos havemos de entender ambos em prática como do lar, a cujo abrigo, nestas longas noites de janeiro, vou eserevendo a v. m. estas regras em estilo alegre, e fácil, qual requer o estado, e idade de v. m., bem que tão diverso do meu humor, e de minha fortuna.

Darão licença os Sénecas, Aristóteles, Plutarcos, e Platões; nem ficaremos mal com as Pórcias, Casandras, Zenóbias e Luerécias; tudo tão desenrolado nestas doutrinas; porque sem seus ditos deles, e sem seus feitos delas, espero nos faça Deus mereê de que atinemos com o que v. m. deseja de ouvir, e eu procuro dizer-lhe.

Não sou já maneebo. Criei-me em côrtes; andei por êsse mundo; atentava para as cousas; guardava-as na memória. Vi, li, ouvi. Êstes serão os textos, êstes os livros, que citarei a v. m., neste papel; onde juntas algumas histórias, que me fôrem lembrando, pode mui bem ser não sejam agora menos úteis que essa máquina de gregos, e romanos, de que os que chamamos

doutos, para cada cousa nos fazem prato, que às vezes nos enfastia.

Ora assentamos que qualquer mudança causa estranheza. Mudar de umas casas a outras é em alguma maneira esquivo. Segue-se logo que não se mudará a vida sem algum receio.

Porque se perca, imagine v. m. que para este estado nasceu, e o criaram seus pais. Este foi o que v. m. sabia o estava esperando. Este lhe é próprio, o outro alheio. Ninguêem se queixa de haver chegado ao fim de seu caminho.

Considere que aqui não padece alguma fôrça sua liberdade; antes, assim como aquele que sobe açodado por uma escada íngreme, quantos mais são os degraus, mais deseja de achar um mainel em que descanse; assim também, subindo o homem pela escada da vida, quantos mais são os anos, quanto mais soltamente os vai vivendo, tanto lhe é mais necessário o repouso de um honrado casamento; que já por essa razão lhe chamamos estado, por ser não só fim, mas também descanso.

Tem v. m. subido, se não muitos degraus, digo, se não tem vivido muitos anos, vivido tem aqueles que bastem; e ainda mal porque a tal curso, que bem pode já dar o descanso a que chega, por chegado ao melhor tempo.

Paga o filho a seu pai, em se casar, aquelle beneficio que recebeu dele. Pois se seu pai não casára, o filho não fôra. Vão assim os homens contribuindo uns aos outros; e todos à memória dos que lhes deram ser, a que, depois de Deus, somos mais obrigados que a tudo o mais.

## Vantagem do casamento

Espantam-se os moços com o que ouvem dizer do casamento de ordinário aos mal casados, porque, senhor, há v. m. de saber, que muito mais certo é que o mantimento bom se converta no mau humor que em nós acha, do que converter o mau humor nessa sua boa virtude. Parece-lhes aos moços intolerável a carga do matrimónio. É, senhor, pesadíssima para os que a não sabem levar; para os que sabem, é ligeira. Uma arrôba de ferro ao ombro carrega um homem, que com o fácil artifício de duas rodas pode levar um quintal. Não excede o pêso do casamento nossas fôrças, falta-lhe as mais das vezes nossa prudência para que o sustente; e daí vem que nos pareça grande.

¿Quer v. m. ver quam leve é a carga dêste modo de vida que toma? meça-a com o pêso dessa outra vida que deixa.

Ponha, senhor N., em balança a inquietação passada, os perigos, os desgostos, a desordem dos affectos, aquele temer tudo, não fiar de nada, o queixume que dói, a vingança que arrisca, a ruim lei que desespera, os ciúmes que abrasam, os amores que consomem, a honra em ocasião, a saúde diminuida, a vida arriscada, e o que é mais, a vida sempre queixosa.

Ora alvíçaras, senhor N., que já lá vai tudo isto. Em verdade, que quando o casamento não trou-

xtra outro algum bem mais que livrar de tantos males, justamente merecia o nome de santa e doce vida.

Pois vejamos o que se lhe dá a um casado, a trôco dessa liberdade, que êles tanto alegam que deixam.

Dá-se-lhe outra: entrega-se-lhe a mulher com a liberdade, com a vontade, com a fazenda, com o cuidado, com a obediência, com a vida, com a alma.

Quem pesará o que deixa com o que recebe, que logo não conheça os ganhos desta troca?

## II

### A proporção do casamento

Uma das cousas que mais assegurar podem a futura felicidade dos casados, é a proporção do casamento. A desigualdade no sangue, nas idades, na fazenda, causa contradição; a contradição discórdia. E eis aqui os trabalhos por onde vem. Perde-se a paz, e a vida é inferno.

Para a satisfação dos pais convêm muito a proporção do sangue, para o proveito dos filhos a da fazenda, para o gôsto dos casados a das idades. Não porêm que seja preciso uma conformidade, de dia por dia, entre o marido, e mulher; mas que não seja excessiva a vantagem de um a outro. Deve ser esta vantagem, quando a haja, sempre da parte do marido, em tudo à mulher superior. E quando em tudo sejam iguais, essa é a summa felicidade do casamento.

Dizia um nosso grande cortesão, que havia três castas de casamento no mundo: casamento de Deus, casamento do diabo, casamento da morte. De Deus, o do mancebo com a môça. Do diabo, o da vélha com o mancebo. Da morte, o da môça com o vélho.

Ele certo tinha razão, porque os casados moços podem viver com alegria. As vélhas casadas com moços vivem em perpétua discórdia. Os vélhos casados com as môças apressam a morte, ora pelas desconfianças, ora pelas demasias.

Mas porque estas cousas são muito gerais, e ainda os incapazes tem delas o conhecimento que aos entendidos lhes sobeja; é tempo de passar a alguns mais particulares avisos.

Senhor, saiba v. m. que à sua alma se acrescenta outra alma de novo; à sua obrigação se ajunta outra obrigação. Assim devem crescer seus cuidados, e seus respeitos. É da mesma sorte que, se a um homem que possuisse uma herdade, a qual cultivasse, lhe fôsse deixada outra de novo, para o mesmo efeito; êste tal homem, sem diminuir em sua alegria, era força que na diligência se avantajasse, por abranger com seu trabalho a ambas aquelas suas fazendas; nem mais, nem menos deve o casado multiplicar o tento, e a fadiga (sem que porisso se entristeça) por não faltar ao novo cargo, que tomou, e lhe entregaram, com a mulher que lhe deram; não para que a arriscasse, e perdesse, (e a si mesmo com ela) mas para que com maior cómodo e descanso pudesse passar com ela a vida.

## III

## O amor

Provemos a ver se será possível dar alguma regra ao amor; ao amor, que soe ser a principal causa de fazer os casados mal casados. Umaz vezes porque falta, e outras porque sobeja. Armemos-lhe, se quer, as rêdes; caia êle se quiser; e o mais certo será que avôe, e fuja delas; porque quiçá por isso o pintaram com asas.

Amc-se a mulher, mas de tal sorte que se não perca por ela seu marido. Aquelle amor cego fique para as damas, e para as mulheres o amor com vista. Ou cure os olhos que tem, ou os peça emprestados ao entendimento dêsses que lhe sobejam.

Digo, perder pela mulher: perder por ela seu marido a dignidade, e compostura de homem, a trôco de lhe não contradizer sua vontade, quando é justo que lha contradiga.

Saiba-se, e tema-se, que também há narcisos do amor alheio, como de seu próprio.

Gabavam muito certos Cardeais ao Papa Pio v, um seu criado, que êle mais favorccia. Respondeu-lhes: Bom é, mas nunca me contradiz. Tão longe está de ser desamor, que antes é perfeição do amor o saber encontrar a vontade de quem se ama, quando ela não deve de ser seguida.

Há alguns, senhor N., de tão pouco juízo, que fa-



zem ostentação de seu próprio cativoiro. Igual afronta é a um casado saber-se que o manda sua mulher, que saber-se é ela de seu marido escrava, e não compa-nheira.

Este fôro, esta prerrogativa de que cada um é bem que use, logo ao princípio convêm que se con-certe. O marido tenha as vezes de sol, em sua casa, a mulher as de lua. Alumie com a luz que êle lhe der; e tenha também alguma claridadc. A êle sustente o poder, a ela a estimação. Ela tema a êle, e êle faça que todos a temam a ela, scrão ambos obedecidos.

Dissera eu, que as mulheres são como as pedras preciosas, cujo valor cresce, ou mingúa, segundo a estimação que dclas fazemos.

Os que casam com mulheres maiores no ser, no saber, e no ter, estão em grandíssimo perigo. Dêste livrou Deus a v. m. (e aqueles que assim casarem) porque no que deviam scr iguais mulher, e marido, são muito iguais, e no que v. m. era bem que excc-desse, assim é que excede. Os mais anos são grandes arras no casamento, em favor da autoridadc do ma-rido.

Não me detenho em apontar remédios a êstes ris-cos, porque o meu ânimo não é dar conselhos a quem escolhe mulher, senão avisos para se viver com aquela que já se tem escolhido.



## IV

## A idade da noiva

O homem que casa com mulher de pouca idade, leva a demanda meia vencida. Nos tenros anos não há ruim costume; porque ainda o menos advertido está no ânimo como hóspede, e não de assento.

Acusando um homem a sua mulher de mal acostumada, diante de seu príncipe, foi dele perguntado, de que anos entrára em seu poder; e como lhe disse o marido, que de dôze, respondeu aquele rei: Pois vós sois o que mereceis ser castigado, que tão mal a criastes.

Um leão, em pequeno se amansa. Aos próprios ferros da gaiola, em que vive prêso, toma afeição um passarinho: sendo aquele por seu natural feroz, e êste livre. É a criação outro segundo nascimento; e, se em alguma cousa difere do primeiro, é só em ser mais poderoso êste segundo.

O homem que tiver discrição, e indústria, casando com mulher de tal idade, pai cuide que vai a ser de sua mulher, tanto como seu marido. Pode fazer que ela renasça com novas condições. Se vemos balhar um urso em uma corda, animal de tão diferente despejo, que bruto se afirma mal sôbre a terra; ¿que há que desesperar de poder instruir a mulher môça em todos os bons costumes, e ditames em que a puser seu marido? É também ¿que há que confiar de que não tome

os ruins, se seu marido lhe dá lições, e motivos para cair, e ficar neles?

## V

## Parentescos

Correm algum perigo as muito môças pelo sobejo amor aos pais, e irmãos, com que se criaram; e é tanto mais ocasionado êste inconveniente, quanto parece mais lícito.

De ordinário esta acção se regula pelo ser dêsses pais, e dessa parentela. Quando os pais sejam como devem, louvável é a inclinação; quando não, é necessário que se vá desde logo, e por bons meios, despartindo aquella familiaridade.

Sobretudo eu quisera vêr antes nas casadas para com seus pais reverência, que amor; não que lho neguem, porque sem algum amor não há nenhuma obediência; mas quando seja amor, e êles tais que não sejam dignos dele, se no marido houver arte, o remédio não parece dificultoso.

Julgava eu que para esta tal mêzinha era bem conveniente uma nova brandura, um novo afago, (digamos assim) um namorar a mulher outro tanto mais do que sem esta razão seria necessário.

A criança, que outra cousa não sabe senão o peito de sua mãe, o deixa a trôco de se lhe dar a conhecer a suavidade do mel, ou do açúcar, que é mais

doce que o leite. Não se duvida que o bem querer do marido é mais próprio para a mulher, que o de seus pais, e parentes. Donde vem que a mulher obrigada, e amimada do marido, esquece fácilmente o trato dos pais, e dos irmãos.

Este afago também deve ser discreto, repartindo-o igualmente por obras, e palavras. O vestido quando se não pede, o brineo que se não espera, a saída em que se não cuida, um não sair de casa uma tarde, um recolher mais cedo uma noite, (e, se disser um levantar mais tarde uma manhã, não mentirei) farão logo ehaníssimo o caminho para aquele esquecimento, ou desvio dos pais, quando ao marido lhe convenha.

## VI

### Casamento por conveniência

Houve quem duvidasse, se podia ser perfeito o amor entre aqueles que por conveniências, e por concertos se casavam: entendendo que esta perfeição de querer, só se guardava para os que casavam por amores. A que se refria um galante, que convidando-o uma sua parenta para que casasse por concertos, lhe deu por resposta: Senhora, não me obrigo a amar ninguém por fé de esrivão, senão pela minha.

De uma, e de outra cousa não faltam bons, e maus exemplos; mas eu que sou mais amartelado da razão

que do caso, direi com alguma novidade o que se me oferece.

Persuado-me, senhor N., que esta cousa a que o mundo chama amor, não é só uma cousa, porém muitas com um próprio nome. Poderá bem ser que por isto os antigos fingissem haver tantos amores no mundo, a que davam diversos nascimentos; e também pode ser venha daqui, que ao amor chamemos amores: pois se êle fôra um só, grande impropriedade fôra esta.

Eu considero dous amores entre a gente. O primeiro é aquele comum affecto com que, sem mais causa que sua própria violência, nos movemos a amar, não sabendo o que, nem o porque amamos. O segundo é aquele, com que prosseguimos em amar o que tratamos, e conhecemos. O primeiro acaba na posse do que se desejou; o segundo começa nela: mas de tal sorte, que nem sempre o primeiro engendra o segundo, nem sempre o segundo procede do primeiro.

Donde infiro, que o amor que se produz do trato, familiaridade, e fé dos casados, para ser seguro, e excelente, em nada depende do outro amor, que se produziu do desejo do appetite, e desordem dos que se amaram antes desconcertadamente; a que, não sem êrro, chamamos amores, que a muitos mais impeceram que aproveitaram.

Parecerá dificultoso o considerar, como à pessoa que não havemos visto poderemos amar com perfeição. Larga é a disputa, e não daqui. Digo eu que façamos, senhor N., neste caso, como os que cortam madeira, e a lançam ao rio, para que sua corrente lha leve (sem algum trabalho) ao pôrto. Êles não sabem por onde vai sua mercadoria, mas basta-lhes saber, que ela chega

a salvamento, por outras que já tem chegado, para que a entreguem às aguas com muita confiança.

Deixe-se levar o casado do poder daquele virtuoso costume; não lute, nem forceje com a corrente, que quando menos o espere (e sem saber o como aquilo foi) êle se achará amando a salvamento a sua mulher, e sendo dela muito seguramente amado.

Dê-se-lhe a entender à mulher, que a cousa que mais deve querer é a seu marido. Tenha o marido para si, que a cousa que mais deve querer é sua honra, e logo sua mulher.

Diz um antigo ditado: Quem não tem marido não tem amigo. Diz outro: Quem tem mulher tem o que há mister. E na verdade assim é entre os bons casados; e os rifões, senhor N., sentenças são verdadeiras, que a experiência, summa mestra das artes, pronunciou pelas bôcas do povo.

Mas porque succede que sem embargo de todas as mêzinhas reccitadas, quando Deus nos quer castigar com a pena, e injúria de encontrarmos com uma condição avêssa, a mulher luta por sustentar-se em seus desmanchos: discorreremos aqui pelos vários gêneros de ruins qualidades, que acontece haver nelas, para que todos se possam aplicar os remédios convenientes; mas nem por isso se esperc que de todas se consiga a melhoria.

## VII

## Várias castas de mulheres

Cuidam, com falso disurso, algumas mulheres, que como elas guardem a lei devida à honra de seus maridos, em tudo o mais lhes devem elles de sofrer quanto elas quizerem que lhes sofram.

É êste um mero engano; por duas razões: a primeira, porque nada se lhes deve às honradas de guardarem a obrigação, em que Deus, a natureza, o mundo, o medo as tem posto.

Lembra-me que, estando em Madrid, tinha uma vizinha muito brava, que pelejando um dia, como sempre fazia, não cessava de dizer ao marido, e com verdade: *Hermano, soy muy honrada*; e êle respondia-lhe: *Pues anda a Dios que te lo pague, que a mi cuenta no está el pagarlo, quando lo seas, sino el castigarlo quando no lo seas.*

A segunda, porque não só a honra de seus maridos se perde por sua deseontinência, mas não menos pelas ocasiões a que põem os homens por muitos outros excessos que cometem. Foi assim graciosa, mais que segura, a opinião de certa pessoa, que ninguêem tanto sofria como quem tinha boa mulher, bom eriado, e boa cavalgadura. Porque à conta de boas peças cada uma fazia sua vontade, e nunea a de seu dono. Não fôsse ora por isso o dizer a choearrisse castelhana:



*Buena mula, buena cabra, buena hembra, son tres malas bestias.*

As mulheres de rija condição, a quem communmente chamam bravas, são as que menos cura tem; porque até da temperança do marido, que era a sua melhor mēzinha, tomam causa de se demasiarem; sendo já antigo, que o soberbo se faz mais insolente à vista da humildade; o bravo se enfurece diante da mansidão. A violência, e o castigo não tem logar na gente de grande qualidade. Pelo que já disse um muito discreto, que entre as cousas, que os vilãos traziam lá usurpado aos fidalgos, era uma, o poderam castigar suas mulheres cada vez que lho mereciam.

Pouco mais remédio sóem ter estas tais condições, que uma grande prudência com que se atalhem. Aconselharia a aquelle a quem tal succedesse, se apartasse o possível de viver nas côrtes, e grandes logares. Quem grita no despovoado, é menos ouvido. Atalham-se assim inconvenientes; não se ficará sendo a fábula do povo, onde de ordinário servem de iguaria aos murmuradores as acções de tais casados. Procede daqui não leve injúria; pelo menos um escrúpulo de afronta, que anda sempre zunindo nos ouvidos do pobre marido, como os gritos da própria mulher brava.

A feia é pena ordinária, porém que muitas vezes ao dia se pode aliviar, tantas quantas seu marido sair de sua presença, ou ela da do marido. Considere que mais vale viver seguro no coração, que contente nos olhos; e desta segurança viva contente; que pouco mais importa haver perdido por junto a formosura, que vê-la ir perdendo cada dia, com lástima de quem a



ama. Isto succede sempre nas mulheres, já pela idade, já pelos achaques, a que toda a formosura vive sujeita. Donde com muita razão se quixava um discreto, não de que a natureza acabasse as formosas, mas de que as envelhecesse.

Mulher néscia, cousa é pesada, mas não insofrível; procure o marido emprestar de seu juízo às acções de sua mulher aquella discrição que vir que lhe falta. Assim o fará o entendido, e se êle também o não fôr, pouca pena lhe dará que ela o não seja.

A doença, que a muitas aflige, é também um não pequeno trabalho: vê-se penar a pessoa a quem se quer bem; e porventura soem ser estas as que menos o merecem; porque males, e bens muito há que costumam andar desordenados. Deve a mulher, quando enferma, ser tratada de seu marido com todo o regalo possível, sofrida com toda a paciência. Pode-se fazer esta conta: que estando disposto haja de padecer o homem em ametade de sua alma, favor foi grande de Deus padecesse antes naquela parte que menos faltaria à sua família. Considere-se (para que se bem sofra) que a obrigação do fiel companheiro, é guardar companhia, tanto pelo mau, como pelo bom caminho. Se as sortes se mudassem, da mesma maneira quisera o marido ser tratado, e sofrido da mulher.

Há não poucas mulheres proluxíssimas, e de condição impertinente, cuja demasia de ordinário descarrega sôbre os criados, a quem são insupportáveis: donde à casa resulta ruim fama, e achar o senhor dela com difficuldade quem o sirva. Convêm que a estas tais se lhes aperte o freio, se lhes dê pouca mão no govêrno, e como a pessoas feridas de mal contagioso,

as sirvam, e ministrem ao longe, ouvindo-as pouco, e dando-lhes a ouvir menos. Mostrem-se-lhes por experiência os frutos de sua condição, faltando-lhes talvez com o serviço necessário; porque se com êste garrote não tornam em si, são por outro modo de dificultoso remédio; e vem a pagar o marido, sem culpa, os desabrimentos da mulher agressora, e merecedora da ruim vontade dos servos, que, como pouco prudentes, não distinguem em acções tão próprias como as de mulher, e marido, qual deles é digno de amor, e qual de desamor.

Acontece serem escassas: e dos defeitos mais leves, que nelas se acham, é êste um deles. Não julgo que seja de algum perigo (posto que pode ser de descontentamento, e azo de pouca paz) porque se o marido é liberal, êle dará logo remédio à condição da mulher; se tiver o mesmo costume, viverão com miséria, mas com contentamento.

Não cuido certo que os Egípcios com toda a sua agudeza, inventaram mais excelente geroglífico do que o descobre um nosso provérbio português: O marido barea, a mulher arca. Ouvi-o dias há a uma velha, e o escutei como da boca de um sábio: Traga o marido, e guarde a mulher.

Mulher ciosa, é bem ocasionada mulher para que se viva sem contentamento. Dizia uma de bom juízo: A mulher ciosa tende a ociosa. Queria dizer, não lhe deis causa, que ela a não tomará. Esta não vinha em distinguir a queixa do ciúme; porque aquella que com razão se sente, não chamo eu ciosa. A ciosa é aquella que sem causa se queixa; e estas são as trabalhosas. Porque emendar cada um as suas fraquezas, sobre que

é dificultoso, não é impossível; mas emendar as alheias não é dificultoso, porque é impossível.

Contra as ciosas sem razão, o melhor remédio é que elas a não tenham; porque assim se segura a consciência, e a honra. Contra as ciosas com razão, curando-se o marido da leviandade, fica a mulher curada do ciúme. Para desconfianças leves, que um discreto chamava sarna do amor, que faz doer, e gostar juntamente, digo eu, que como se satisfizeram as damas, se satisfarão as espôsas. Aquele amor desordenado, mais furioso é, e assim mais veementes seus ciúmes (como é do melhor vinho o melhor vinagre). Quem soube (que todos souberam) desmentir os ciúmes de sua dama, quando a teve, por êsse mesmo modo desminta os de sua mulher, quando a tenha.

Eis-aquí vem as gastadoras, fogo perenal das casas, e das famílias. Sempre foi causa de muitos males esta tal condição; porque lá tem suas côres de cousa boa; e sôbre tudo é mui aceita. Digo, senhor N., com verdade, que me parece deve uma mulher honrada tratar o dinheiro com aquele mesmo temor que ao ferro e fogo, e outras cousas de que convêm sejam medrosas. Parece o dinheiro em mãos da mulher arma imprópria. Pergunto: Se para despedir, e lançar de sua casa um criado, a mulher casada por si não tem bastante autoridade, porque a quererá ter para despedir, e lançar fóra de casa sua fazenda, em que consiste o bem, e repouso de amos, e criados!

Para a que fôr ferida dêste mal, é necessário armar de um grande recato, e vigia; e assim como quem navega se teme muito mais de abrir uma ferida no casco do navio, por onde sem dúvida se irá a pique,

do que se se lhe abriram outras muitas pelo bordo, que vai fóra da água; assim não é tão perigosa a uma casa outra qualquer desordem, nem lhe ameaça ruína, como o excesso da mulher gastadora, e desgraçada; porque como êsse defeito jaz dentro na água (dentro digo do próprio cabedal) por ali logo se vai ao fundo a família inteira.

Umas há destas apetitosas, e que por um bonifrate venderão um padrão de juro da câmara. É defeito que comprehende não só as grandes senhoras (antes nelas menos perigoso, e mais desculpado) mas até à gente de pequena condição. Sucedeu, estando em Madrid, vir a minha casa com grande ânsia a mulher de um obreiro a pedir, *que sobre dos savanas le prestasen doze reales*; e perguntando-se-lhe, qual era sua necessidade: *Ai señores, disse, que tengo concertadas a comprar media dozena de hijas de azavache lindissimas, y sí agora no las tomo, no sé quando podré despues haverlas*. Sofre-se melhor um destes desmanchos, quando não é costume. Na môça é tolerável, na mulher condenável. Saiba toda a mulher, que o mundo é maior que seu appetite, porque não queira fazer-se necessitar de quanto vir, ou ouvir. Deus nos guarde de umas, que fazem certo aquele ri-fão bem vulgar, mas muito próprio: A minha filha Tareja, quanto vê tanto deseja. Responda-se-lhe nesta razão: Primeiro está a obrigação, logo a temperança, e depois o gôsto.

¿Que direi das voluntárias, que por nome, não menos próprio, se dizem teimosas? ¿de outras que aporfiam? As mais são constantes, e ainda contumazes em seu parecer. Aconteece isto com maior fre-

quência nas ou muito néscias, ou muito presumidas. Não venho em que com a mulher se litigue, que é conceder-lhe uma igualdade no juízo, e império, cousa de que devemos fugir. Faça-se-lhe certo que à sua conta não está o entender, senão o obedecer, e fazer executar, mas que não entenda. Mostre-se-lhe às vezes que, havendo quando se casou entregado sua vontade ao marido, comete agora delito em querer usar daquilo que já não é seu.

Tudo é sombra, se se compara com o defeito da facilidade, ou ligeireza; e ainda o não acabo de dizer, porque não acho nome decente. Mulheres há leves e gloriosas, prezadas de seu parecer: loureiras, cuido eu que lhes chamavam nossos antigos, por significar que a qualqucr bafejo do vento se moviam. Este é o último de seus males. Nem o quero considerar, porque nos não é necessário, nem apontar o remédio. A honra de cada um, e a consciêcia sejam neste triste caso os conselheiros. Com agudeza definiu este ponto em poucas palavras um discreto: Sofra o marido à mulher tudo, senão ofensas: e a mulher ao marido ofensas, e tudo.

Advertirei, todavia, que aquelle seu pretexto, de que cortesarias, ou galantarias não fazem mal, é conclusão erradíssima, cuja prática introduziu a indústria, não a razão. Para que se pregue um prego, costumamos fazer-lhe primeiro lugar com uma subtil veruma. Nenhum vício entra tamanho como é. Aquelle bicho que no Brasil se padece por achaque, sem falta que com providência nô-lo deu a natureza a todo o mundo por exemplo; cntra invisível, começa entretenimento, passa a ser moléstia, chega a ser doença, e



aeontece que pode ser perigo. A honra da mulher compare eu à conta do algarismo; tanto erra quem errou em um, como quem errou em mil. Façam as honradas boas contas, acharão esta conta certa.

De umas que se prezam de formosas, não há para que nos descuidemos. Que a mulher se conheça não é vício; antes antiga opinião minha que em muitas partes tenho escrito. Devemos tanto conhecer o bem, se o há em nós, como o mal quando o haja. Aquele para que se guarde, e não perca; este para que se emende, e não vá adiante. Desejo que da formosura se use como da nobreza: folgue cada um de a ter, mas não que a amoste. Levar da espada a cada passo, argúe pouca prudência. O marido que vir sua mulher inclinar a esta vanglória, viva por ela mesmo avisado, e saiba que tem perigosa mercadoria, sendo esta das mulheres ao revés que as outras, pois quanto mais cobizada é, menos é para cobiçar. E por esta razão não faltou já quem duvidasse se a formosura se dava por prêmio, se por castigo.

Passado havemos este enfadonho labirinto, ou por estes monstruosos medos, que o guardam. Tudo há no mundo, donde em nada perigrará a pessoa advertida. Verá v. m. nos mapas, porque se governam os mareantes, notados com tanta diligência os baixos de que se não de guardar, como os portos aonde devem de ir a surgir.

## VIII

Maneira de conservar a bondade das que são boas

Tendo, senhor meu, mostrado a v. m. assim umas sombras dos perigos, e inconvenientes, que causam as mulheres com algumas de suas imperfeições, hei como dito a v. m. os descansos, os contentamentos, que tra-zein consigo as boas. Êles são tantos, que na verdade se não podem dizer.

Não há na cloquência louvor que não venha estreito para a mulher honrada. Assim a deve de tratar seu marido como penhor celestial.

Para a conservação desta honra, e desta mulher, em que ela tanto estriba, irci assim apontando a v. m. algumas cousas, as quais não servem aprendidas, se não usadas, e usadas muitas vezes. Bem se vê que não basta prantar a murta no jardim, por de melhor casta que ela seja, para que o adorne, faça figuras, e labores agradáveis; é necessário torcer-lhe às vezes os rami-nhos, e outras cortar-lhe as vergôntes; e contudo nada aproveita, se perpétuamente o jardineiro a não toza, e cultiva, porque veveja muito.

Fuja-se, como de peste, de repartir casa, e receber criados com distinção, tais para o senhor, e tais para a senhora. Se o casamento é união, de que serve di-vidi-lo? Êste ponto é mais proveitoso à advertência, que agradável à especulação. Daqui vem, que nem lhe fujo, nem a persigo.



Tem-se hoje por grandeza lavrar quartos, e aposentos à parte, conservarem-se por toda a vida assim entre os casados. E há homem que vive tão diminuto de sua mulher, como das de seus vizinhos. Perguntem-se neste caso às paredes das casas mais antigas; que pois as paredes falam, elas dirão os costumes dos passados. Vê-se no seu modo de edificar, que onde hoje não cabe um pobre esculdeiro, antes cabia um senhor grande. Eu não sou tão amartelado da antiguidade, que cégamente siga seus costumes, mas parecia-me bem aquela singeleza, e não bem esta cautela. Vivam todos em todas as casas, maridos, e mulheres; que o contrário, certo, é abuso cheio de perigos.

Afirmo ser êrro que traz grandes inconvenientes, haver em casa gente parcial, e que cuide alguma d'ela que só a sua ama deve fidelidade, e segredo, só a ella queira servir, e dar gosto, só tema seu enôjo, e espere seu prêmio.

## IX

### Criados e criadas

Costumavam dizer os grandes: Tantos criados, tantos inimigos; sentença de que foi autor não menos que o Espírito Santo. Pois estoutra casta de criados, que o são, e que o não são, é a quinta essência dos criados inimigos.

Introduziu o costume, ou o diabo inventou, uma sorte de pagemzinhos, que chamam de ~~tocha~~ tocha, ou de es-

trado. Não aprovo tal uso, se se lhe houver de assinar particular exercicio, antes sou muito contra êle, porque entram, e saem, são espertos, e artistas, tomam cio com o favor, como quartãos galegos, e saem dele com más manhas.

Sejam os pagens todos do senhor, e dêstes os mais modestos, e honrados se apliquem ao serviço de sua mulher; e, se se variarem, é ouro sôbre azul. Não é necessário para fazer isto, senão vêr-se que é melhor que o contrário. Faça-se porque é bom, e mais seguro que o que se não faz.

Entrem pouco, e até parte sinalada; porque, se são pequenos, negoceiam com as criadas, e advogam às vezes por outros; se são grandes, trazem procuração em causa própria, sempre com dano do decóro da casa.

Viu um dia o duque de Alva, avô dêste que hoje vive, entrar um pagem já espigado no quarto das criadas; chamou-o, e disse-lhe: *Andad, decidle al mayordomo, que ó os cape, ó os encape.*

Havia sucedido um desconcôrto em casa de uma senhora a certa criada sua; e foi tal, que se houve de descobrir de noite, e ir-se-lhe buscar o remédio a casa de uma comadre; dava grandes vozes o portador, e dizia (dizia êle depois, que por lhe parcer mais honesto:) Senhora, acuda v. m. depressa a casa da senhora dona fulana, que está uma sua dona de parto. Que pregão êste! ;E quem tão culpado na infâmia daquela casa, como o descuido do marido senhor da casa?

Senhor N., olhe v. m.: quando o fogo anda na coitada, varrem-lhe muito bem os caminhos, que não fique palhinha, nem aresta, nem argueiro, e isto a fim de

que não salte de um arvoredó em outro, por meio daquelles nadas em que se atêia.

Estas sevandilhas pequenas, êstes argueiros, estas palhinhas, estas arestas, são às vezes causa de grandíssimos incêndios. Ande, senhor meu, a casa de v. m. bem limpa, e bem varrida, que além de ser grande aceio, é grande descanso.

Quero falar em criadas, e quisera falar mais baixo, se a escritura tivera tons, como tem a prática.

O número delas, nem falte ao estado de cada um, nem sobeje à fazenda de cada um. Nesta míngua nos levam os estrangeiros muita vantagem. Senhoras de grande porte, por terras que vi, e andei, se servem com uma, duas criadas, e mais das filhas que delas. E já porventura por esta causa chamam os francezes às damas do paço filhas de Honor; dando a entender, que não menos das filhas se podem fazer criadas, do que se podem as criadas ter em conta de filhas.

Se o hei-de dizer em outra parte, scja aqui logo, antes que me esqueça. Ouvi muitas vezes a um famoso prègador (que todos ouvimos) repetir êste dito engraçado, e verdadeiro: Quem gasta menos do que tem, é prudente; quem gasta o que tem, é cristão; quem gasta mais do que tem, é ladrão.

Em nada deve haver excesso na casa bem regida; e se em alguma cousa se compadece falta, é naquella que menos se vê, quais devem ser as criadas, que estas convêm que sejam as cousas menos vistas da casa, ainda que não sejam as menos para vêr. Certo que quando por mais não fôsse, que por atalhar os embaraços que elas causam à família, se podiam ter, e usar com grande moderação.

Valida especial de sua senhora não haja alguma, porque todas o possam ser no grau conveniente. Todas a amem, a todas estime; scjam todas suas criadas, scja senhora de todas; de nenhuma seja amiga, com nenhuma se mostre companheira.

Certo que hei-de contar a v. m. (conto-lha, não lha inculco) em segrêdo uma história: Dizia-me um grande senhor muito discreto, e gentil político: que assim como sua mulher se declarava em favoreccr uma criada mais que as outras, se cra môça lha galantcava logo, até que a boa senhora, a puros ciúmes, a lançava de seu serviço, ou pelo menos de sua valia; e se vélha, lha comprava com dinheiro, e mercês, de maneira que também por suspeitosa a descompunha. Eis tudo revôlto, e à vontade do marido. De sorte que com tal destreza se havia, que nunca vira a sua mulher três dias particularizar-se mais com uma criada que com outra. Tenho-o por demasiada astúcia; mas êle fazia muito caso desta treta. Fiqui dito, não aconselhado.

Pois estamos aqui, digamos o que àcêrca de criados se oferecc que advertir. Se fôr alguma cousa mais prolixo, saiba v. m. que de propósito me detenho, porque julgo êste ponto por um dos mais principais à honra e páz dos casados.

Mulheres, que são como o rio Nilo, a quem se não sabe o nascimento, e toda sua corrente, fugir, senhor, delas como dos próprios crocodilos, que dizem leva êsse rio. Há umas que dão em ter dons; outras que se prezam de nobilíssimas (e praza a Deus que não seja por afinidade). Muitas que se vendem por filhas bastardas de fulano, e fulano, as quais (se o são) sendo mal criadas ao bafejo das mães, são pouco a propósito

para boas eriadadas; algumas que se introduzem por descasadas; algumas que se lhes foram há tantos anos seus maridos para a Índia, e nada daquilo é seguro, e apenas é certo.

Estas costumam ser discretas músicas, comediantas, sabem fazer toucados extravagantes, bordadoras, costureiras, e com o eêvo das boas habilidades enfeitam as senhoras, que mal advertidas daqueles laços, que na aparência se encobrem, caem fácilmente em seus enredos; são as logo mimosas, e queridas; erguem-se de repente sôbre as mais; anda a easa revôlta, e ainda êste é o menor inconveniente. Contam histórias a sua amas, mostram-lhe às vezes a faeilidade de vencer um impossivel; alegam-lhes com casos passados; e finalmente são como sarna da honra, que sendo uma ruim e asquerosa doença, passa por gôsto, e dana com graça à pessoa que a padece.

¿Era para euidar, se convinha servir de pessoas de grandes partes? Quando elas fôssem conhecidas, muito bom seria. Vemos eontudo, que nestas há o maior perigo; porque a fortuna tem guerras apregoadas com a natureza: sempre uma desfavorece a quem a outra favorece.

Acho-o com agudeza, e razão aquele meu amigo, que escreveu: eram os quatro costados da doudice, a música, a poesia, a valentia, e o amor: não porque tudo isto deixe dê ser muito bom, mas porque porventura por ser tão bom, jâmais se concedem estas boas partes (e outras como estas) sem a pensão de um juízo leve, as mais vezes arriseado, e não poucas defeituoso.

Quando a mulher tenha desejos de reeeber em seu serviço pessoas assim semelhantes, oponha-se-lhe com



suavidade seu marido. Faça-lhe entender que as rendas se vendem na capela, os toucados se fazem no paço, e tudo o que custa dinheiro é mais barato: que a trôco de viver com receio, ou ocasião, nenhuma cousa é boa.

Convêm para criadas as filhas das que o foram, e que tem feito prova do amor, e da lialdade; as vassallas (quem as tiver) as vizinhas, e gente de antigo conhecimento; e todas daquela esfera de gente, que sem vergonha de seu estado, pode, e deve servir, e de quem seus amos, sem pejo nem vaidade, podem, e devem ser servidos.

Uma casta de mulheres que há pelo mundo, que são entre hóspedes, e recolhidas, tão pouco levará o meu voto. Muitas senhoras folgam de valer a estas tais com autoridade de sua casa. Não sou contra o bem fazer; mas incauta seria a piedade de quem tirasse do lume os carvões acesos, porque se não gastassem, e os metesse no seio para que lho abrasassem. Todavia não é geral esta regra, que pode pela prudência do marido ser alguma vez dispensada.

Contra a antiga modéstia portuguesa, introduziu o costume que as criadas andassem no mesmo trajo que suas senhoras. Ajudam-se de outra astúcia, metendo em cabeça às pobres amas, (a quem com tais persuadições deixam mais pobres) que a honra de minha senhora está em fazer suas criadas mais lustrosas que a si mesmo, e lhe apontam que veja a aquela, e aquel'outra, que não é tanto como ela, e veste as criadas tanto melhor que ela.

Pode assim acontecer cada dia, segundo a igualdade dos trajos, não se saber qual é a ama, ou a cria-

da, com muito mais ocasião do que dizem que a teve certo caseiro de um fidalgo noivo muito mancebo, que entrando com um presente na câmara onde jaziam seus amos, e não distinguindo qual fôsse êle, ou ela (a quem as crenchas faziam semelhantes, e as barbas não dessemelhavam) perguntou simplesmente qual dos dous era, ao serviço de Deus, o senhor noivo? porque a êle queria dar seu recado. Quantas vezes puderam hoje outros mais práticos, vendo as senhoras, e as criadas do costume, perguntar qual era a senhora ama?

O menor perigo que aqui há é o excesso, e desordem do gasto; que contido é tamanho, que em verdade, se se medir a ânsia, e trabalho, em que vivem muitos amos para sustentar a vaidade de seus servos, que bem maior trabalho passam os senhores por serviço de seus criados, que os criados pelo de seus senhores.

Mas tornando ao fausto, e escusado adôrno das criadas, mostra bem a experiência os danos que êste costume traz consigo. Elas vendo-se assim majestosas, logo sobem de pensamentos, e tratam de aproveitar aquêle bom tempo, mostrando-se, e deixando-se ver, e procurando haver por tais meios algum estado, que, em sendo havido por elas, e por aqueles meios, soe ser sempre bem ruim.

Seja o marido Almotacel, que taxe as galas de sua família; às criadas consinta toda a limpeza, mas não toda a louçainha; diferencie-as o trajo, como o officio.

Não se lhes chame damas, nem se lhes consintam galanteios: cousa moderna, e bem escusada. Fique-se essa permissão para a casa de el-rei, donde o medo



do castigo, e a fôrça do decóro, suprime a malícia, que alguma vez se desaforou tanto, que venceu o medo, e se revelou, contra o decóro.

Em parentes de criadas muito solícitas (e também em parentas) haja grande tento. Primos, e cunhados, que não forem muito conhecidos, falem de fóra, e, se não falarem, ainda darão menos em que falar. Curas que se vão fazer a casa de irmãs, e de tias, são enfermidades. Visitações, ainda com dona véilha à ilharga, tem seu risco.

Amizades especiais entre esta gente, são dignas de tento; segredos perpétuos induzem suspeita. Evite-se-lhes, que se chamem umas às outras com nomes que inventa a sua ociosidade, como: meu marido, minha avó, minha comadre; ou também, amores, cuidados, pensamentos; porque tudo isto, quando de presente não seja mau, é a meu juízo um jôgo de espada preta em que o vício as exercita, para que depois as tenha dês-tras para qual mais sanguinho desmancho.

Mas nem por isso aconselho aos amos o que Maquiavelo aos príncipes, a quem persuade revolvam os criados, para que não havendo algum que seja fiel ao outro, lho sejam todos a êle. Vele-se o casado quanto puder; porêm não espere por ruins meios a concórdia, que se não alcança (se se alcança) senão na casa pacífica, e concertada. Não quero pôr em cêrco estas mulheres, nem negar-lhes o lícito; aponto onde jaz o perigo, para que dele se desviem, pelo cuidado do senhor da casa, a senhora, e as criadas dela.

Sobretudo, convêm que o senhor procure ser bem-quisto de suas criadas, e as trate para êsse efeito com a benignidade possível; acuda por elas na semrazão que

lhes fizer sua ama, se lha fizer. Não se particularize por nenhuma: fale, e procure por todas. A liberalidade, pelo menos a galantaria, ajuda a isso muito; dando-lhes de quando em quando o que dele não esperam.

Verdadeiramente, senhor N., que podemos afirmar, que assim como entre a cabeça, e mais partes do corpo humano, convêm que haja grande conformidade para que vivamos com saúde; assim também entre o senhor da casa, e os familiares dela, convêm que haja concórdia, para que se possa viver com gosto, e quietação. E da mesma sorte, assim como os humores mais sutis, e delgados, são os que primeiro se revolvem, e corrompem; assim as mulheres são as que primeiro dão causa a qualquer movimento; por donde é necessário viver com elas muito regrado, porque senão destemperem, adoeçam, e matem o contentamento.

Agora peço eu a v. m. por prêmio do risco a que me pus em falar tão livremente, que v. m. leia, e guarde só para si êstes avisos; porque por mais que o meu estado seja já isento dos perigos de sua indignação, todavia os passados danos fazem como ainda agora tema, e as tema.

Pelo que tenho dito das criadas, se podem tirar alguns documentos para os criados. A primeira observação acêrca deles, seja que a nenhum se trate de maneira que à sua própria senhora dê cuidado: cousa que não poucas vezes acontece. Quando êste favor é indiscreto, cuidam as mulheres que os criados servem a seus amos em ruins ofícios; e particularmente se cansam com aqueles da antiga obrigação dos maridos, como antigos obreiros de suas mocidades.

Se tal succedesse, seja o casado fácil em persuadir

a sua mulher, que a trôco de que viva satisfeita, lhe será leve desviar de sua valia, e ainda de sua casa, êsse criado. E faça-o, se convêm, porque neste caso a resistência é constelação das contrárias suspeitas. Eu fico que a bein inclinada, e amante de seu marido, se contente com saber lhe é possível despejar-se daquele enfadamento, quando lhe põe em sua eleição o remédio.

Sucede muitas vezes às mulheres, o que aos potros, que melhor se governam quando lhes dão à rédea, e cuidam que podem ir à sua vontade, que quando lha recolhem, e mostram que vão à vontade alheia.

Não é cura para a mulher a raiva, e acinte; e assim se deve usar com elas de brandura, e cortesia. Se admitissemos para entre os casados algum artifício, dissera ser boa regra para a mulher, mostrar-lhe que com o marido podia tudo, sem que pudesse realmente mais do que fôsse razão.

Saiba, todavia, a mulher sisuda, que deve honrar a quem seu marido honra; e o homem honrado, que a ninguêm deve dar azo que a sua mulher perca o respeito.

Não se nega que a um, e a uns criados possa ter o senhor melhor vontade, segundo o que cada qual se avantajam em serviços, e merecimento. A regra geral dêste negócio é que de se favorecer o criado que muito merece, ninguêm se escandaliza; de ver acreseentar sem ordem aquele, que todos conhecem por inútil, todos suspeitam mal. Isto é nos senhores, isto nos grandes, isto nos reis.

A escolha de criados, sendo sempre necessário que se faça com consideração, o é mais para a casa dos

casados. Os que se prezam de valentes, são ruidosos; os músicos, inquietos; os namorados, infieis; os lindos impertinentes. Homens limpos, bem criados, amigos de honra, são a propósito; e estas suas melhores partes.

Taxe o número à fazenda (como já das criadas se tem dito). A razão pede uma contínua igualdade na casa do homem sisudo. Nesta parte dispensára facilmente, quando a ocasião requeresse contra a igualdade. Bodas, filhos, cargos, alegrias públicas, pedem vantagem na família; que tão pouco passado aquele tempo seria defeito aguarentá-la, e o seria passar por estas cousas sem algum novo luzimento; porque o mundo, com quem vivemos, como tomou o sabor dos pensamentos dos homens, não julga aquela temperança por prudência, senão por avareza.

Lembra-me àcêrca disto uma cortesia. Achei-me em uma côrte ao tempo que um rei mandou certa embaixada ao imperador. Era prudentíssima a pessoa que a levava, nada quis crescer no esplendor de sua casa. Notava-se por culpa, esta mediania entre os ministros. E porque el-rei expedira o negócio estando doente, diziam os travessos que S. Majestade mandava em seu nome aquele embaixador de tal maneira, por haver feito voto de ir descalço a certa casa de devoção em Alemanha, se Deus lhe desse saúde.

O mesmo que do número dirci do trato. O interior, e das portas a dentro, sempre convêm que seja suficiente. A gente de não grandes pensamentos, nada tanto a satisfaz como o bom pasto, que é felicidade, ou trabalho que padecem duas vezes ao dia; o exterior das portas afóra, por que entendendo o vestido, pode

(como já disse) segundo os tempos, crescer, ou diminuir.

Particularizando mais este ponto: Tenho por grande prudência o dar tinelo aos solteiros; comem, e andam limpos. O dinheiro é ocasionado: jogam, e o gastam mal, depois padecem. Este é o perigo dos que são grandes; e o dos pequenos, diga-o o que aqui dizia um fidalgo cortesão (vá por conto da chaminé): que nunca tivera pagens sem sarna, senão depois que dera em os fazer dormir na cama com as donas de sua mulher.

Mas que seja tornar a isto: Contava-me um grande prelado de certa religião mui reformada, que sempre trazia os seus frades famintos, porque não cuidassem em outra cousa, senão em comer melhor. Os criados se devem tratar às avessas, porque, andando bem mantidos, são melhores os seus pensamentos.

Temos assentada a família, e posto ao casado sua rasa. Digamos alguma cousa da mulher; e depois apontaremos como deve usar de tudo.

## X

### A Espôsa

Meu ânimo (segundo já deixo dito) não foi aconselhar como deve casar-se; que o acerto de v. m. me livrou desse trabalho; podendo por esse exemplo aconselhar a todos como era bem que casassem; se forem tão venturosos que assim possam.



Para o que já casou, e supomos bem casado, é que ajuntamos aqui estas advertências.

Perguntou alguêm, algumas vezes, se seria lícito deixar usar a mulher própria daquelas boas partes de que a dotou a natureza; como o cantar, o dançar, e ainda o fazer versos, e outras semelhantes prerrogativas, que em algumas se acham, e em muitas pudera haver, se o receio as não suprimisse.

Certamente, que se v. m. me fizera esta pergunta, me vira eu em grande enleio; porque o aniquilar em qualquer pessoa as perfeições que Deus lhe deu, impiedade parece; fazer-lhas exercitar naqueles limites que a prudência requer, parece impossível.

Dizia a êste propósito a princesa de Roca-Sorion em França, que foi discretíssima, e não bem casada: Que das três potências com que entrara em poder de seu marido, duas lhe tomara êle, e lhe deixára uma só, que ela lhe dera bem fácilmente. Porque nem a potência do entender, nem a do querer tinha já; e só lhe ficara a memória de que as tivera em algum tempo, para sentir mais a pena de se ver agora sem entendimento, nem vontade.

De todas as graças das mulheres, a graça é a que tenho por mais perigosa; porque para se usar dela, necessita de menos aparelhos: sendo, a meu juízo, esta graça a mais perigosá desgraça.

Cantar a mulher a seu marido, e filhos, se os tem, cousa parece lícita, e o seria o dançar alguma hora na sua câmara, enquanto a idade lhe permitisse essa alegria. Não louvo o trazer castanhetas na algibeira, o saber jácaras, e entender de mudanças do sarambeque, por serem indícios de desenvoltura.

Mas, aquilo de ser engraçada, e aguda na visita, na Igreja, no côche, e no paço, traz grandes inconvenientes consigo, e difficilissimos de atallar; porque das cousas a que se segue aplauso, bem ou mal ganhado, ninguêm se arrepende.

Velc-se disso seu marido; e, se com ela acabar a emenda, creia que fez muito; porque dêste mal nunca vi a nenhum docnte convalecido.

## XI

### Costumes da côrte

Somos entrados na máquina dos costumes da côrte, senhor N. Em grandes reccios estou que comece a não saber o que digo, se já o não tenho feito.

¿Quem dará termo a visitas, a merendas, a jogos, a romarias, a camaradas, a comadres, a amigas? Viralhes cu termo, e fôra dado por quem fôra.

Senhor, há aí umas cousas, que não são boas, nem más; e só as faz boas ou más o costume. Há outras, que de si não são boas, e por mais que se costumem, sempre são más. Há outras, que são ruins; mas que o costume as tem já feito sofriveis. Folgara eu muito que v. m., pois é discreto, me dera por adivinhado, sem me fazer declarar quais são umas, quais outras, que eu declararci por muito comuns exemplos.

Quero lisonjear as mulheres. O uso dos seus guarda-infantes, e cousas desta maneira, ponho entre aque-



las, que de si não são más, nem boas, e o costume lhe dá o ser, ou lho tira. Eu vi andarem as Francesas com semelhante trajo, a que então chamavam verdugadins; parecerem muito bem, e não lhes ser estranhado. Depois as vi sem êles, e parecerem da mesma sorte. Quando estas cousas se usam, se estimam dignas; e, quando não, se estimam indignas. ¿Pode mais ser? Eu tenho na minha livraria um livro feito por Alonso Carrança, contra as guedelhas, de que diz cousas abomináveis; e tenho outro feito por Pedro Mexia, em que não cessa de chorar o ver os homens trusquiados. A razão disto é o uso, que no tempo de um costumavam os cabelos grandes, e parecia vício, e abuso raparem-se os homens; e no de outro costumavam cabelos rasos, e parecia desonestidade trazerem-se crescidos. Estas tais são as cousas, que não sendo más, nem boas, o uso as faz boas, ou más.

Em Flandres (e mais em Alcmânia) é acto de galantaria, singeleza, amizade, e boa lei, beberem os homens tanto, que perdem seu juízo. Mas êste tal costume, não pode desmentir, nem honrar o vício que há nele; porque aquella demasia é de seu natural injuriosa.

Os antigos quebravam o jejum com qualquer outra cousa que comessem fóra daquela hora, em que lhes era permitida a refeição. Veiu o uso, e fez consoar, e pôde tanto, que ficou por bom uso. Aqui ajuntamos as consoadas do Natal; e por ir mais longe, os miúdos de Castela, que tudo foram introduções, sem alguma concessão, ou direito; porém já, qualificadas pelo inalterável consentimento, se fizeram toleráveis, e perderam o nome de vício.

Eis em bem claro modo, os três modos do poder

do costume. Mas deixemo-las com os seus guarda-infantes, que êles virão a ser maus (se agora ainda o não são) como elas acharem outro traço de que cuidem as faz mais airosas. Deixemo-las com suas visitas, romarias, e jornadas; que ainda que não era bom, já o uso lhe comunicou seu privilégio. Porém jogos excessivos, banquetes descompostos, vindas fóra de horas, amizades com porfia; as compreendidas (se as há) dêem licença, porque eu me resolvo a dizer a v. m. e a todo o mundo, que estas tais são daquelas cousas que nenhum uso pode fazer decentes.

Conhecendo-se que é mau, procure-lhe o marido cedo o remédio, antes que se aposse da pessoa. Consiste na ociosidade, e appetite; trate de dar o remédio à ociosidade, ocupando-a no honesto trabalho do governo de sua casa; e ao appetite, encaminhando-lho a outro emprêgo de mais honra, e proveito; qual seria, que tenha appetite de viver em paz, e confiança com seu marido, certificando-se-lhe que de outra maneira lhe será impossível.

Ouvi já dizer a um príncipe, falando-lhe uma pessoa de grande respeito por um criado, a quem aquele príncipe havia descomposto: Deixai-o, deixai-o estar em minha desgraça, que primciro que o castigasse com ela, lhe roguei muito que me tomasse por amigo entre os mais por quem me deixou, e nunca quis senão deixar-me por seus amigos.

Este tal requerimento deve com mais razão fazer o marido a sua mulher, e quando ella não convenha nele, outro tal castigo lhe merece.

É cousa rija que a senhora de casa, de tudo seja amiga, senão de sua casa; como acontece a aquellas,

que ou perdem a casa, porque nunca estão nela; ou porque o estar nela as ajuda a que a lancem a perder.

## XII

### Govêrno doméstico

Disse que scria bom ocupar a mulher no govêrno doméstico; e é bom, e é necessário, não só para que ela viva ocupada, senão para que o marido tenha menos êsse trabalho.

Cousas tão miúdas não é bcm que pejem o pensamento de um homem; e para os da mulher são muito convenientes. Pergunto: Não se rira v. m. se vira ir um elefante carregado com um grão de trigo na tromba? Sim, por certo; e logo louvára a Deus se o visse levar no bico a uma formiga. Diz bcm por isso o rife: Do homem a praça, da mulher a casa. Os maridos que em tudo querem mandar, são dignos de reprehensão, igualmente aos que não querem mandar em nada.

Emfim, snr. N., fique assentado, que o gasto ordinário convêm que se entregue à mulher pela contentar, pela ocupar, pela confiar, por lhe dar aqueles cuidados, por lhe desviar outros.

Se o faz como é razão, que maior ventura? Fará conta o marido que achou um criado tão bom como êle, e tão fiel, que o serve de graça. Se o faz menos bcm; ainda é mal bem tolerável. Quanto melhor será

que o desaproveite a mulher que não o criado? Que ela sempre errará contra sua vontade, ou pelo menos com vergonha; e o criado pode ser que muito por sua vontade, e sem nenhum pejo, desacerte.

As casas da gente ordinária soem ser melhor governadas; porque infalivelmente guardam esta regra: um traz, outro aproveita.

Dissera eu que à mulher se entregasse uma tal porção de dinheiro, que pouco excedesse o gasto quotidiano. Não por exercitar com ela alguma avareza; porém, porque tenho por sem dúvida não convêm às mulheres demasiado cabedal. Costumam gastar sem ordem aquelas que sem ordem recebem.

Diga-lhe o marido, que êle se oferece para seu escritório, que acuda a êle quando lhe falte o dinheiro, como pudera a uma gaveta de seus contadores; e faça-lho assim certo. Leve-a pela vaidade de grande govêrno; mostre espantar-se do muito a que chega sua indústria. Não se vê o bom alfaiate onde há muito pano, nem o bom cocheiro nas ruas largas. Eu fico que se a mulher é gloriosa, para o seguinte mês, gaste um têrço menos.

Para que lhe não seja molesto o pedir-lhe contas, dê-lhe contas seu marido daquilo que gasta, e corre por sua conta. Mostrar-lhes confiança as obriga a que façam o mesmo.

Estas contas de fazenda entre casados, não seria eu de parecer que jâmais se ajustassem, nem levassem ao cabo; seja só reconhecimento, que na mulher haja ao marido. Tira-se daqui uma grande conveniência; a qual é, que a mulher está sempre como que não é senhora disso mesmo que possui. Igualmente convêm

que gaste a medo, e goze a medo; mas jãmais seja despojada do que logra; porque então agradece, como que lhe deram, aquilo que lhe não tiram.

Agora inventou a cautela outras cautelas contra esta boa política, ajustando-se logo nos contratos do casamento (especialmente entre pessoas poderosas) os alimentos que hão-de dar os maridos a suas mulheres, durando o matrimónio. A quem o prometeu assim, aconselharei que o satisfaça; a quem o não prometeu, aconselharei que o não faça.

Não é, a este propósito, pequeno o inconveniente que há quando se casa com filha herdadeira; as quais com maior razão pretendem ser senhoras do que é seu, e ter na governança de seus bens maior mão que seus maridos; donde lemos haver algumas discórdias entre o Rei D. Fernando, e D. Isabel. Quando a mulher tal pretendesse, certifique-a seu marido, que quem é senhor da pessoa, e da vida, o é também da fazenda. Quem deu um anel de diamantes em uma caixinha de veludo, que não desse também a caixa, como deu o anel!

### XIII

#### O trajar

Não há para que me detenha no modo de vestir-se; vista-se conforme sua idade, mude-se com ela. Tem-se nisto respeito aos filhos, à saúde, ao gosto, à presença, ou ausência do marido, e também à idade



dele. Se o houvéssemos de regular, parece que até aos três filhos, e até aos vinte e cinco anos se permite toda a gala. É ainda nesse mesmo tempo tenha suas crescentes, e minguentes; que nos mesmos altares de Deus se mudam as côres, e adornos, e vez há em que se mostram tristes. Aborrece-me umas maias muito enfeitadas sempre de bordados, e jóias, que parecem Fama de procissão, ou Rainha Moura de comédias. Seja mais confiada em si a formosura, se são formosas; e mais reportada a fealdade, se são feias.

Dizia um marido galante a sua mulher, destas muito arraiadas: que em a vendo daquela sorte, lhe fazia mais devoção que amor; porque aquele seu andar, não era andar vestida, senão revestida.

Outras há, que são uma perpétua pastilha, e uma caçoula perene. Muito conforme cousa é com das o cheiro; mulheres, e perfumes, tudo são fumos. E se elles fôsem bem adubados da discricção, eu fico que recendessem mais ainda. Confesso que nunca fui desafeiçoado ao concêrto das casas, e das pessoas, como por concertá-las se não desconcertem. Lembra-me haver ouvido, e lido (tudo conto com pouco aplauso meu) do Imperador D. Fernando o segundo, pai do que hoje impera (se êle impera) que não quis dormir em uma câmara, porque lha tinham perfumado. Se foi achaque de natural repugnância, é desculpável; se não mais que hombridade, não vi eu maior impertinência. Há quem diga que foi religião; porque dizem, tinha D. Fernando para si, que os cheiros eram só devidos a Deus. Do nosso rei D. Sebastião também contam, não ser muito caroável de cheiros. Não sei como isto é, porque, como eu sempre ouvi chamar reais a todas as cousas boas,

cuidava sermos obrigados a erêr que todas as cousas boas eram reais; eram digo aceitas e dignas dos reis. A experiênciã mostra alguma vez que esta regra nãõ é infalível. Contudo, se tem por certo sinal de um bom espírito ter inclinação para todas as cousas boas. Nãõ sei se nestes perfumes das mulheres entram tantas filosofias; mas ainda que nãõ sejam virtude, contemo-nos com que nãõ sejam vício.

## XIV

## Regalos caseiros

Direi dos regalos, doces, e conservas o mesmo; se bem êstes gêneros, como mais necessários, em razão da saúde, da caridade, e da grandeza (que tudo é necessário) nãõ devem faltar nunca, como por acudir a êles se nãõ falte a outras eousas mais necessárias.

Contudo me parece conveniente deixar ccyar (digâmo-lo assim) as mulheres nestas suas curiosidades femeais: serem prezadas de melhor marmelada, boas caçotulas, consoadas pontuais, labores esquisitos, pano delgado, e eousas semelhantes; que verdadeiramente as que se cnfrascam nestes negóeios caseiros, nãõ lhe lembram outros, e êste é louvável.

Debaixo da mesma lei comprcendo os adornos, e alfaias de easa, julgando-a uma excellente occupação a da senhora que delas trata; e a seu marido louvarei muito, que em tal exercêcio a ajude sempre. Honram,



alegram, servem; e emfim é tesouro que se faz para as filhas, e em que se ganha às vezes mais que em mandar encomendas à Índia; porque para levantar o falso testemunho de um dote de tantos mil cruzados, não há reposteiro vélho, nem tapête que não valha a cento por cento.

## XV

### Visitas

Visitas que se fazem, e que se recebem, é um largo pégo. Já atrás deixo tocado nisto, mas não à minha vontade. Muito havia aqui que advertir, mas nem tudo é para papel, e tinta. Por certo, que não deixarei de contar o que me contava um homem discreto, e não bem casado, que havendo-me dito muitas queixas de sua mulher, rematou com esta, por fim de tudo: E vê v. m. isto? Pois o que mais sinto dela, é ser muito bemquisto. E de verdade as muitas amigas é cousa para dar cuidado, porque nem todas podem ser como hão-de ser as amigas.

Uma cousa que antigamente entre as amigas se chamava púcaro de água, passou a ser merenda, e de merenda a banquete; e de banquete tem já subido a tanto, que se lhe não acha nome, ou pelo menos não lho quero eu dar. Não sei como seja boa amizade, andarem-se destruindo as amigas umas às outras, empenhando as casas com excessos, desgostando os maridos com petições impertinentes, de perigoso, e de

impossível despacho. Se esta demasia se encaminha a mostrar amor, certamente indigna é a amizade que tem a gula por seu fim; se a ostentar grandeza, como se pode conseguir a grandeza pelos meios que se alcança amizade, que entre todos os porque se alcança, nenhuns são tão próprios como o gasto desordenado?

Havia adoecido um fidalgo de pena de se ver empenhado sem propósito, pelos despropósitos com que sua mulher gastava o que não tinha; e como, estando com grandes febres, visse em casa um prato de cidrão molc, com que apesar de sua careza, a mulher se servia de ordinário nestes seus convites, dizem que disse o pobre doente: Dai-me cá aquele cidrão, que o quero comer todo. Requeria-lhe a mulher que tal não fizesse, porque o cidrão era fogo para quem se achava naquele estado. Respondeu então: Bem sei que é fogo, que bem abrasado me tem; mas deixai-me ver se acaso tem o cidrão a virtude do cão danado, cujos cabelos, se os põe na mordedura que êle fez, dizem que a sara logo. Nem andou menos discreto um criado, que perguntando-lhe certa pessoa, que fazia seu senhor, porque o queria ver; êle lhe respondeu agudamente: Meu amo não está para ver, porque o está merendendo minha senhora com as senhoras suas amigas.

## XVI

## Murmurações

Faça o marido de quando em quando uma estação a sua mulher; admoeste-a, que nem no seu estrado, nem em o alheio apóde ninguém; cousa muito certa, e de que as apodadas, sendo mulheres, se cansam assaz, e também apódam; e de que, se homens, logo lançam mão para queixas, ou agradecimentos. Que não desenrole os cuidados alheios, se fulano olha, ou se passeia a fulana. Parece cousa imprópria, que uma senhora, que não é bem que saiba mais que de si, e sua casa, traga registados os pensamentos do outro. Nunca a algum homem dos do lugar em que viver, louve, ou injurie. É nas mulheres êste diverso efeito (de ordinário) procedido de uma própria causa. Daqueles de quem muito mal se diz, e daqueles de quem muito bem se conta, julguei sempre um igual mistério; e foi o pior que nunca me enganei nestas sentenças. Deve ser a prática das mulheres, do seu lenço de amostras, do ruim tempo que vai para curar pastilhas, queixar-se das criadas, e ainda para que se queixem dos despegos de seus maridos, lhes dou licença; ainda que lhes levantem falso testemunho.

É porque sei que hão-de pedir maior comarca para sua conversação, me parece que lhes podemos conceder, que possam até estranhar o bem, ou mal feito vestido que traz D. Fulana; e quando muito, chegar a não

lhe parecer bem as côres, de que o betou, contanto que lhas não interpretem.

## XVII

## Amizades

Torno às amigas, e reparo muito, que em nosso bom português, com muita razão, de amigas imigas quasi não vai diferença. Sou tão ruim, que creio que muito mais dano fizeram amigas no mundo, que inimigas. E assim costume eu a dizer, que aos homens perdem seus inimigos, e às mulheres suas amigas.

Tenha-se que devem ser as melhores; e estas não tratadas com porfia; basta que seja sem artificio. E esta tal amizade assento eu em especialidade, e cumprimento. Isto com as mais amigas.

## XVIII

## Frequência do Paço

Trouxe-nos Deus agora (com todo o mais bem que veiu a êste reino) um novo Paço e Côrte; e porque da do tempo passado nos não lembramos os que vivemos agora, mal poderemos governar estas acções

por aquelas antigas. A côrte portuguesa era bem frequentada, bem galante, e bem luzida, mas de grande recolhimento.

As idas ao Paço são devidas, justas, e boas; as vezes devem de ser contadas. Nascimentos de infantes, bodas, festas de entre ano, achaques de príncipes, sua saúde, novas notáveis, e pouco mais que isto. O ir só, não é elcagante; seja a companhia sempre boa, mas não de pessoa maior (salvo a primeira vez) cuja autoridade some o agasalho, que cada um deseja de achar na graça dos reis, em suas casas, e em as de qualquer hóspede.

Acontece que muitas mulheres muito para isso, comecam a cobrar (vãmente) fumos de bem vistas das rainhas, e princessas; a que, sem algum fruto, se segue grande inquietação. E succede mais, que para dourarem sua ligeireza, se hão com os maridos como dizem que fazem os negros dos mercadores, que em indo por onde querem, tapam a bôca aos amos com dizer-lhes que foram ouvir missa. Vem muitas vezes a ser o lícito capa e manto do ilícito. Com achaque de que vão ao Paço, se gasta o tempo em ociosidades, e a casa se desgoverna.

A mulher principal basta-lhe que a sua rainha a conheça. Em melhor conta a terá quando vir o siso com que procede, as poucas vezes que a vir. O correio extraordinário a todos alvoroça, quando chega; o correio ordinário vai e vem, sem ninguêu fazer caso dele. Às pessoas de fóra do serviço dos príncipes, é custosa, e arriscada a pretensão de seu favor. Punha um grande cortesão o servir às damas, e aos reis, com o uso do limão, e da laranja; que o limão quer que o aper-

tem muito, e então dá melhor sumo: a laranja se quer espremida muito a de leve, porque logo amarga em se apertando. As damas querem ser assistidas; os reis vistos à boamente. Por isso já disse alguém, que os príncipes, e o fogo, se queriam tratados de longe, porque perto queimam, e longe alumiam.

## XIX

### Festas

Ser mui pontual em todas as festas, certo que é grande fadário. Aquelas das igrejas, que entre nós são mais frequentes, ninguém pode duvidar que seja licito acudir a elas; mas nem todas as cousas lícitas são sempre convenientes. Dê-se-lhe confiança bastante à mulher para crer que pode ir a todas as festas, mas com amor, e cortesia se lhe mereça que não vá a todas.

De uma que não lhe escapava alegria, em que se não achasse, dizia um: A senhora fulana péna em glória. Porque verdadeiramente parece um novo género de purgatório não haver festa, onde a mulher não queira ser presente. Perguntavam a um casado, onde fôra sua mulher à missa, e êle dizia: Onde ouvir charmelas. Eu conheci em Castela uma titular velha, e graciosa, e por extremo honrada, que quando se metia no côche, e lhe perguntava o cocheiro, a onde? Respondia: *A donde huviere mas gente.*



## XX

## Cachorrinhos e outros bichos

Ora já que vou tão miúdo, hei me de aventurar um pouco mais; servirá de alegrar a melancolia, que até aqui guardamos. Senhor N., não sou de cachorrinhos enfeitados, que sempre tem nomes misteriosos. Já me succedeu em uma igreja vir-me perguntar um pagem esbaforido, se vira eu por ali o cuidado da senhora D. fulana, que andava perdido: e perguntando qual era o cuidado daquela senhora, que pudera bem ter outros, achei que era um cachorrinho daquele nome. Papagaios, saguins, são praças mortas, mui escusadas, e que as mais vezes induzem ligeireza. Senhor meu, os mineiros pelas ervas, pelas flores, que dá a terra cá por fóra, conhecem logo qual tem ouro lá dentro, e qual não tem ouro. Tanto podem os sinais exteriores.

Vou estando tão impertinente, que nem pássaros hei deixar. Roussinol de todo o ano, que canta de noite, e dizem logo que faz saúdades, ¿de que serve? ¿De que servem saúdades estando o marido em casa? Não convêm que haja saúdades neste tempo, nem que se conheçam. Negrinho, negrinha a que se digam requebros; enjeitadinhos graciosos, vilões simples (que às vezes não são simples) vestidos de côres, que se chamam Dons fulanos, entram, e vão por donde querem, não quisera eu que entrassem, nem fôssem por casa de v. m. Tudo isto na minha má opinião é re-



preensível; e folgara de o ver longe das portas de meus amigos.

Juro a v. m. que toda a vida me enfadaram as damas dos livros de cavalarias, porque sempre as achava acompanhadas de cachorros, de leões, e de anãos. Tão inimigo sou destas tais sevandilhas, que nem em livros mentirosos as soffro; veja v. m. que scrá nas cousas verdadeiras? Mas o que é humor, ou capricho meu, não é razão que se assente por regra geral. Seja advertido para quem tiver outro tão mau gôsto.

## XXI

## Mulheres caseiras

Os castelhanos celebram muito as mulheres caseiras, que tratam do serviço de suas casas. Verdadeiramente êles as festejarão tanto, porque colhem lá delas tão pouca novidade, que vem a ser novidade o achar lá uma destas mulheres. Contudo ouvi da rainha D. Margarida de Áustria (mãe de el-rei D. Filipe que hoje reina) bordava ela, e suas damas, mandava vender sua obra, e applicava para regalos das freiras da Encarnação seus ganhos, e cabedais. Ou como, por melhor exemplo, dizem que faz hoje o mesmo a rainha nossa Senhora, imitando as nossas antigas princezas, entre as quais foi neste virtuoso exercício sinalada a rainha D. Catarina, tia da serenissima rainha nossa senhora, de quem se diz se dava tão bem neste ho-

nesto, e piedoso trato, que enriquecia os mosteiros pobres do reino; dos quais muitos guardam todavia singulares adornos, ou feitos por mãos daquela santa princesa, ou ganhados pelo trabalho delas.

Não cansa a minha Margarida de Valois, rainha que foi de França, e Navarra. Chamo-lhe minha pela grande afeição que tenho a seus escritos; e porque foi, a meu juízo, a mais discreta mulher de nossos tempos; cujas acções de muitos caluniadas, eu espero brevemente defender no meu Teodósio. Não cansa, digo, esta entendidíssima senhora de encarcer o bem que lhe pareceu ver desabotoar-se a condessa de Lalaim, estando à mesa com a própria rainha, e dar de mamar a um filhinho seu, que a seus peitos criava. Gaba a francesa grandementé aquella caseira acção da condessa, e diz: que nunca teve inveja a feito de mulher, como a aquele.

## XXII

### Mulheres ídolos, varonis, e sábias

Há umas mulheres ídolos, que ou são inutilísimas, ou se prezam de o ser; e só lhes parece que nasceram para ser adoradas; e disso só querem servir. Ora eu me contento com que não façam mais de um serviço em suas casas. E seja este. Sirva a mulher de ser senhora de sua casa, satisfaça as obrigações deste seu officio: que assaz fará de serviço a sua casa, a seu marido, se o fizer como deve.

Como o tomará v. m. se disser mal das varonis. O senhor N., eu me fundo em razão. Se eu tivesse por certo que o grande coração da mulher se houvesse sempre de ocupar bem, bem lho sofrera; mas em dúvida tenham medo de um rato; desmaiem-se em vendo espada nua; um trovão seja para elas um dia de juízo. Criou-as Deus fracas, sejam fracas; oxalá façam o que são obrigadas, não lhes quero pedir mais que sua obrigação.

Já sei que desta vez ficarão de todo mal todas comigo. Não quisera discorrer pelo seu entendimento, nem dar regras a cousa que serve de dar regra às outras cousas; mas pois me atrevi a oferecer preccitos sobre o amor, que é ainda afeito mais livre, não temo já de os dar para o entender.

Hei-de estranhar por força um dito daquele nosso tão nomeado, e tanto para nomear, bispo D. Afonso, que dizia: A mulher que mais sabe, não passa de saber arrumar uma arca de roupa branca. Nem sentirei melhor do outro que afirmava: Que a mais sabida mulher, sabia como duas mulheres.

Sou de muito diferente opinião, e creio certo há muitas de grande juízo; vi, e tratei algumas em Espanha, e fóra dela. Por isto mesmo me parece que a aquela sua agilidade no perceber, e discorrer, em que nos fazem vantagens, é necessário temperá-la com grande cautela.

A êste seu juízo não se pode pôr lei alguma; aos exercícios sim. Como se agora a um homem fôsse dada uma navalha de finíssimo aço, para que fizesse um feito ruim; mas estando ela ainda em tôsko, aquele que lhe escondesse a pedra em que a queria afiar, fi-

zera o mesmo que se lha tirasse da mão, e escusasse o malefício. Assim, pois não nos é lícito privarmos as mulheres do subtilíssimo metal de entendimento, com que as forjou a natureza; podemos, se quer, desviar-lhe as ocasiões de que o agucem em seu perigo, e nosso dano. Façamos nós, senhor N., o que podemos.

Nos cuidados, e empregos dos homens não se metam as mulheres, fiadas em que também tem como nós entendimento, e em que a alma não é macho, nem fêmea, como alguma em seu favor alegava. Mas saibam os maridos que nem por esta taxa, que lhes ponho, é justo que a mulher sisuda deixe de dar a seu marido modestamente seu parecer; nem deixa êle de ser obrigado a lho pedir.

Não cuide v. m. que me contradigo, ou arrependo do que tenho escrito; declaro-me com um bom semelhante. Seja a mulher como a mão do relógio, e o marido seja o relógio. Aponte ela, e soe êle. Um mostre, outro resolva; que andando desta maneira temperado o relógio, todos o crêem, todos o tem por oráculo. Não só se concerta a si mesmo, mas faz andar aos outros concertados. E ao contrário, se se desconcerta, também aos outros.

Oh! como folgo de ver uma mulher ignorar aquilo que não é razão saber! mas que verdadeiramente o saiba. Acho grande perfeição quando erram aquelas cousas que lhes podiam pôr imperfeição, se as acertassem.

Entenda a mulher como mulher; seja tal sua lição quando lêr; sua prática quando praticar; e tal o mesmo que se lhe lêr, e que se lhe praticar.

Pois comecei com os meus adágios, hei-de acabar

com êles. Ouvi um dia caminhando, e não era êle menos que a um chapado recoveiro (veja v. m. que enjeitei os filósofos, para citar êstes autores) enfim ouvi-lhe, que Deus o guardasse de mula que faz *him*, e de mulher que sabe latim. O riso, e gôsto com que lhe escutei esta engraçada sentença me faz agora lembrar dela; não se julgue por indecente, se é proveitosa. O ponto está em que o latim não é o que dana; mas o que consigo traz de outros saberetes envolto aquele saber.

Já que estou ao fogo, e como desde êste lugar falo a v. m., e v. m. me ouve, e me perdôa, irá outra não pior história. Confessava-se uma mulher honrada a um frade véelho, e rabujento; e como começasse a dizer em latim a confissão, perguntou-lhe o confessor: ¿Sabeis latim? Dissc-lhe: Padre, criei-me em mosteiro. Tornou-lhe a perguntar: ¿Que estado tendes? Respondeu-lhe: Casada. A que tornou: ¿Onde está vosso marido? Na Índia, mcu Padre (disse ela.) Então com agudeza repetiu o véelho: Tende mão, filha: ¿sabeis latim, criastes-vos em mosteiro, tendes marido na Índia? Ora ide-vos embora, e vinde cá outro dia, que vós é fôrça que tragais muito que dizer, e eu estou hoje muito depressa.

Tomára que as mulheres não soubessem de guerras, nem estados, nem procurassem por isso. Enfadam-me umas que se metem em eleições de governos, julgar de brigas, praticar desafios, mover demandas. Outras que se prezam de entender versos, abocañham em linguagens alheias, tratam questões de amor, e de fineza, decoram perguntas para gentes discretas, trazem memorial de motes dificultosos. Umás que dão si-

gnificação às crvas, que adivinham as côres, outras que as tem de sua tenção; outras que examinam prêgações, que lhes tomam palavras; outras que as usam esquivitas, e falam por circunlóquios, que tem modos de gabar fóra do uso, que praticam ao som do meneio das mãos, ou do movimento dos olhos. Fóra, fóra tudo isto, que parece ficção, e nem verdadeiro, nem fingido é bem que seja. Não me tenha v. m. por mal dizente; mais vale que por proluxo. Mas em verdade, que tudo o que aponto é digno de ser lembrado.

Pedia uma dama a um seu irmão, homem discreto, que lhe desse uma letra para certa empresa sua, que queria mandar abrir em um sinete; respondeu-lhe: Minha irmã, deixai as empresas para as adargas dos cavaleiros andantes; as empresas, que haveis de mandar abrir, sejam chavões para fazerdes bolos a vosso marido quando o tiverdes.

### XXIII

#### Mulheres palreiras, descompostas e muito risonhas

Falar sempre, é mau; rijo, é malíssimo; e em logares indecentes pior que tudo. Aeontece que muitas que se prezam de discretas, respondem alto nas igrejas para que as ouçam, e aplaudam; entendem com as amigas, que lhe fream longe, a fim de serem ouvidas. Também o suspirar à prêgação, fazer gestos com a



cabeça, como que lhe contenta o que se disse, rezar desentoado, compassar a música, são cousas que não houveram de ser.

Fale a mulher discreta o necessário, brando, a tempo, com tom que baste para ser ouvida da pessoa a quem fala, e não das outras. Comparou bem um entendido as pessoas com os sinos, que pela voz se conhece se estão sãos, ou quebrados. Escuso de mostrar como as palavras informam do ânimo; porque assim como pelo correio que vem de tal parte, sabemos as novas que lá vão, assim pelas palavras, que vem do juízo, sabemos o que lá vai.

Elas já sei que me terão por suspeito; pois até os movimentos lhes hei-de medir. Uma das terríveis cousas que há na mulher é usar de meneios descompostos. Sei que nem todas podem ser airosas; mas graves, todas o podem ser. Faz grande dano uma maldita palavra, que se nos pegou de Castela, a que chamam despejo, de que muitas se prezam; e certo que, em bom português, despejo é descompostura. Outra explicação lhe ia eu a dar, mas esta baste. É claro está, que o despejo é cousa ruim, porque o pejo era cousa boa. Nada disto se lhe perdôe: sendo, senhor meu, tão importante que êstes costumes exteriores andem concertados, como é a formosa frontaria a um nobre edificio, para que se tenha por nobre.

¿Ora do riso que diremos? Pois se elas tem bons dentes, e aquilo que chamam graça na bôca, e cova na face, aí lhe digo eu a v. m. que está o perigo. Há mulher destas, que rirá a todo o sermão da Paixão, como se fôsse ao de dia de Páscoa, sómente por assoalhar aquele seu tesouro. Não disse Platão, nem Sene-



ca, cousa melhor que o que disseram as nossas véllhas:  
*Muito riso, pouco siso.*

Longe estou de persuadir à mulhr que seja melancólica; porque antes a sempre triste induz pouca satisfação de sua vida. Alegre-se, e ria-se em sua casa, à sua mesa, e na conversação de seu marido, filhos, e familiares, deixe o riso em casa, quando fôr fóra, a modo da serpente que vomita a peçonha primeiro que vá beber, e depois que bebe, torna outra vez a recolher a sua peçonha. Venha para casa, e tonie a sua boa graça.

## XXIV

### Leituras

Ainda fico com escrúpulo sôbre a lição em que muitas se ocupam. O melhor livro é a almofada, e o bastidor; mas nem por isso lhe negarei o exercício delcs. Estas que sempre querem lêr comédias, e que sabem romances dclcs de cór, e os dizem às vezes entoados, não gabo. Outras são mortas por livros de novelas; tais pelcs de cavalarias. Aqui é mais perigosa a afeição, que o uso. Bem vejo que se lhes pode permitir êste desenfado: mas seja com maior cautela a aquelas que excessivamente se lhe entregarem; visto que podemos temer se ama nele antes a semelhança dos pensamentos, que a variedade da lição.

Não quisera que ninguêem gostasse senão daquilo, de que era justo que tivesse gôsto.

Contarei a v. m. uma cousa que a meu pesar me lembra. Caminhava por Espanha, e entrando em uma pousada bem chcio de neve, não houve algum remédio para que a hóspeda, ou suas filhas, que eram duas, me quisessem abrir um aposento, em que recolher-me; e quanto eu mais apertava, me desenganavam melhor de que nenhuma se levantaria donde estava, sem acabar de ouvir lêr certa novela, cuja história ia muito gostosa, e enredada. E tal era a sofreguidão com que ouviam, que nem ameaçando-as com que iria a outra pousada, quizeram desistir de seu exercício, antes me convidavam que ouvisse os lindos requebros, que Cardénio estava dizendo a Estefânia: que tudo isto rezava a boa da novela. Emfim eu me fui apear a outra parte, e voltando em breve tempo por aquelle logar, e perguntando pela curiosa leitora, e ouvintes, me disseram que muito poucos dias depois as novelas foram tanto adiante, que cada uma das filhas daquela estalajadeira fizera sua novela, fugindo com seu mancebo do logar, como boas aprendizes da doutrina, que tão bem estudaram.

## XXV

## Beatarias e crendices

Somos entrados na santimónia, ou por melhor dizer, na beataria. Tenho cansado a v. m., quisera passar voando por aqui, mas hei medo que não possa. A matéria é das mais importantes; procure v. m. (mas

que se force) ouvir-me com nova atenção, que eu também renovando o cuidado, hei-de procurar de falar a v. m.

Muitas pessoas de grande porte, e excelente natural, a titulo de virtude, temos visto cair em vida desordenada. Nosso inimigo, o demónio há-se às vezes conosco, como um homem quando busca outro, que se o topa em um caminho, e vê que vem para êle, ali o espera; e se vê que se desvia para outra parte, então estuga o passo, e o segue até alcançá-lo. Às pessoas que vivem mal, muitas vezes lhes não sai ao encontro, porque sabe vem direitas para êle; mas às que vivem bem, após dessas se lança com maior ligeireza.

A reformação dos costumes cousa é boníssima, e santíssima. Tem porêm nas casadas seu limite; de maneira que por se darmos de todo a aqueles bons exercícios, não desamparem os da obrigação de seu estado; no qual Deus deixou virtude e santidade bastante para que, sem saírem dele, se possam salvar todos, e todas, a quem compreende.

Andam pelo mundo espalhados uns homens, e mulheres, que fazem profissão de mestres de virtude, de que verdadeiramente nem são discípulos. A êste fim arrebatam, sem alguma prudência, os ânimos singelos, e piedosos das senhoras, e gentes principais, que às vezes guiam tão mal, como nos mostram mil exemplos, e como êles a si se tem guiado.

Convém que a casada tenha seu confessor certo; e êste seja pessoa grave, e conhecida, e daquelas religiões que mais florecem no lugar onde viver. Muitas senhoras de grande estado vi confessar com os curas, e párocos de suas freguesias, que quando êles sejam

homens doutos, e sisudos, julgo por excelente costume. Pois como até na eleição de confessor pode haver de-sacêrto, discreta resignação, e desconfiança seria não fiar de seu juízo cousa tão importante, e seguir aquella que a igreja tem feito, entregando sua consciência à pessoa a quem as entrega aquelle a quem Deus, e seu Vigário as tem entregado.

Tenham as senhoras toda a piedade, e compaixão dos pobres, e afligidos. Mas umas devoções a beatas, e beatos extravagantes, não levarão já mais meu parecer. Senhor N., freiras veleiras, que não sejam as ser-ventes dos conventos conhecidos, vélhas alumiadas, gentes professoras de novidades, que trazem orações, e devoções de tantos dias, com tantas candeias, e de tal côr, porque logo Deus (como elas dizem) lhes mostra o que há-de ser, requeiro a v. m. que tal cousa não admita.

Galantemente o advertiu o nosso Sá nos seus Vilhalpandos, espelho de graça, e cortesia. Quando a vélha, que ensinava a matrona, mandasse nove môças em romaria com vélas de cera virgem para abrandar a condição do filho travesso; torna a fazer a vélha aquella tão estremada lembrança: Ouvis, senhora; a cera das vélas convêm que em todo o caso seja virgem; que as môças, quer o sejam, quer não. Tais costumam ser de ordinário aquellas suas devoções, tais as circunstâncias em que elas poem a fôrça de sua virtude.

Umas há, que chamam Madres, que se prezam de dizer cousas em segrêdo: se se casará, se terão filhos, se será o marido governador de tal parte, se ficarão viúvas cedo; benzem enfermos, vão a Santo André, gastam rolos com seus nós todo o ano; afirmam que

a alma do parente não esteve mais que três dias no Purgatório: guardar, senhor, de tudo isto, como do próprio inferno.

## XXVI

## Frades e freiras

Vejo que já me estão perguntando, e como se haverão em o trato dos frades? Responderci com a resposta de um cortcsão, ou aconselharei com o seu conselho. Dizia êste, sendo assim perguntado: Olhai, eu sou amicíssimo dos frades: se não são bons, não lhes quero dar ocasião em minha casa para que sejam piores: se são bons, não lhes quero dar ocasião em minha casa para que o não sejam: de sorte que sempre os amo, e sempre os escuso.

Outro mais escrupuloso dizia, que em quatro partes lhe parcciam bem os religiosos: Altar, Púlpito, Confessionário; e perguntando-lhe qual fôsse o quarto logar? Respondeu: pintados.

Lícito é que o parente religioso veja a mulher de seu parente, ou sua parenta. Venha a casa, ajude a alegrar nas ocasiões de contentamento, e a consolar no desgôsto; componha a discórdia, se aconteceu entre os casados. Que o mesmo faça o prelado da Religião, o homem douto, e virtuoso dela; assista-lhes o marido, dê autoridade a suas visitasões, que então fica a prática mais universal, e a visita mais solcne.

Enfada-me (e é para isso) o modo de alguns ho-

mens, que em lhe chegando Frade, ou pessoa de que elles não gostam, à sala, já o encaminham para D. fulana, e por se verem livres da impertinência, ou petitório de alguns de tais mensageiros, lhos lançam à pobre mulher, como quem lança ôdre de vento a touro em que desbrave. É êste um mal considerado remédio.

Também o ser descortês com os religiosos, e estar como potro espantadiço, tendo medo de qualquer argueiro que voa pelo ar, é andar muito por êle. A mulher se desconfia, vendo o pouco que fiam dela, escandaliza-se a casa, o senhor se afronta, e nada fica melhorado.

Reduzira, finalmente, as beatarias da mulher casada em ser muito amiga de Deus, e muito temerosa dele. Estudar nas obrigações de seu estado. Ouça a missa no seu oratório à semana; e, se ao domingo quiser ir à Igreja, é bem louvável. Vá, e não às de maior concurso. Em dias de festa será conveniente acompanhar-se da parenta, e da amiga; ir cedo; e não entrar na casa de Deus com o mesmo estrondo que se entrara em uma batalha, destroçando, e atropelando o povo, que se queixa, e as murmura. Esta é manha de algumas senhoras, e não por certo boa manha. Não seja a última que sáia, nem a primeira.

Tinha também que dizer a umas que comem nas Igrejas, para ficar para a tarde; a outras, que sem propósito se levantam mil vezes cada hora a rezar de joelhos, não sendo tempo; mas parece apertar muito; fique pelo menos sabido que não esquece.

O uso das penitências, para quem as usa, é saudável. Na mulher que as aprende, convêm que se moderem. Há uns casados tão indiscretos que se desviam



da mortificação, quando algum a quer receber. Isto não deve ser assim: porque quem ama a pessoa, muito mais deve amar o espírito. A mulher boa, que sem excesso se mortifica, é digníssima de que se lhe dê todo o azo, e licença, para que prossiga em sua oração, e mais exercicios santos. Ao marido o mesmo a mulher; que o contrário é amar de gentildade.

Duvido (ou não sei se não duvido) de que seja conveniente a amizade de casadas com freiras. Isto podia ser mais, e menos tolerável, segundo fôsse mais, ou menos freqüente. Por cousa tenho senhoril ter boa amizade com uma religiosa, que as mais dclas, ou são santas, ou discretas, curiosas, e pessoas de estima; quando o negócio não chegasse a amores impertinentes, escritos de cada dia, ciúmes de cada hora, presentes, e viagens de todo o ano. O mais, como digo, antes fôra bem permitido; e que a casada mandasse à freira seus presentes, por festas, e a visse por festa.

O mesmo a seu confessor, ao prelado conhecido do convento reformado. Fcz Deus aos ricos tesoueiros dos pobres; e assim é razão que se deixem usar deles, como de acredores seus.

Não tenho aqui que dizer mais, e antes cuido que fui sobejo. Salvo se acrescentar um aviso de cousa, com que há muito tenho azar; a qual é ver a umas mulheres andar sempre fazendo festas, pedindo-as, prometendo-as, e aceitando-as com o pretexto que elas querem. Falei já no servir a Deus quam bem parecia; mas nesta matéria creio que há não pouco inconveniente, porque às vezes uma senhora a trôco de se não escusar de receber uma capela, e um ramallete em uma salva, cuidando que se apouca em a não aceitar, a acei-



ta, e põe depois seu marido em maior vergonha, ou não fazendo a festa, ou fazendo-a mal, do que ela se ficára escusando-se dela. Até a estas cousas alcança a obediência, que aos maridos se deve.

## XXVII

## Atavios

Ande a mulher toda vestida, e sempre composta por sua casa, e jãntais a vejam seus criados em hábito indecente. Como para ela não é bem que haja outro mundo que seu marido, creia que assim convêm apparecer a seu marido, como se apparecera a todo o mundo.

Estou de candeias às avessas com um novo costume de umas capinhas, que não sei donde vieram; porque me não lembra que tal visse em nenhuma parte. Ora seja, ou não seja de outra nação, êle não é trajo autorizado, nem (a meu juízo) decente; e já tão vulgar, que isso mesmo pudera, ser o seu desprêzo. Podendo-se com mais razão dizer pelas tais capinhas, o que dizia um pechoso pelas violas, que sendo um excelente instrumento, bastava saberem-no tanger os negros e patifes, para que nenhum honrado o pusesse nos peitos.

Chega o desatento a tanto, que neste trajo se acceitam visitas; e é cousa muito para evitar, por ser tão pouço airosa para quem a oferece, como para quem a recebe. Ambas as pessoas desestima quem a sua mostra

sem compostura a outra pessoa. Ao que bem aludia um cortesão, que sendo convidado de um amigo, e dele mal agasalhado, lhe disse: Não cuidei que éramos tão amigos.

## XXVIII

## Facilidades dos maridos

Há homens fáceis em mostrar a seus amigos sua mulher. É suposto que êsse costume diz simplicidade de ânimo, e é usado entre os estrangeiros; todavia nem hoje está o mundo para que um só queira ser êsse simplíssimo, nem ainda nesses, que o costumam fazer, deixam de estar sucedendo casos, que os puderam mui bem haver feito mudar êsse costume.

Convidava (em Espanha era) um senhor principal, e bem casado a alguns amigos seus de alta condição; quis que vissem sua mulher; ela se escusou; mas emfim a visitaram. Depois à mesa quis seu marido que ela também comesse, e houresse os hóspedes: retirou-se, e sendo apertada com recados, respondeu em sua própria lingua: *Deed al Duque, qui si me hizo baxilla, no me hará vianda.* Mostrando com agudeza castelhana, que já que como baixela a fizera ver, a não quisesse também facilitar como iguaria.

Que o senhor leve algumas vezes o parente, o amigo, o ministro, o prelado, o estrangeiro, e homem douto, e principalmente o homem bom, a sua casa, e lhes faça convite, não só o não estranho, mas o louvo. E

cousa honrada, e que faz os homens bemquistos. Não deve evitá-lo sua mulher, antes com todo o concêrto decente dispôr que se ministre, honrando a seu marido naquella acção; com o que os muito ásperos se obrigam; porque os corações nobres muito mais se satisfazem de ver que se ama o que êles amam, do que ainda de serem por si mesmos amados.

Hei-de dizer aqui de umas, que se prezam de matronas, e quer bem, quer mal, elas querem ser os senhores de suas casas. Estas pretendem sua maioria por muito honradas, por muito sabedoras, ou por muito illustres. E às vezes sem nenhum dêstes extremos, elas se dão tal manha, que a conseguem, especialmente dos maridos bons, simples, e divertidos.

Vigie-se logo ao princípio aquele que tais pensamentos descobrisse em sua mulher; porque se lhe vir que uma vez deixa senhorear-se, tantas o intentará, até que de todo ela seja senhora, e êle servo. Dizia um em tal caso a sua mulher: Senhora, hei vos de levar a casa de vosso pai, e hei-de demanlá-lo por justiça, que me dê minha mulher; e perguntando ela porque, respondeu êle: Porque vós não sois minha mulher, senão meu marido.

E a mim me dizia um discreto, e galante casado: que deixarem as mulheres de mandar seus maridos, era impossível; mas que o que estava à conta dos homens honrados, era fazerem que isto fôsse o mais tarde que pudesse ser. Eu não me contentára com menos, senão que nunca fôsse; dando mui bem por escusadas essas matronerías.

Desejei de mandar uma cadeia de ouro a uma casada, que estando chovendo, e ela para ir fóra, quando

já se molhava muito bem, e lho advertiam os criados, chamou um pagem, e lhe disse: Dize a teu senhor, que me mande dizer se chove, porque me não fio dêstes, nem de mim, e escusarei de sair. Oh! que discretíssima ignorância! Oh! que invenção de obediência, tanto para ser obdecida!

Parece, senhor N., que nos vamos esquecendo das cousas picantes, que dão mais contentamento, e são salsa das outras; e de verdade não menos necessárias.

## XXIX

### Govêrno da casa

Ainda não falei no tráfico da casa. Isto é cousa que requer muito tento. Quisera eu as casas de um só gargalo. Muitas portas, muitas serventias, não aprovo. As casas dos reis, e príncipes tem infinitas guardas, e porteiros; com isto se defendem de inconvenientes; como quem põe estrepes em muro baixo.

As casas dos fidalgos particulares, que não podem ter êsses porteiros, e portarias, necessitam de alguns criados vélhos, e fieis, a quem seus amos constituam vigias, e sentinelas de seu decóro. Mas neste caso não descarregue neles todo o cuidado o marido; porque assim como na guerra (e eu o estou aqui vendo, e ouvindo nesta tórre) costumamos pôr soldados de posta; e nem com tudo isso se contenta a disciplina militar, senão que lança roldas, e sobreroldas, e sôbre elas

vão depois os officiaes a ver, e vigiar o que fazem, e o que vigiam os soldados que vigiam; assim nem mais, nem menos deve o senhor da casa roldar, e vigiar sobre os criados, a quem entrega o cuidado de sua honra.

Negras, e mulatas, que saem fóra, não tivera. Soem ser fecundas, e inçam uma casa de tantas manchas (a meu ver) como delas nascem; porque parece feia cousa andar uma tão vil licença aos olhos da senhora, e das criadas. Negrinhos, mulatinhos filhos destas, são os mesmos diabos, ladinos, e chocarreiros, por castanhas trazem, e levam recados às môças, e são delas favorecidos. Ciganas, ermitoas, adelas, mulheres que vendem garavins, e bolotas para lenços; outras que trazem doces, e os dão mais baratos do que valem, tudo é malissimo. Mudas é peçonha. Lavadeiras, ramalleteiras, umas que vendem, e são freguesas, e com quem as criadas em um instante armam contas de rações, que lhes trocam, mostrando que não podem viver sem elas, são gente bem escusada. Os que adivinham, os que benzem. Os chocarreiros, e mais os dos príncipes, costumam ser atrevidos pelas entradas que lhes dão sem tento. Uns trejeitadores, outros que fazem prêgações, que arremedam animais, e gentes, são peçonha refinada: e as que em tudo o são, são umas que vendem dices, águas de rosto, tiram pano, fazem so-brancelhas com linha, alimpam o carão com vidro; homens de linhas, bofirinheiros, mulheres que pedem para uma certa missa de esmolas, outras para amparar uma órfã.

Tudo isto, Senhor, é uma casta de gente, que ferve ao redor das casas grandes, assim como peixe, que anda à lambugem da pedra. Apartam-se com difficul-

dade; sofrem-se com perigo. Seu estorvo requer tanta força como indústria; porque cada uma destas criaturas pela maior parte não cuida senão em enganar, levar, roubar, mentir, dar novas, e às vezes (e não poucas) em fazer muito ruins mensagens, e trazer outras, em dano, e descrédito das casas onde se consentem, que não seja a de v. m.

Tinha um homem principal sua filha donzela doente, guardava-a muito. Havia quem lhe quisesse bem. Escrevia-lhe: revolviam-se o papel, e sobre elle se armava um ramalhete. Vinha uma ermitoa, falava ao pai, dava-lhe aquele ramo da parte de tal Santo; levava-lho elle mesmo com grande gosto e era o próprio corretor de sua filha, servindo-lhe por sua mão a peçonha dissimulada naquele ramalhete. ¿Quem tal havia de cuidar? Quanto por êste, bem se podia (e por muitos) dizer o que diz o Romance: *El aspid anda en las flores, alerta, alerta, zagales*. Tomado daquelle adágio Latino, que entre as ervas mimosas latia o *aspid* peçonhento.

### XXX

#### Ocasões de perigo

Costumam alguns homens de grande sorte introduzir suas mulheres em suas pretensões, entendendo quantos grandes negócios se acabaram já por elas. Poucos são os casos, a meu juízo, em que me pareça licito ficar um homem passeando, e mandar a sua mu-



lher que vá falar, e requerer por êle. A prisão do marido, a honra da sua casa, do seu officio, do seu título, a vinda do marido ausente, e risco de morte do filho: estas são, e não outras, as cousas que farão lícita esta diligência, sempre perigosa, e não sempre proveitosa.

Um certo ministro grande costumava dar audiência às scnhoras fóra de sua casa, em um lugar tão decente, que era demasiado recolhido. Levaram ali dous fidalgos suas mulheres para scmelhante negociação; e deixando-as lá, se saíram logo. Viam isto outros, e cntão disse um delcs: Certo que fulano, e fulano não fizeram bem de se saírem; porque estando ali autorizavam o seu negócio. Respondeu outro: Ride-vos disso, que fulano, e fulana não são dos que querem autorizar o seu negócio; são dos que querem fazer o seu negócio.

Nunca será bem acabada de louvar aquela sentença tão repetida do discretissimo conde de Vimioso: Quem perde a honra pelo negócio, perde o negócio, e mais a honra.

Senhor N., nenhum prudente, nenhum honrado pretenda com riscos suas melhoras. ¿Que há-de ganhar do por vir, quem logo de antemão entra perdendo? Os bons mercadores seguram as encomendas de mór valia.

Scja a mulher honrada, como dizem que é o corpo santo, que não aparece senão nas grandes tempestades, e sempre para remédio delas. Acuda aos males de sua casa, aos trabalhos de seu marido, e de seus filhos. Procure salvá-lo, e salvá-los a êlcs. Scja sua voz, não seu requerente. Possa ser instrumento ao remédio da necessidade, não ao lôgro do interêsse.



## XXXI

## Cautelas

Obrigam-se muito as casadas de que seus maridos lhes contem o que sabem, e o que ouvem, e o que passa pelo logar. Que os homens sejam secos, é meio caminho andado para serem aborrecíveis, que sejam faldões, é todo o caminho andado para serem desprezados. Deve-se eleger um bom meio, de sorte que a mulher não cuide que seu marido a tem em pouca conta, nem que elle faça de maneira, que em outra semelhante seja tido dela. As mais logo trazem decorado aquele rifão: Quem me a mim quer bem, diz-me do que sabe, dá-me do que tem.

Guardese o discreto de contar a sua mulher as histórias passadas de seus amores, e de sua mocidade. Causam assim dous males; dar a conhecer às mulheres a fraqueza de seu natural, e entenderem como há outras pelo mundo, que se deixam enganar facilmente.

Por nenhum caso se lhes sirva o prato da levandade alheia; e naquelas cousas tão públicas, que se não puderem negar, pelo menos se desculpem, ou se desviem. Mostre-se sempre horror a tais sucessos; e havendo de praticar neles, carregue a culpa, e causa à parte do marido, e a da mulher se desculpe. Dando assim a entender, que aquele que fôr bom marido, sempre terá mulher boa, como de ordinário succede, e elle o espera de si, e da sua.

Algumas vezes vemos, que a casada de grandíssima honra, trata, e acompanha confiadamente com outras de não tão igual fama. Haja nisto grande tento, e o melhor será escusá-lo de todo. A reputação é espelho cristalino; qualquer toque o quebra, qualquer bafo o empana. Elas, quanto são mais seguras em seus procedimentos, se aventuram, pode ser, mais a tratar as que o não são. O vulgo sempre cego, não sabe distinguir, ou não quer, o bom do mau. As mais vezes quem atira não dá ali a onde atira, mas dá perto do logar a onde atira. Assim os maldizentes, indo a acusar a uma pessoa, não acertam logo; e porventura infamam as que andam junto dela.

Valho-me sempre das cousas naturais, e assombro-me certo neste caso, considerando que uma só gota de tinta que caia em uma redoma de água claríssima, basta, e sobeja para a tornar turva: e que para aclarar, e deixar limpa uma redoma de tinta, não basta uma pipa de água clara. Assim costume ser a má, e a boa fama, que a muito boa não pode acabar de purificar a ruim, e a ruim logo empece à muito boa. Noutro logar disputo eu largamente: porque se nos não pega a saúde assim como se nos nega a doença? Notável cousa por certo! Agora me contentarei com o dizer do nosso moral: O bem não é como tinha, o mal pode ser que sim.

Aparte esta contenda a prudência do marido. Contava um, que costumava a se haver neste caso com excelente destreza. Instava de contínuo à mulher, que visse, buscasse, e andasse com fulana, e fulana, de quem êle tinha satisfação; porque com estas persuasões ficava adquirindo nova autoridade para estorvar que se

não visse, buscase, e andasse com fulana, e fulana, de quem êle não era satisfeito.

Gabar à mulher a formosura de outras, as mais delas o tem por descortesia; assim o ar, a graça, e as mais boas partes: mas como nisto não honvesse excesso, seria sofrido. Dêem-lhe todavia regra a condição, idade, parecer, e boas qualidades da mulher própria; porque as que dêstes dotes são abundantes, podem ser mais confiadas.

Um fidalgo praticando com sua mulher, na qual era sobeja a gentileza, e a discrição, que faltava nele, exaggerava por extremo a formosura, e qualidades de outra mulher. Sofreu a própria quanto pôde, e vendo sua demasia lhe disse: Não quisera mais para me vingar das invejas que me fazeis com fulana, que vê-la casada convoseo, para vos não parecer nada disso, e para ver como ela se havia quando vós me gabásseis outro tanto.

## XXXII

### Galantarias honestas

Não se nega porêem ao marido, que se possa mostrar galante com as damas, e senhoras, quando a ocasião fôr de galantaria; porque esta obrigação é de bom sangue; e como não seja viciosa, antes virtude, pelo menos política, não obriga contra ela o matrimônio. As próprias mulheres, se são generosas, folgam que seus maridos se mostrem cortesãos onde o devem ser.

Estavam os reis católicos para sair fóra, e a rainha à janela, viu passar o cavalo de el-rei, e que igualando-se com a sua égua, que já ali estava, não fizera nenhuma bizzarria. Bradou donde estava a rainha; e chamando o estribciro-mór, lhe disse, que logo mandasse cortar as pernas a aquele cavalo, porque não levava gôsto que el-rei tornasse a subir nele. E perguntando-lhe o estribeiro-mór que razão daria a el-rei de um tal feito, lhe respondeu: *Porque pasó sin relinchar a una yegua tan hermosa como la mia; y cavallo que es tan para poco, no hará cosa buena.*

Estas galantarias do marido não podem ser reciprocas para a mulher, que tem muito menores licenças, sem ter alguma razão de queixa; como acontece que uma cidade tem muito menor comarca que a outra, e nem por isso terá justiça para a pretender igual.

Não gabe a mulher a outro homem diante de seu marido, salvo daquelas cousas, que tidas, ou não tidas vem a ser a mesma cousa.

### XXXIII

#### Louçanias

Permite-se-lhe ao casado moço ser loução, e usar de todos os adornos de sua pessoa que a um homem são decentes. Supomos que aquele é estado, a que se dirigia; e assim como no estado estão todas as cousas em maior perfeição que no aumento, ou declinação,

assim ao casado são lícitas todas as cousas pertencentes à perfeição dele. Os cheiros, as galas, os regalos, para os casados, e para os namorados se fizeram; porque se deixa entender que aqueles empregos nascem do cuidado da mulher, ou da dama; com o que se qualificam melhor, que se do próprio cuidado do varão nasceram.

Estas são das cousas que também trocou o uso; e de verdade não cuido que viciou, quando as não melhorasse. Os nossos veltos diziam também: Que o homem havia de cheirar a pólvora, e a mulher a incenso. Aludiam à religião, e milícia em que os queriam a eles, e a elas, ocupados. Não há muitos anos que uma senhora principal, e não pouco gloriosa, tachava os perfumes de um cortesão; elle sabendo-o, lhe mandou dizer, que acabasse sua Senhora consigo o cheirar a incenso, que elle acabaria logo consigo o cheirar a pólvora.

O concôrto dos aposentos do senhor, o asseio de sua pessoa, finalmente estas cousas que os antigos desprezavam, hoje são lícitas, e não tem o vício em seu uso, senão em seu abuso. Façamos differença de lindos a concertados.

#### XXXIV

##### Afeminação, desleixo, e requebros indecentes

É porque não nos desconsolamos de todo com os costumes modernos, nem os que se prezam de severis-

simos nos queiram confundir com a pureza dos antigos; como se poderá erer que naquele reinado de el-rei D. Sebastião, em que os homens se fugiam de ferro, por contemplação dos excessos de el-rei, era costume andarem os fidalgos mancebos encostados em seus pagens, como hoje as damas? E chegava a tanto aquele mau costume, que quando os que jogavam a pela, passavam de uma casa para outra, o não faziam, sem que se lhes chegassem os pagens, e neles se encostassem. Diziam *haã*, fazendo-o muito comprido, e os mais falavam afeminado, por uso daquele tempo. Sendo isto assim, não há para que condenar os costumes pela idade, senão pela qualidade; nem é justo desprezar o presente por engrandecer o passado.

Tenho por muito digno de repreensão o andar por casa descomposto. Persuadira, a não ser molesto, que fôsse o mesmo traje o de casa, e o da rua. Verdaderamente o homem em seu hábito, parece que tem outra grandeza, e império. Prova-se bem, com que os reis, e os grandes, aquele criado de que mais confiam, é o que admitem a sua presença, quando estão descompostos: como que necessita de amor, e fidelidade quem houver de guardar inteira reverência a um homem descomposto.

Alguns há tão pouco advertidos, que requebram suas mulheres à mesa diante de seus criados, agora com as palavras, agora com os meneios; é de todos os modos indigníssimo; porque igualmente ofende a modestia dos homens, e a honestidade das mulheres. Tenha êste excesso sua contradição na mulher, quando não tiver sua advertência no marido.



## XXXV

## Pieguices paternais com os filhos

Passo a estranhá-lo também para com os filhos. Vi um dia a um grande general rodeado de muitos homens grandes, que o seguiam, abrir o corro de todos, e lançar a correr por receber um filhinho seu que o vinha buscar, e beijá-lo em presença daquele concurso, que todo se estava olhando, e admirando, de que uma tão grave pessoa pudesse tão pouco consigo. Digo a v. m., senhor N., que se poder tivera, lhe tirára logo o officio, porque o ânimo dos homens não se vê quando resistem àqueles effeitos, que aborrecem, senão quando vencem aqueles que amam. Dirão a isto os pais, que os que o não são, não podem dar regras a seu amor. Eles dirão o que quiserem; mas eu não direi outra cousa. E todos sabem que muito melhor conhece os lanços do jôgo aquele que o vê, que aquele que o joga.

Ora, pois falamos em filhos, acabemos o que lá que dizer àcerca deles.

Desejá-los é tão justo, como merecê-los. Mas não obrigue este desejo a fazer demasias. Nos moços deve de haver uma boa confiança. E já que nos servimos dos ditados, não vem aqui mal para escusar mais leitura, aquilo que se diz: A Deus rogando, etc. Escusome de acabar o adágio, porque de todos é sabido.

Mêzinhas, caldas, devoções, frades que benzem,



freira que toca, físicos estrangeiros, quintas essências, bebidas desusadas, emprastos desconhecidos; de tudo isto livre Deus a v. m. Muito faz aqui a hombridade; muito mais a cristandade. Pôr nas mãos de Deus; tomar delas o que vier; que sempre é mais a propósito que nossos desejos.

Ora os filhos nascidos. Guarda de contar graças, nem estremecer sôbre êles. Tudo isto os faz malcriados, e aos pais é de pouca opinião. As mães querem que os maridos os tragam, e folguem com êles: quando v. m. caia nesta venialidade, seja a modo de officios em Igreja interdita, quero dizer a portas fechadas. Não é cousa pertencente a um homem ser ama, nem berço de seus filhos.

Fazer-lhes aqueles seus momos, falar-lhes naquella sua linguagem, tudo é indecente. Basta que os veja, e ame, e lhes procure todo o regalo, e boa criação. Essas outras figurarias são próprias das mães, a quem se não há-de tomar em nada o modo, nem o officio.

Bofé que me lembrou agora uma cousa que me não há-de ficar no tinteiro, mas que todo não venha a propósito. Tinha um ministro muito lisonjeado um certo filhinho seu, que costumava vir a um aposento cheio de grandes pretendentes. Havia entre êles um muito grande nos anos, na pessoa, e no estado; e mais que tudo nos interesses. Era êste o que mais praticava com a criaturinha, e tais cousas lhe fazia fazer o espírito mau da lisonja, e adulação que trazia no corpo, que dizia outro pretendente por êle: Certo, muito é que o interêsse faça mais parvo a fulano com os filhos alheios, do que o amor nos faz a nós com os nossos.

Vá mais por jôgo, que por conselho. Quando, scñhor N., Deus der filhas a v. m., não lhes consinta mais que um só nome liso, aquelle que lhe ditar a devoção, ou obrigação. Tenho por grande leviandade esta ladainha de nomes (dissera melhor carta de nomes) que hoje se usa, pondo em camouço uns sôbre outros, deixando os de mais barafunda para o cabo. Deram as mulheres nesta nova casta de damaria; e acontece que a que nasceu, e se criou mera Domingas, ou Francisca, lança sôbre si meia dúzia de Jacintas, Leocádas, Micaélas, Hipólitas, e outros nomes esdrúxulos, só porque viram chamarem-se assim, pouco mais, ou menos, a suas vizinhas.

Acho graça nesta história. Fôra a baptizar em um logar desta minha vizinhança a filha de um escudeiro; e porque ouviu que a outra de um título tinha sua mãe mandado pôr na pia três nomes; como a êle lhe custava barata a grandeza, içou um furo mais à vaidade, e mandou baptizar a menina com quatro nomes. Ouviu-os todos o cura, e disse aos padrinhos: Senhores, escolham um só nome, que sou fraco de memória; ou juro a tal que lha baptize sem nome, ou lha mande para casa como veio, até que lá se resolvam no que melhor lhes parecer.

Parece que me ia esquecendo de uma cousa que julgo digna de advertência, e para que pode ser que fôsse advertido de quem sabe que escrevo êste papcl. Costuma haver excesso nos maridos por dous modos, quando suas mulheres se acham naquella hora do parto. Uns que as servem, e assistem melhor que as próprias comadres; outros que como inimigos fogem delas. Dizia um destes com travessura, que, se casasse, não havia

de ser senão em julho. E sendo perguntado porque? respondeu: Porque se fôr tão mofo que minha mulher haja de parir, seja em março; e possa eu achar embarcação para a Índia, onde me irei antes que vê-la em estado. A boa, ou não boa vontade que se tem à mulher, dará aqui o melhor conselho. Também o natural do marido puxará muito por êle. Não reprovos aqueles que tudo querem ser naquies casos; reprovos os que não querem ser nada. O sair de casa é repreensível, porque pode haver mil successos para que sejam necessários. Bastará estar cada um no seu aposento, e receber nele com igual constância as ruins, ou allegres novas.

Hei-de alegrar tamalavez esta matéria com um dito de certo senhor castelhano. Era general, e lhe pediu um seu capitão licença por eserito para se ir achar em casa ao naseimento de um filho. Pôs-lhe por despacho: *Al tener el hijo quisiera yo hallarme en mi casa; que al nacer, poco importa.*

## XXXVI

## Amas

A miséria dos tempos que em tudo vão para traz, tem feito que as amas, que antes eram mulheres honradas, se hajam hoje trocado a vilãs bem dispostas. Já vicmos das mães para as amas; e agora das boas amas imos para as ruins. Emfim, é uso, vá com êle. Mas

contra a natural obrigação das mães; porque, como disse um sábio: quem antes de nos ver, e conhecer, nos sustenta nove meses dentro em si; e porque depois de nos ver e conhecer, nos enjeita, e busca outrem que nos sustente? Bem fôlgára eu de ver os filhos de meus amigos mamar bom leite; não só na qualidade do corpo, mas também na do espírito.

A quem foi filho tão bem criado como v. m., pouco, ou nada tenho que lhe lembrar na criação dos filhos. Crie-os v. m. como seus pais o criaram, que todos nos daremos por contentes.

É também esta matéria larguíssima para discorrer ncla, e toca verdadeiramente mais a outro intento, porque o que agora levamos é só apontar regras à vida dos casados, para que levem suavemente aquele jugo que sôbre ambos descansa.

## XXXVII

### Bastardos

Virá aqui a propósito de filhos, isto de filhos bastardos: alfaias certo mui bem escusadas, e de não pouco embaraço aos casados; mas que aquele que as tem, não pode mandá-las vender ao Pelourinho. É fôrça que digamos sôbre isto alguma cousa.

Os naturais, e que não devem nada à fé do matrimónio, são dignos de conservar enquanto não há legítimos. Ouve tantos famosos homens no apelido de

v. m. e em outros, dêste tal nascimento, que não aconselhara se espediçassem antes de tempo.

Com os pais, acabado me parece que o tenho; nas mulheres é a maior dificuldade. Muitas há de tão generoso natural que agasalham com muita galantaria aos filhos de seus maridos; outras que os não podem ver, e os maltratam. Notável foi a fineza daquela Margarida de Valois, rainha de França (que já deixo nomeada). Estava no leito com seu marido Henrique IV, o grande (que grande ingrato lhe foi!) viu que se affligia por lhe trazerem em secreto recado que estava no próprio paço real parindo do mesmo Henrique, mademoiselle de l'oseuse, dama da rainha, e de el-rei. Vestiu-se Margarida, e foi assistir ao parto de sua criada, que tão mal a servia; tratou de seu regalo, e o que é mais, de sua honra; mandando a todas aquelas de quem se ajudou, que sob pena de sua desgraça, nenhuma descobrisse êste successo.

Se por esta receita obraram as outras mulheres, bem se lhe puderam confiar os filhos que chamam de ganância: visto porém que não é assim, seria acôrdo criá-los sempre não só fóra de casa, mas do lugar em que se vive. As filhas em conventos; uns, e outros não sejam desamparados nunca; que emfim soem ser filhos do amor, a quem se deve boa correspondência; e que por faltos de fazenda, e cheios da obrigação de seus nomes, se acham em mil affições, que todas resultam em dano da honra, e da consciência de seus pais.

A Índia, e a religião costumam dar boa acolhida a êste género de gente. Siso será destinar-lha.

Entre aqui a advertência da emenda da vida livre, e descomposta; que se antes do casamento compracen-

deu alguma parte da idade do homem, tanto maior deve de ser depois o apartamento dela. Ó senhor! que foge às vezes um lebreu que estava prêso; quebra as cadeias, e corre sem elas; mas lá junto à coleirã vai ainda tinindo um fuzil das prisões por que estava prêso, com que ainda êle se não dá por sôlto, e livre.

Benzer, senhor, benzer como do diabo, de cousas passadas, que não debalde na linguagem das vêlhas, cousas passadas, ou cousas más, é tudo o mesmo; nem com os olhos se torne a voltar para elas, nem para ver se ficam lá muito longe.

Com muita razão, e boníssima doutrina fingiram os poetas, que o seu Orfeu não perigára quando foi ao inferno, senão quando depois dele fóra quisera olhar para trás. Verdadeiramente, senhor N., que essa é a última perdição: sair do mau estado, e tornar a olhar para êc.

### XXXVIII

#### Frêiráticos, e ciúmes

Muitos há que, não sei em que fiados, dão em terem amizades proluxas com freiras; parece-lhes que nada ofendem as mulheres nessa correspondência. Tira-se daqui muito ruim fruto; porque as mais das casadas começando em zêlo do que os maridos gastam, e do que se descompõem, acabam em um finíssimo ciúme. Elas tem razão, porque os maridos não farão menos ofensa a suas mulheres divertindo-lhes a afeição,



que qualquer dos outros cabedais, que lhes são devidos, e com êsse nome de devido se nomeiam; antes será maior a ofensa quanto fôr a mulher mais daquelas, que só da afeição de seus maridos se satisfazem.

Não quero passar tão depressa por esta palavra, ciúme, ou ciúmes; que ou dados, ou tomados, significa um humano inferno. Humano, porque vive entre os humanos; e, desumano, porque desumanamente trata aqueles entre quem vive, ou vivem nele.

Foi questão, e ainda não é conclusão, qual lhe seria pior a um casado, dar ciúmes a sua mulher, ou tê-los dela? Escuso-me de averiguá-la; uma, e outra cousa abomino. Há muitos que do dar ciúmes não fazem caso, e grandíssimo de os receber.

O engano, senhor, é manifesto; porque o dar ciúmes que se despreza, de ordinário assenta sôbre grande causa; e o recebê-los que em muito se tem, as mais vezes é imaginação; e como as mulheres padeçam ainda menos de fracas, que de vingativas, acontece que mil vezes produz nelas mais terríveis efeitos a vingança, que a fraqueza.

Disse bem quem disse, que os ciúmes se pareciam a Deus, em fazer de nada alguma cousa. Eis aqui o seu officio, que em todás as maneiras não deve ter lugar nas casas onde viver a descrição, e cristandade. Porque certo é terrível tormento o que padecem, já os homens, já as mulheres, por esta maldita imaginação; a quem com não menor propriedade houve quem chamasse vóbora, porque em nascendo mata a pessoa que a engendra.

Amoesto a todo o casado fuja desta peste; e que aquilo mesmo que para si tão justamente deve de não



querer, o não queira também para quem ama, ou deve de amar pelo menos.

Dizia um discreto, que o chegar um casado a dar a entender a sua inulher tinha ciúmes dela, era meio caminho andado para que ela lho merecesse; aludindo ao que se diz vulgarmente, que a maior jornada é o sair de casa.

Assim como o direito dizem que tem deixado muitos casos para que não assinou pena, por não presumir aconteceriam no mundo; assim o casado deve mostrar-se esquecido de tal pensamento, por não presumir lhe possa ser necessário.

Distingo porém prudentes de ciosos. A prudência precata, desvia, e assegura todos os caminhos da suspeita. Nada disto faz o ciúme; antes para não ser um homem cioso, convêm que seja prudente.

Pê-lo hei mais claro com este exemplo. O prudente é como o capitão de um castelo, que traz pelo campo de contínuo suas espias ao longe, vigiando noite e dia seu inimigo, bem que o não tenha; porque quando o tiver, o não possa tomar de sobressalto. Este tal vive seguro, come com gosto, dorme com descauso. O cioso é como outro capitão, que temendo-se de tudo o que há, e não há, se encerra miseravelmente em seu castelo; o ar que corre lhe faz nojo, a folha que se move cuida que é assalto; e assim sem honra, e sem proveito, cheio de medo e desconfiança passa a vida, ignorando o que é paz e repouso.

Aqui lembro de passo a muitos e muitas que me lerem, que quando me virem ser miúdo nas cousas e praticar cautelas que parecem escusadas, não cuidem que por nenhum modo é meu ânimo inculcar aos casa-

dos o ciúme; antes, porque nenhum o seja, lhe proponho tantos outros meios de segurança, que de todo percam êsse receio.

Quem duvida se deve muito maior agradecimento ao médico que nos dá regras para não perder a saúde, que ao que nos dá mêzinhas para que depois de perdida possamos cobrá-la?

## XXXIX

## Jôgo

O jôgo em todos os estados é ruim officio, se é officio, quando não passe de occupação cortesã, e que anda anexa à ociosidade dos poderosos.

Eu viera facilmente em que se jogara o licito, se eu soubera medir até onde era licito o jôgo; mas ainda acho maior difficuldade em poder ter mão nas rédeas da cólera ou ambição daqueles que jogam; affectos, que jâmais se enfriam. Sôbre uma muito pequena causa se arma uma porfia, e sôbre ela uma perda de honra, ou de vida; porque os homens já não fazem motivo da quantidade da perda, senão da qualidade da dúvida.

São tantos os exemplos, que não há para que provar os danos do jôgo. Olhem-se as lágrimas; escutem-se as tragédias. Era dito de um discreto, que vinho, jôgo, e tabaco se deviam de vender nas boticas como mêzinha.

O solteiro, se joga, joga o seu, ainda quando der-

mos que é seu isso que joga. O casado joga o que é alheio, porque êle não tem em sua família mais de um quinhão; e respectivamente tem ali outros a mulher, os filhos, e os criados. Logo como pode com justiça aventurar, contratar, e perder o alheio?

Tinha um senhor, mui inclinado a jôgo, uma filha muito querida. Começou a perder dinheiro, jóias, alfaias, que ia mandando buscar a sua casa, e eram todas gran parte do dote daquela sua filha. Ela affigida, e queixosa justamente, tomou seus criados, e foi-se onde êle jogava: viu-a o pai, e com grande sobressalto lhe perguntou que queria dele em tal lugar? Respondeu-lhe: Venho, senhor, a que V. S. me jogue também, e que me perca; porque, assim como assim, eu para que valho já em casa sem o que V. S. tirou dela?

Um, que gabava o jôgo, chamava-lhe escola da paciência. Fôra-o, se nela se aprendesse como se gasta. A êste fim considero eu muitas vezes a servidão de um taful; a que não acabo de dar saída; porque quando vejo que, se contra um dêstes se dá uma sentença de vinte mil réis pronunciada por um juiz, e confirmada por três, alega dúvidas, põe encargos, mete tempo em meio, e ainda no fim de tudo, ou não paga, ou se queixa; e logo naquela maior demanda do jôgo os vejo tão obedientes, que porque sota de ouros veiu primeiro que seis de espadas, lhe levam sua fazenda, e o dá por bem julgado: confesso a v. m. que, quando tal vejo, não sei filosofar em qual seja a causa desta temperança à vista daquela demasia.

Acabarei de falar no jôgo com uma bem grande galantaria dum dos nossos antigos cortesãos. Dizia êste, que três bens desejava a seus inimigos para se

ver vingado deles: pedir, mas que lhe dessem; plcitear, mas que vencessem; jogar, mas que ganhasscm.

## XL

## Amigos

Outro género de perigo não menos urgente é o duns, que andam cnfeitiçados com amigos; seguem com êles caçadas, folguedos, banquetes, viagens, e todas as mais acções que traz consigo a ociosidade. Digo a v. m. que êste dano comprehende mais aos homens de inferior sorte; porque verdadeiramente entre os grandes são tão poucos os amigos, que assim como não há gozar dos proveitos da amizade, assim não há perigar dos inconvenientes dela; mas deles sempre se guarde.

Parcerá contudo mal, e scrá mau, que o casado escolha por amigo o solteiro, principalmente se êle é de vida sôlta; porque como a amizade consiste na semelhança, por milagre tivera que o casado não fizesse o que visse fazer ao solteiro.

Dêstes os mais costumam dar maus conselhos, exortar ao casado que se não sujeite à mulher, e viva como livre. É manha antiga de nossa fraqueza folgar-mos de fazer os vícios comunicáveis. Os doentes desconfiam de que haja quem se guarde de seu mal. Aquelles que padecem, ou affectam sua soltura, procuram de a pegar aos que vivem em devido recolhimento.

É para ser seguido, e acompanhado do bom casa-

do, o casado de bom procedimento; e dêstes sempre deve de ser o parente preferido. São bons para amigos aqueles, cujas mulheres são também amigas das mulheres próprias. Podem-se ajudar, e prestar nas ocasiões; desabafa-se com êles o enfadamento familiar com mais confiança de compaixão, e remédio; porque além de se referir a pessoa que os conhece, fica dito a pessoa, que outro dia pode fazer o mesmo.

## XLI

## Horas de recolher

Dias há que me perguntou um fidalgo sisudo, casado de poucos tempos, a que hora scria conveniente se recolhesse à noite para casa. Lembra-me que lhe disse, que essa hora daria o amor, ou ocupação, e não o relógio; mas êle não satisfeito, fez que discorressemos naquele ponto.

A uns parece que se deve recolher o casado sempre a uma hora; e tal, que possa muito bem antes de lá haver negociado o que lhe pode succeder, sem dar sobresalto na tardança. A outros, que não deve ser assim, senão à hora que fôr possível; porque vindo umas vezes cedo, se mostra que as outras que se tarda, teve a culpa a ocasião, e não a vontade.

Tenho para mim que nada disto é seguro: porque os alicerces da confiança do casado devem-se de lançar no crédito, e não no artifício. Inclino-me mais ao re-

colher sempre a uma hora justa, e proporcionada com as occupações, ou de casa, ou de fóra. Sobretudo parece que os casados de pouco devem guardar mais cortesia a suas mulheres, assistindo-lhes com maior cuidado aqueles anos primeiros.

Também nesta obrigação não deixou de haver opiniões bem contrárias; e tanto, que entre dous esposados de grande juízo ouvimos contar de um, que indo-se a recolher, dissera ao seu estribeiro: Fazei ter prestes amanhã bem cedo para irmos à caça; que visita de cada dia não pode ser larga. E de outro, que sendo-lhe perguntado pelo moço que lhe dava de vestir, que vestido queria lhe concertasse para o outro dia, lhe respondeu: Vai-te para casa de teu pai até que te mande vir; porque primeiro se há-de segar aquele trigo, que ali andam semeando, que eu haja mister vestido. Tais são, e tão várias as opiniões dos homens; pelo que um entendido dizia: Sabeis vós porque o corvo é negro? Porque se vos não pergunta se é negro, ou branco.

Já v. m. tem visto como nestes avisos não sigo alguma ordem, senão aquela, e aquilo, que a memória me vai offerecendo. Creio que longe fica de seu lugar (mas em qualquer parte vem a tempo) o amoestar ao casado, que com o mesmo tento que deve falar diante de sua mulher louvando as alheias, deve (e com maior ainda) de gabar a própria diante dos homens.





## XLII

## Se deve louvar-se a espôsa

Pode, e deve bem o marido, quando haja razão, e necessidade, louvar modestamente as virtudes de sua mulher: digo as virtudes, mas não digo as excelências; e das mesmas virtudes não se faça ostentação a cada passo. Ao pai, ao irmão, a tão chegados parentes, aos muito amigos, e muito sisudos, poderia ser lícito que desse o casado alguma vez mostra da satisfação que tinha dos dotes do ânimo, que em sua mulher havia, e estimava.

Não são poucos, nem pouco grandes aqueles, que entremetendo de cortesãos, ou engraçados, gabam em público as qualidades de suas mulheres, ou falam nelas: cousa, a meu juízo, indigníssima, e digníssima de grande repreensão. Eu fiquei um dia como morto, falando com um fidalgo de idade, e autoridade, porque me disse, estando sua mulher doente de um peito, que fulana estava muito afligida, porque tinha as tetinhas muito delicadas.

Estando uma noite (qual estas) em Flandres, em certa casa, onde assistiam grandes pessoas, foi um dos circumstantes tão pouco advertido, que tirou o retrato de sua mulher, para o mostrar aos outros. Era de uns que se fazem com diferentes trajos, que se lhe vão vestindo à vontade do apetite dos olhos: que tantas salsas tem inventado o vício para a vista, como para o



gôsto. Sucedeu pois que estava então o boni do retrato em figura de alferes, e não parecia mal. Achar-se na mesma casa um dos convidados, mancebo bcn illustre, mas muito dado aos costumes da terra; e como todos estivéssomos sôbre ceia (o que neste se envergava melhor que nos outros) deu-lhe na cabeça levar da mão ao simples do marido o retrato da mulher, que beijava, e abraçava mais francamente, que se fôsse sua, dizendo-lhe: *Ó alferes mio! Ó alferes mio*, e mil requêbros descompostos. Emfim o negócio procedeu de feição, que todos viemos às pancadas, e por pouco se não matam mais de dous; com tal vergonha, e escândalo, que não sendo a gente ciosa, nem a terra maliciosa, houve assaz murmuração, e durou muito; o que tudo procedeu da incauta confiança daquelle descuidado marido.

## XLIII

## Remoques perigosos, e impertinências

Outros há que, com tão pouco tento, levados, ou do desejo, ou da facilidade de sua condição, mostram em práticas às mulheres lhes não pesará de ficar viúvos. E suposto que os mais lançam êstes ditos a zombaria, naquelas que os ouvem, se guardam como indícios do ânimo, e sinal certo de desamor; que na verdade vêmos melhor pago na mesma moeda, do que se costuma dizer que o amor se paga. Desvie-se o prudente de tais remoques; antes em feitos, e ditos, mos-

tre sempre a sua mulher aquella boa lci, com que dela quisera ser tratado. Não como se conta do outro, que estando a sua agonizando, e dizendo que tinha grande desconsoiação de deixar tal, e tal cousa por fazer; êle lhe respondeu: Morrei vós, senhora, que tudo bem se fará.

Guarda, senhor N., de ser proluxo, e cansado, como não poucos são a suas mulheres e familias. É certo cousa intolerável de sofrer a impertinência de muitos, que sem alguma razão mais que aquella de que estão em sua casa, gritam são comichosos, e enfadam as criaturas, ora querendo uma cousa, ora não querendo aquella própria cousa que quizeram. O ódio começa em desagrado, e por ali vai subindo, até se fazer ódio, que assaz de vezes achamos entre a mulher, e o marido; scrvindo as causas do perpétuo consórcio, que haviam da ministrar a amizade, e fé, persuadir a inimizade, e perfídia.

Já que conto a v. m. histórias assim, não hei cá de deixar esta. Solicitava com esquisita importunação em Roma a beatificação da venerável matrona Margarida de Chaves, um seu filho, que eu muito bem conheci, e de sua bôca ouvi o que digo. Tinha o Papa Paulo v, remetido a causa a certo cardeal, que já andava tão temeroso do requerente, que em o vendo fugia dele. Sucedeu chegar a falar-lhe um dia, estando o cardeal mais que outros enfadado; e havendo-lhe lembrado, como costumava, seu negócio, lhe respondeu: Senhor, não nos cansmos em provas da santidade de vossa mãe; provai sómente que vos sofreu; que o Papa a declarará logo por Santa.

É assim, que se considerarmos o que se sofre a

homens impertinentes, e que se prezam de senhores absolutos, e que em nada tanto o parecem, como em se darem a padecer às pobres das mulheres; sem falta elas farão a Deus tão grande sacrifício de paciência, que bem poderão ser contadas no número das Santas.

Pois uns gritadores, e que por qualquer mosca que voou contra seu gôsto, já fundem a casa, e tiram dela o segrêdo de sua má condição, e êles próprios o lançam na rua! Deus nos livre, senhor, de tão mau costume. Disse bem o que disse, que ninguém padece tanto incômodo, que, se puser os olhos no que outros padecem, lhe falte razão para suportar o que padece.

Esta paixão toca de ordinário nos muito altivos, e nos muito desarrazoados. Aqueles cuidam que todos, e tudo fez voto solene de os servir; estoutros não querem dar às cousas algum desconto. Ambos são defeitos infelicíssimos; porque como as mais das cousas, e casos não estão em nossa mão, acontece que todo o dia, todo o ano, e toda a vida, nos vão sucedendo ao revés do gôsto, e da conveniência; ao que não remedeia nada a desconformidade com que se levam êsses sucessos.

## XLIV

## Maridos calaceiros de criadas

Parece-me será razão fazer uma breve lembrança a alguns, que dão em se torcer para suas criadas, com grande perigo, certo, da reputação de sua casa, a quem elles mesmos são alcivosos, e mercedores de que em seu dano com semelhante ousadia sejam de Deus castigados. As próprias aves de rapina, que não tem outro officio senão caçar, e prear o que encontram, costumam ir ao longe donde habitam, fazer seus empregos. ¿Porque scrão os homens menos fieis, e menos doutrinados?

Sendo certo que a porta principal para todo o perigo dos homens, é o ilícito trato com as mulheres; nenhum dos mais licenciosos resulta com tão péssimos efeitos, como aquelle que se toma dentro na própria casa. O desconcerto do senhor dela é logo bem aprendido da família; e como um delicto chame por outro, elles se multiplicam até um triste excesso.

As criadas, vendo-se queridas de seus amos, conspirem logo contra as senhoras, traçando de ordinário tais enredos, que não contentes da primeira offensa, as procuram despojar da honra, e da vida. Algumas com esperança de succederem em seus logares (como não poucas vezes acontece); outras por gozar mais soltamente sua ruim liberdade. Daqui ouvimos tragédias lastimosas; daqui vimos bodas infames.

## XLV

## Avisos

Entre os conselhos tocantes às virtudes do ânimo, que váriamente tenho apontado a v. m., convêm fazer-lhe presente de alguns avisos concernentes ao bom govêrno de sua casa: cousa que por outro nome mais elegante chamam os filósofos virtude económica, segunda parte da sciência civil, que também é segunda parte da filosofia moral. Isto emfim não é outra cousa que a indústria, e prudência com que o cidadão, o fidalgo, o grande, e também o pequeno, governam sua família; que no príncipe é arte política, ou matéria de estado; chamem-lhe os filósofos como lhe chamarem.

Esse capitão romano, que tinha para si saberia bem dispôr uma batalha aquele que bem sabia dispôr um banquete, dissera melhor, quando afirmasse saberia bem governar uma república, quem sabia bem governar sua casa; pois é certo que a cidade é uma família grande, e a família uma cidade pequena.

Aconteceu-me um dia (e porque o conte com toda a verdade, era uma véspera de Reis) ir a visitar um fidalgo meu amigo, que por morar longe da minha pousada, e serem dias de inverno, cuidei que o não achasse já em casa. Era maneebo, e notados de pouco govêrno, êle, e sua mulher. Cheguei emfim à sua porta, e mandando saber se estava em modo de receber minha visita, enquanto lidava nesta averiguação um pagem (ba-

tendo em vão a muitas portas) ouvi eu muito bem lá de dentro uma voz que dizia: Fulano, ide a casa do cura, e perguntai-lhe da parte do snr. D. fulano, se é hoje dia de peixe, ou de carne. Se disser que de peixe, trazei-o da ribeira; se disser que de carne, trazei-a do açougue; ide depressa, para que se faça de jantar. Era isto, quando menos, de uma para as duas horas. Veja v. m. que tal seria para os servos o govêrno daquela casa, quando para os senhores dela era desta maneira.

Não são numeráveis os descontos, que causa um senhor frouxo. Vulgar, mas certíssima, sentença é aquella, de que então doem todos os membros, quando a cabeça está doente. Conheci um homem de grande qualidade, e juízo, em tanta maneira remisso, que mandava pedir a um seu amigo viesse a pelejar com os seus criados e obrigá-los a que o servissem.

Ora êstes excessos contam-se como monstruosidade; e não poucas vezes convêm trazê-los à memória para os aborrecer.

Toda a governança de uma casa, eu reduzo a dous pontos: Pão, e pano; ou prato, e trato, regra, que muitos dias há que sabe a prudência. Pelo pão, ou prato, podemos entender todos os bens, e cómodos das portas adentro. Pelo pano, ou trato, entenderemos todos os bens, e cómodos das portas afóra. Alguma cousa disto toquei nos avisos passados; menos porêm do necessário.

Mas especializando de novo esta matéria, convêm que o senhor da casa procure que sua família ande acomodada, e lustrosa, segundo seu estado, desvelando-se, e buscando os efeitos para a conservar inteira



em ambas estas qualidades. O cómodo do pão, porque se denota o mantimento ordinário, deve com grande providência ser provido, para que a casa seja abundante, e que nela com ordem, e sem miséria se reparta. Pouco importará que de fóra se tragam a casa os meios que a podem fazer abastecida, se nela se vive em pro-luxa abstinência. Muito pior levam os criados a abundância miserável, que a pobreza liberal.

Outros, com o escritório bem provido, pagam mal, vestem pior. Não me ponho da parte da fortuna, que muitas vezes faz que os amos que menos bem tratam seus servos, sejam os mais bem servidos; advogo pela razão, que obriga, descngana, e manda a quem quer ter bons criados, que lhe queira ser bom senhor. Aquelle, que de seus criados espera adivinhem seus pensamentos, adivinhe também suas necessidades.

Tenho por regra geral muito conveniente, que o prato da família seja mais copioso que curioso; e o trato mais curioso que custoso. Comer a horas, vestir a tempo. Dizia um grande senhor, por outro de muito menor estado, mas de grande concôrto, que nunca desejára cousa como ser criado de fulano; porque assim os tratava, e conservava inteiros, que não só não envelheciam jámais nos vestidos, mas que nem na idade.

Pague bem; isto é, a tempo. Aos criados o que lhes prometer; aos officiais o que valer seu trabalho. Será bem servido de uns, e outros. O prêmio deve seguir ao serviço, para que o serviço acuda à necessidade. Quem paga logo, paga com menos; porque se o dar logo, é dar duas vezes, verdadeiramente se estima em muito mais do que é. Quem paga tarde, tem já os ânimos tão desabridos, que com outro tanto mais

do que deve os não deixa satisfeitos. Perguntavam a um criado, a quem servia? e respondia que a um filho seu; e tornando-lhe a perguntar que dizia nisto? respondeu: Sirvo a meu herdeiro. Por semelhante razão disse um discreto, andava errado o provérbio de que quem bem paga é herdeiro do alheio, porque muito mais certo é ser herdeiro do alheio, aquele que o alheio não paga.

## XLVI

### Mesa

A todas estas cousas assista a providência, e não a soberba; que sendo guiadas por aquela, serão justas, e excelentes; e por esta demasiadas, e escandalosas. Convenho em que o casado principal tenha a sua mesa não faminta, limpíssima, e bem servida; mas, que seja mesa para a bôca, não para os olhos. Quero dizer, que ministre a necessidade, e não a vaidade.

Ora contarei duas cousas a êste propósito estranhas, e que ambas vi, e alguma experimentei com meu dano. Havia um grande de Espanha tão grande na vaidade, certo, como na miséria; mandava-se servir de dôze pratos ao jantar, e outros tantos à ceia, que se lhe ministravam em público com notável cerimônia; e era certíssimo que só deles os três levavam iguaria, e os nove passavam sua carreira tão vazios como a cabeça de seu dono.

A outro vi, que tendo, por razão de seu cargo, o

prato de certo príncipe, a quem servia, mandava levar as iguarias a sua casa, as quais lhe serviam a êle à mesa, e de que pouco se servia. Sucedia-lhe logo outra mesa de seu filho herdeiro, que comia com hóspedes de ordinário, e de quem eu o fui algumas vezes; e eis aqui que apareciam outra vez aqueles pratos, sendo já a terceira que no mesmo dia tinham saído a público; mas não parando nesta mesa, se armava o tinelo, e lá iam aos criados maiores, e deles desciam os resíduos aos menores; de feição que cinco papeis faziam os pobres pratos antes de serem de todo consumidos. Por onde, com agudeza bem da sua terra, dizia um dos criados desta casa, *que el N. su señor era el mayor cavallero de España; porque se servia com nietos de infantes; porque todos sus criados estavam en el quarto grado con S. A.* Aludindo às quatro mesas, por onde, como graus, vinham descendo a êles as cousas, que na sua se comiam.

Tanto pode, senhor N., a vaidade com os homens, e mais no tempo de hoje, que lança sancadilhas à natureza, e a derruba. Que o homem cõma bem por necessidade, pode passar; que cõma bem por regalo, pode passar; mas que funde seu crédito em pratos vazios, ou aparecidos como figuras de comédias, guarde-nos Deus de tal semsaboria.

O servir à mesa com os criados, cousa é costumada; mas em verdade que êstes nossos portuguezes servem com tal descuido, ou confusão, que tinha por não grande perda o servir com as criadas. Misturas deles, e delas não fizera eu nunca; e sempre aconselhára ao senhor se servisse com as criadas, senão fõra destituí-los a êles para nunca o saberem servir quando vem

hóspedes: onde é necessário que os criados assistam, e onde convém que saibam melhor o que fazem; cousa, que raramente sabem fazer os nossos.

Achei-me na côrte de Londres, em casa dos embaixadores de S. Majestade a aquele trágico rei Carlos I; e havendo-se de dar ali uma ceia às damas da rainha, e às maiores senhoras de Inglaterra, suposto que na casa se tinham mui decentemente preparado aqueles ministros; eu que sou assim prolixo, e não vi em nenhum de seus criados a arte necessária para tal ministério, o tomei à minha conta; e com um filho, e um neto de um embaixador, o genro de outro, e o secretário da embaixada, o negócio se dispôs de feição, que se deram as convidadas por melhor servidas ainda do que regaladas. Tanto importa o saber servir às mesas nobres, que verdadeiramente é a principal iguaria delas; mas entre nós poucas vzes achada; e também digo que nem muitas achada menos.

Acabo isto com o exemplo de S. Majestade, que põe fim a todas as razões, e esforça a minha; pois podendo ser servido de seus criados, os deixa, e certo que com grande acôrdo, e se serve com as damas, e criadas da rainha. Tenho para a pessoa de qualquer estado por mais limpo, e quieto modo de servir à mesa, aquele das mulheres, ainda que não sejam anjos as que ministrem. E por isto dizia um convidado de uma sua parenta, que o fazia servir de duas criadas, uma feia, e outra bem parecida: Senhora, cá viera todos os dias, se a feia só me servisse; porque estoutra é anjo, que me deixa anjo.

Já que aqui estamos, diga-se (pois também importa) que não se coma desorado; quero dizer, fora de

tempo. É grande inconveniente para as pessoas a quem assistem seus criados. Quando o ministério, o officio, ou negócio assim o pedissem, fôra de parecer que os criados comessem primeiro; porque de outra sorte seria intolerável, e anda sempre a casa mal servida: acontecendo que por esperar o senhor que comam os criados, se comem depois dele, perder mil vezes o negócio, ou saída, por não ter de quem se acompanhe.

Gabo muito, senhor meu, um conservar nas casas certos costumes nossos familiares, e antigos, que as fartam, alegam, e agasalham, corroborando de novo o amor que se tem ao senhor da casa. Teve v. m. um parente grandíssimo mestre destas políticas, e o mais amado amo de seus criados que eu vi jámais, por estas e outras utilíssimas humanidades que guardava com êles.

## XLVII

### Comédias e romarias

Digo eu que o casado, por alegrar sua mulher, e família, mesmo de seu movimento, mande (se as houvesse) fazer em sua casa duas, e três comédias cada ano. Seja êle próprio o que com elas convide; tem-se aquilo em muito; dizem logo dele que é um anjo; e na verdade é mostra de bondade folgar de que folguem os outros com as cousas decentes. Não como o nosso rei D. Pedro, que chamaram crú, e cruel, que

mandava de noite acordar o povo que dormia, porque elle não podia dormir.

Arme outras tantas romarias, e folgas, que eheguem até aos menores. Mostre-se-lhes assim leve, e cuidadoso de seu regalo. Reparta com prudência dos mimos que lhe vierem, já da renda, já do presente. Há casasa onde se perderão com queijos de Alentejo antes que dar um a um criado. Aquilo de matar poreos pelo tempo é lance caseiríssimo, e bem accito, que faz os homens bemquistos até da vizinhança. E para dar algum gosto a esta baixeza (que não quis que me esquecesse) direi o que aqui dizia um malvado cortesão, que assim como eada homem, por bom govêrno de sua casa, devia matar cada ano pelo menos dous poreos; assim por bom govêrno da república, devia matar eada ano pelo menos dous vilãos ruins. Por tão bom costume tinha êste aquele agasalho; o que bem favorece o nosso rifão quando diz: No dia de S. Tomé quem porco não tiver, matar pode a mulher.

## XLVIII

### Quintas

O ir às quintas louvo, o morar nelas não gabo; não porque me parcça indecente, mas porque o tenho por desacomodadíssimo; vindo a ser estas quintas uma quinta essência da ciganaria. Estraga as casas, desbarata os móveis, destroça os criados; nada se forra,



antes se gasta mais; e os homens nem gozam a quietação do campo, nem a autoridade da côrte. Entendo por estas quintas aquelas, das quais se pode vir cada dia a Lisboa, onde com comodidade, ou sem ela, nenhum dos vizinhos deixa de vir cada dia: pelo que disse com a graça que costuma, um nosso discreto, que o côche de fulano ia três vezes cada ano a Jcrusalêm, lançando as contas certas às léguas que andava cada dia o côche e seu dono, indo e vindo de outra tal paragem.

Os grandes cortesãos fazem a vivenda do campo aborrecível, que ela de seu não é; antes alegre, e conveniente. Sendo um convidado de certo fidalgo para estar com outros em uma sua quinta dois dias, ao segundo sem se despedir dos companheiros, tomou o caminho da cidade; gritavam-lhe os mais, que se detivesse, e como o fizesse assim, e lhe perguntassem aonde ia, respondeu: Amigos, vou-me, porque se estou mais de vinte e quatro horas no campo, cuido que me torno boi.

Julgo por importante acção não viver de continuo na côrte, e me parece que há uns tempos próprios de se retirar (o casado com sua família) a viver no seu lugar, comenda, ou herdade; em fim aquela parte que mais cómoda fôr para a vida. Se hei-de apontar regras a êste tal retiro, dissera que tendo o casado mais de dous filhos, era o próprio tempo. E que os anos da ausência da côrte podiam bem ser aqueles enquanto os três filhos crescem, e não perdem por não ser conhecidos até então; como se dissesscemos, até idade de oito, e dez anos.

Depois é bom tornar à côrte a introduzi-los nela,

para que o rei os conheça, e ães se criem sem espanto dos paços, que sem dúvida o causam aos que os não viram desde a mocidade, como se diz das águas do Nilo, cujo estrondo é medonho ao forasteiro, e do natural não é ouvido. Dizia o Duque de Alva, pai do que hoje é, sendo Mordomo-mór de El-Rei de Castela: *Si dos días estoy sin venir a Palacio, al tercero ya tropieço en las esteras, o ellas se burlan de mi.*

Parece-me que depois de vindo até casar êstes filhos, se não deve fazer ausência; e que, casados êles, se faça para descansar a velhice, ou maior idade; e dar um cristão intervalo entre os negócios, e a morte: que é o mais importante negócio para os vivos.

Esta observação só comprehende aquelle que vive só para si, e consigo; porque para o ministro, para o soldado, e para o criado do príncipe, que vai de uns empregos subindo a outros, e merccendo cada dia mais, não é meu ânimo dar por conselho que sem causa deixe cada um sua profissão, e aumentos. Com causa não llo negára; nem, quando o fôsse, fôra tão indiscreta a minha confiança que esperasse dêsses tais se governariam pelas regras de um homem que tão mal se governou.

Estas ausências trazem grandes, e muitos proveitos á vida, á saúde, á fazenda, á salvação. Á vida, porque no campo se vive mais à saúde, porque seus exercicios a conservam; á fazenda, porque se gasta menos, á salvação, porque faltam as ocasiões que a arriscam, e anda o ânimo mais livre para cuidar em Deus, e em si mesmo.

Não fallece contudo quem tudo isto contradiga, porque, como dizia um discreto, todo o homem põe ou-

tro nome à sua vontade. Assim é notável a controvérsia, que houve sempre sôbre êste modo de vida retirada. Um fidalgo nosso antigo se gabava que só de "não no há aí" poupava no campo a metade de sua fazenda. Mas não fazia isso assim outro castelhano, que quando se viu alcançado, fingia que se retirava, e não saía da côrte, e dizia que: *Para descansar cada uno a su casa, no havia cosa como comerse media dozena de pajes y lacayos sin salir de su tierra.*

Estas tais retiradas costumam sempre ter grande contradição nas mulheres; e quanto elas na côrte são melhor vistas, mais aparentadas, e gozam maior aplauso, tanto mais impugnam tal resolução dos maridos. Contra isso não tenho mais que dizer, que o que disse um mesquinho a outro que lhe pediu dinheiro emprestado, oferecendo-lhe sete razões, pelas quais lho devia de emprestar: Nas mesmas sete me fundo eu (disse o mesquinho) para não fazer o que v. m. me pede.

## XLIX

### Viagens

Não me posso escusar de dizer duas palavras a uns certos casados, que toda a sua ânsia, e desejo é andarem sempre ausentes de sua casa, em viagens e jornadas, umas para que êles se convidam, outras de que se não desviam; deixando as mulheres môças, e às vezes bem desamparadas de todo o resguardo que

lhes é devido. Estes costumam dizer, que por buscar pão, e honra se ausentam; e não poucas vezes vimos que em tais demandas se perde de contado a fazenda, e não poucas vezes se arriscam cousas que valem mais que ela. As mulheres casam para serem casadas. É o contrário não entender cada um sua obrigação.

Falava uma viúva com um homem um dia, que sabia que ela era viúva, e ella dizia-lhe: Senhor, eu nunca casei, vêde vós como posso ser viúva. Replicava o outro, que sim o era, porque conhecera em tal parte o senhor fulano seu marido; e ella tornava: Senhor, digo-vo-lo porque eu casei por procuração, e fui casada por carta; e isto é não ser casada. E era assim, que pelas ausências de seu marido apcnas o conhecera.

Se estamos sós, senhor N., hei-de contar a v. m. uma história de mancebo, que ouvi em Barcelona. Havia ali um fidalgo casado de pouco, cujo nome era Mosen Gralha. Passou o imperador Carlos v para Itália, e o seguiu êste catalão a despeito de sua mulher môça, formosa, e honrada. Engolfou-se o marido em serviços, e esperanças, e não fazia conta de vir tão cedo. Enfadava-se a mulher, e lhe requeria muitas vezes que viesse; mas desesperada já da vinda, dizem que lhe escreveu em catalão estas palavras: *Mosen Gralha, Mosen Gralha, mon amor non manja palha*. Tomou o soldado a carta, levou-a ao imperador que lha interpretasse; o qual conhecendo o que queria dizer (que é fácil de conhecer-se), e fazendo-lhe mercê, gabou a confiança, e discrição da mulher, e mandou para sua casa seu marido.

Mosteiros, recolhimentos, e outros resguardos semelhantes, em que os homens depositam suas mulheres,

não deixam de ser arriscados; e decerto, quando a ocasião não seja muito urgente, é usar com as mulheres ruim lei, e faltar-lhes com a fé, e companhia devida; porque se cada uma daquelas quisesa ser freira, bem cuscusara de se casar.

Advirta-se todo o casado, que no ausentar-se por longo tempo de sua casa tenha muito tento; e seja raro o interêssc porque assim o faça. Disputável foi entre os políticos, se convinham, ou não os capitães casados, ou solteiros. Dissera eu aos reis, se falara com êles, que para as conquistas, e guerras offensivas que se fazem em províncias distantes, buscassem os solteiros; porque pela liberdade se arriscam; e por virem a descansar na pátria, e buscar espôsa, abreviam mais as cmpresas, e são menos custosos na vida, e na morte a seus senhores. Ao contrário, para dentro de sua província, e na guerra defensiva, preferam os casados aos solteiros nos postos militares; porque por defenderem a mulher, filhos, e honra deles, costumam os homens obrar maiores feitos, que por benefício de sua própria vida.

O mesmo, que aconselhara aos reis para com os vassallos, aconselhara aos vassallos para com os reis. Assim nas eleições, assim nas pretensões.

¿Passa v. m. por isto? Que me ia eu agora incendo em políticas, e cousas de estado sem me sentir! Lá se avenham os que mandam o mundo. Com licença de v. m. quero fazer minha volta, e vir-me do pégo para a terra.



## L

## Esquisitices e tratamentos

A cousa com que mais atentado sou, é, uns que dão em nomearem as mulhres por circumlóquios, chamando-lhes ora a minha vélha, a minha companheira, a minha hóspeda, a minha obrigação, a mãe dos meus filhos, e cousas assim, que em qualquer tom que sejam ditas, parecem pouco graves, e, a meu juízo, indignas de se acharcm na bôca de nenhum sísudo. A mulher de que o homem se preza, e o homem de que a mulher se honra, ¿porque não hão-de ser por seus nomes nomeados? Digo delas para elles outro tanto.

Os parentes, se se casam, costumam chamar-se pelos graus de seu parentesco, as mulhres aos maridos, e os maridos às mulhres. Eu sou amigo da verdade; e antes aconselhára a cada um que dissesse minha mulher, e meu marido, que minha prima, nem minha sobrinha, nem meu tio, nem meu primo. Todavia não é costume condenável, se o não fôsse com tal excesso que desse a ocasião, que deu outro, que de contínuo nomeava a mulher por sua prima, a que um criado seu, havendo de lhe escrever, lhe pôs no sobrescrito: À senhora prima de meu senhor; porque lhe não sabia o nome.

Se hei-de levar ao cabo minhas impertinências, também quero falar alguma cousa sobre o estilo de se falarem entre si os casados. O *tu* é Castelhana; e por



mais que elles o achem carinhoso, como lá dizem, é palavra muito de praça, e que ao mais não deve de quebrar a menagem da eâmara para fóra. O *vós* é francês, que com um *vous*, receberam a mesma rainha Sabá, se cá tornára. Tenho-o por demasiado vulgar. O *êle*, e *ela*, um — ; ouve, senhor? ; Que diz, senhora? é termo bem português, assás honesto, e bem soante. As senhorias, e excelências, a quem pertencem, gravidade induzem; mas parecee um certo modo de esquivança tratar um homem sua mulher como se o não fóra. Fiquem-se para os príncipes, e reis as altezas, e majestades; e proíbam-se-lhes também aqueles afagos humanos entre os mais affectos que lhes não podem ser comuns. Por onde já dizia D. João o segundo, que por só três dias folgara de poder ser homem.

Tratem-se, a meu rôgo, os nossos casados com aquele modo que melhor companhia faça guardar ao amor, e à estimação; que é uma excelente conserva para a vida dos honrados. Sem embargo, os mais moços tem privilégio para poderem sair tamalavez da severidade destas regras.

## LI

## Conselhos às senhoras

Ora muito há que lhes não digo nada às casadas, às quais tenho para encomendar uma acção não inútil, antes de grande conveniência. Há muitas, que de des-

gostos que não podem remediar, tomam em si o castigo; cousa totalmente indigna, como injusta. Umás, por serem mal casadas, se desmancham em si mesmo, e desfiguram, com o que vem a ser pior casadas. Aquelas a quem lhes morrem os filhos, aquelas a quem lhes não nascem, vivem não sómente desconsoladas, no ânimo; mas o dão a entender no traço, e rosto; de que os maridos prudentes, e que mais as estimam, se entristecem, e vivem afligidos; e os de leve condição tomam motivo para procederem mais levemente, achando fácil a desculpa, que não tem, no esquisito modo das mulheres. Nascem desta desordem outras maiores, em grande ofensa da paz; porque de ordinário os homens não são da condição de um meu amigo, que dizia a sua mulher noutro tal caso: Senhora, desenganai-vos, que por mais que me façais, nem vos hei-de querer mal, nem me haveis de parecer mal.

Deve-se à fé, e igualdade no matrimónio contraída, grande satisfação; e assim como entre os bem casados é digno de muita dôr, faltar a algum deles a vida; assim é digno de muito sentimento faltar a alegria de algum. Já deixo dito que as almas dos casados são comuns; seus gostos, e pezares. Não haja parte que se queira levantar com a parte alheia. Nenhum chore, nem se alegre, mais do que pode tocar de affecto à sua ameadade.

Pois a propósito destas que de tristes se desconcertam, farei lembrança de outras que igualmente são repreensíveis por, de muito alegres, se concertarem mais do necessário. Já disse àcêrca das galas, e adornos; e não sei se de nojo, ira, ou esquecimento tardei até agora em falar de umas que põem no rosto.

A mulher que põe no rosto, põe nele sua injúria, e tira dele sua vergonha; não beleza, nem mocidade põe por certo; porque não só ofende o siso, mas os anos, e o parecer. Todos entendem logo que pouco se fia em si aquella que de tão baixas cousas se ajuda. Sempre se teve por cobarde o que muito se armava. Quantas, em vez de agradarem aos que as vêem, por essa própria diligência scandalizam, e vão como convidando o riso, e a mofa da gente que pretendiam admirar, e afeiçoar, pode ser! Este abuso é digno de que o marido, logo que o conhecer, o atalhe por todos os meios; porque a idade o não emenda, antes o acrescenta. Tenho por certo que tão ruim conta dá de seu juízo o marido que sofre posturas a sua mulher, como dá de seu entendimento a mulher que as usa. Uma convidava a seu marido que se sentasse junto dela; e elle dizia: Deixai-me, que de uma doença me ficou grande entjo aos doces da botica. Outro dizia por uma sua parenta, que com muitos anos sobre si, trabalhava pelos lançar fóra do parecer: Minha tia fulana não quer senão desperdiçar desenganos. E na verdade assim é, porque a graça da mocidade se não aleança, e se perde a gravidade da velhice. Os rostros se desfiguram com os martírios que n'elles fazem os unguentos; e as pobres são escravas de sua presunção. A que aludia um disereito, dizendo por outro tal: Muito ruim eativeiro se dá aquella senhora ao seu rosto. Mas com muito mais graça que todos o disse (como sempre) o cardeal Capata, que visitando uma senhora romana de maior idade, e muito dada a este mau costume, como ella lhe perguntasse que novas havia em Itália, e elle visse tão maltratado seu rosto pela força das postu-

ras, dizem que lhe respondeu: *Ilustrissima seõora, mui malas nuevas tenemos; porque segun las cosas corren, yo estoy viendo Soliman apoderado de Civita vieja.*

È porque, escrevendo eu a v. m., e regulando estas amoestações, ou conselhos, segundo as pessoas de seu porte, das quais costumam sair sempre (pelo menos sempre deviam sair) as que ocupam grandes logares na paz, e na guerra, não será sem fruto deixar advertido a todas as mulheres, que o chegarem a ser de ministros, e pessoas que tem à sua conta os negócios públicos, alguma cousa tocante à conservação dêsse estado.

## LII

### As ministras

Dão muitas destas senhoras mulheres de ministros, com grande risco de seus maridos, e casas, em quere-rem ser elas ministras também como êles. A três pontos se reduzem êstes inconvenientes: Interceder pelos que pretendem, negociar com os despachados, revelar segredos aos negociantes.

Não sei qual é pior. Afirmo que tudo é péssimo para a opinião dos ministros, cujas mulheres se deixam levar do aplauso, interêsse, e ambição. Tenho em meu poder a cópia duma carta de Carlos v para D. Filipe seu filho, quando em uma de suas jornadas o deixava governando, e instruía dos sujeitos que lhe dava

por ministros; e chegando a um, de quem não tinha toda a satisfação, diz estas palavras: *Fulano era el mejor de todos, si fuera eunuco; porque la muger deshace en aquel hombre las mejores partes que he visto.*

Nas mulheres de ministros de justiça é mais perigoso êste costume. Mas porque os de estado são pessoas maiores, quando neles se acha êste defeito, é mais notável; ou quiçá que o não é tanto nos primeiros, por ser mais ordinário. Ao que aludia um cortesão, que, pegando-se o fogo em casa de um ministro de justiça pouco escrupuloso, ia dizendo pelo caminho: Acudamos, senhores, à nossa fazenda, que se nos queima.

Queixava-se um requerente a outro de que um seu juiz, sendo pobre, gastava como rico: e nomeando suas ostentações, rematava com dizer: ¿Pois isto, senhor, de que sai? E outro lhe respondia: Do que entra. Tornava o queixoso, e dizia: Senhor, não fizeram isso seus passados; e outro respondia: Não, senhor, mas fazem-no nossos presentes.

Costumam as mulheres de alguns ministros, pela própria razão que se houveram de abster, e ajudar com grande tento a levar aquela carga a seus maridos, occasionar-lhes seu precipício, carregando-os de novo com suas desordens, e vindo depois com êles a terra.

Deve o marido começar por si mesmo no cuidado que é bem que tenha de sua conservação. E pois é certo que ao próprio sangue, em que nossa vida consiste, lançamos das veias, se se corrompe, porque não apodreça o outro que nos fica, quanto mais se deve sangrar a ambição, ou interêsse, se na mulher fôr conhecido, que em breve tempo ameaça corrupção à saúde



do corpo, e da família: morte da casa, do officio, e da conveniência?

Confesso que fóra lícito à senhora mandar sua encomenda, fazer ao marido esta, e aquela lembrança por um, ou por outro pretendente, e ainda favorecer a algum que o merecesse, dando-lhe uns longes de seu negócio, com que lhe pudesse dar remédio. Mas como estas cousas sejam de seu natural perigosas, poucas vezes acontece que nelas se obre sómente o lícito. Contentára-me com que a pena do desconcerto se ficára com o autor dele; mas não é assim; antes, da inconsideção da mulher é o marido sempre (sem ser o fiador) o principal pagador.

Havia em Castela um ministro dos que vou dizendo; era pouco limpo, ainda que mui aseado; mercadejava a mulher, e ganhava sempre: êle dizia, quando lhe gabavam suas alfaias: *Muchas gracias à la industria de dona Clara*. E o certo era, que a indústria era clara com que D. Clara se aproveitava de sua indústria.

Passando às Índias um mercador, lhe foi dada certa encomenda da mulher de um ministro; e acertou o pobre de se perder, e perdê-la, com todo seu cabedal. Tornou a Espanha, e à côrte; e não lhe sendo recebida em desconto a perdição, houve tal violência no caso, que lhe fizeram pagar aquella encomenda com ganhos, e cabedais, como que não pudesse ser perdida como as outras. Voltou a Sevilha, e topando a outro mercador seu amigo, lhe perguntou aonde ia, e havendo-lhe dito que à igreja maior, a segurar com Deus, e com os homens de negócio, certa grande partida de fazenda que esperava de fóra, então lhe disse o queixoso: *Andad,*



*señor, y no hagais tal; mejor es encomendarla a mi señora D. fulana, que toda la saca a puerto de salvacion.*

Mas porque toquei arriba àcêrca dos segredos que as mulheres costumam revelar dos officios de seus maridos; a propósito virá agora tratar desta matéria, assaz essencial para o descanso do matrimônio.

### LIII

#### Segredos

Vi, senhor N., e ouvi já grandes disputas (e tive já boa parte nclas) sôbre se se deve dizer à mulher, ou não, tudo o que se sabe. Eu, que fui sempre amigo de ver amar com siugeleza, muito tempo tive para mim, que a mulher honrada havia de ser uma boceta, em que se guardassem os secretos mais íntimos de seu marido; e que êsse era dos maiores bens do casamento, achar um homem na mulher um coração fiel, com quem poder repartir dos cuidados, e ânsias, que às vezes não cabem no coração do homem, com a mesma confiança que se não saíssem de seu ânimo; e que tudo o contrário era um amar fraudulentamente.

Isto era o que eu cuidava; mas não é isto o que hoje creio, nem o que aconselharei a meus amigos; antes me tem mostrado a cpxperiência, e maior observação, que alcancei com os maiores anos, e com os novos casos, que contra êsse mesmo amor, e legalidade,

que à mulher própria se deve, irá aquele que lhe fiar segredos, e paixões à sua capacidade aventajados.

Parece-me a mim agora isto como quem põe meada grande em dobadoura pequena, que em lhe puxando pelo fio, traz o fio a meada, e a dobadoura, tudo a terra. Senhor meu, se carregarmos uma caravela com o lastro de um galeão, metc-la hemos no fundo. Os segredos que se fizeram para os grandes corações, fiquem-se neles. E traga-se sempre presente aquele notável dito do outro: Nunca me arrependi do que não disse.

Porêm, pois em tudo vou pondo dos meus unguentos, saiba-se que não julgo as mulheres por de todo indignas de que se lhes confie alguma matéria importante. E assim, se houvéssemos de medir pela razão êste negar, ou fiar segredos, diria: Que as paixões próprias eram, e são, dignas de lhes serem comunicadas. Os pontos da honra, os mistérios do officio, as confianças do rei, as resoluções da república, estas deve reservar o casado em seu peito indispensavelmente.

Se eu posso dar regras, melhor regra será esta: Pode-se dizer à mulher o que a mulher pode remediar com suas fôrças, ou com o conselho; o que não pode remediar, não convêm que se lhe diga. Confesso houve, e haverá no mundo mulheres de grande coração, donde fôra bem empregada toda a confiança; contudo isto são como uns baratos, que dá a natureza, quando se acha rica, e sobeja, que não devemos de esperar haja repartido com todas; e apenas podemos crer que com algumas os repartisse.

## LIV

## Casamentos dos filhos

Uma das cousas, em que os casados mais necessitam de advertência é nos casamentos dos filhos. V. m. ainda está longe; porém, como nisto falamos por uma só vez, não será justo que, havendo-me lembrado de tanta impertinência, me esqueça de cousa tão importante.

Anda uma prática entre os homens, que afirma que o tempo do casamento dos filhos é quando houver melhor ocasião. Esta regra, a meu juízo, é bem falível; porque, dado que haja boa ocasião para casar, e má disposição para casar, em tal caso o acêrto scria duvidoso, e as mais vezes não seria. Deve-se entender isso da ocasião depois da disposição, e quando a vontade dos filhos estivesse conforme para receber êsse estado. Porque ainda que das conveniências dele se podia esperar que o proveito trouxesse o gôsto; todavia a vontade, que é nesta demanda o autor ou réu, raras vezes se governa por essas regras; e de casamentos sem vontade não há que esperar contentamento.

Seja livre a eleição do estado dos filhos; mas de tal sorte livre, que seus pais os estejam sempre inclinando a aquele que lhes convêm. Sejam então seus conselheiros, não seus senhores.

Mas filhas é grandíssimo perigo; porque havendo trazido a vaidade humana umas leis (certo tiranas)

contra a honra, partes, e virtude, e só em favor do interesse; succede de ordinário que nas casas illustres, e grandes, onde há muitas filhas, apenas pode haver dote com que casar uma como convêm. Ficam logo as outras condenadas a perderem por fôrça a liberdade, e haverem de tomar estado que não desejam, e violentissimamente sofrem.

O remédio dêste dano é quási sem remédio; porque seria necessário emendar primeiro toda a república, e os maus costumes dela. Se nos houvéssemos de governar por exemplos passados, vimos que muitos grandes homens, achando-se ricos de filhas, se fizeram maiores nas descendências, e a elas não violentaram. Recolheram na religião as que a pediam: casaram as que o desejavam. Nêste caso, parece que o pai de muitas filhas se pode contentar não abaixando, sem que procure subir; que mais claramente é dizer-lhe, poderia casar suas filhas com pessoas que lhas pedissem para se honrar com tais mulheres; e não querendo achar para genros homens com que se honrasse. Basta que se não desonrasse com êles. Isto não é sempre nem para todos; nem lhes nego a todos que procurem o melhor; mas amoesto que se acomodem com o possível.

Guardaram esta matéria de estado muito notáveis pessoas dêste reino, que pudera nomear, se não fôra aqui escandalosa a comparação: fazendo memória de algumas desigualdades, que depois igualou o tempo, e a fortuna.

A valia dos príncipes, a grande riqueza, o valor notável da pessoa nas armas, ou nas letras, quando seja acompanhado de limpeza de sangue, realçam as

qualidades dos homens de sorte que os fazem merecedores de se poderem aparentar com os maiores; e a estes dão confiança para se deixarem aparentar com êles.

Dizia um grande senhor em duas palavras tudo o que aqui há que dizer: Que com seus filhos haviam de ir rogar seus pais, para serem bem casados; e para suas filhas haviam de ser rogados, para serem bem casadas. E outro, não menos entendido, costumava dizer: Que as boas partes eram chapins da qualidade, que faziam crescer as pessoas de sorte que muitas vezes igualavam os pequenos com os grandes.

Falta-me aqui por advertir alguma cousa a umas certas mães, e não sei se a alguns pais, que dão seus geitos às filhas para que se casem; particularmente a aquelas de bom frontispício, largando-lhes para êsse efeito um pouco a rédea do recato.

Digo de mim, que sou austeríssimo nesta matéria. Se a houvesse de julgar conforme meu natural, não acabára nunca de condená-la. Vemos contudo pelo contrário tantos exemplos, que parece tem já tirado o horror que nela acharam outros. Fóra de Espanha é tão ordinária esta arte (em Flandres especialmente) que os galanteios são permitidos, e devidos, e chega a tanto, que os pais, e mães vem a ser os mestres das filhas, a quem aconselham os termos porque se devem haver com seus amantes até os obrigar a que lhes sejam maridos.

De má vontade direi (mas enfim o digo) que se pode dissimular a uma filha, quando se saiba é bem vista de tal pessoa, que lhe estará bem para marido. Mas devem ser tais os modos porque esta dissimulação

possa ser lícita, que tenho o achá-los por impossível. Aconselhará neste caso o ânimo de cada um.

Vem agora aqui o casar a furto, que chamamos, e contra a vontade dos pais. Isto é em duas maneiras: em acção, ou em paixão, em acção casando o filho, em paixão sendo a filha casada.

Ao homem que seu filho se casasse bem, ainda que contra vontade de seus pais da mulher com que casasse, aconselhára que o sofresse, que de secreto o ajudasse, e se não desse por contente, nem descontente da acção daquele filho. Receitaria neste caso uma ausência, que é cousa utilíssima para negar ao juízo público a tristeza, ou alegria, quando delas não convêm testemunho. E se fôsse antes do successo, seria maior prudência.

Ao homem que sua filha lhe fôsse levada para casar com o filho alheio, se assim fôsse que nisso não perdesse, aconselharia que se fôsse após dela, e se vencesse no pezar que lhe daria essa desobediência; que nos mais é teima, e raiva, e nos menos verdadeira dôr.

Destas abominações entre os pais dos que assim se casam, nascem de ordinário inimizades, brigas, contendas; e mais de ordinário públicos ditos, remoques, e desonras: desenterram-se avós, publica-se o que se não sabia, vão os escândalos de monte a monte; então no cabo de todos seus defeitos, verdadeiros, ou mentirosos, virem à praça, ei-los amigos.

O casar bem dos filhos pode absolvê-los da culpa de ser a desgosto dos pais; que obrigados eram a ter gôsto do aumento dos filhos. Finalmente o modo sempre era bem que fôra bom; mas lá diz o rifão castelhano: *Hagase el milagro, hagalo el diablo*. O casar



mal, e a desgosto dos pais, é o último deseoncêrto, e o que mais vezes se vê. Tem só o remédio na preservação; porque para o êrro não há mêninha. Advirtam-se assim os pais de darem com tempo estado aos filhos; e pelo menos, quando não possa ser com a brevidade que se deseja, mostrem-lhes que disso se trata. Com esta esperança os entrettenham.

Aeontece haver homens, que por se gozarem de sua casa inteira, ouvem mal, e respondem pior aos casamentos dos filhos; e não poucas mulheres há que por não verem a nora enfeitada junto a si, ou a filha desoberta, e próximo o perigo de serem avós antes de tempo, enxotam de casa as boas ocasiões das bôdas dos filhos, que dão em ser tão melindrosas, e deseonfiadas, que poucas vezes tornam onde uma vez as desprezaram. Vele-se de tão indignos defeitos o marido sisudo, e a mulher honrada. Queiram para os filhos quando sejam pais, aquilo que, quando eram filhos, quizeram para si.

## LV

### Sogra, noras, genros, e cunhados

Não é pouco, nem pouco proluxo, o que se tem discursado. Cada ponto quisera já que fôra o último; mas com lieença de v. m. não me haverei de despedir sem falar em sogros, e sogras, noras, e genros, cunhados, e cunhadas.

Estes soem ser uns mal-estreados parentescos. Certo que já me pus a filosofar comigo sómente, sobre a causa desta desavença; e outra não posso achar, salvo aquela que em outra diferente causa deu o mestre dos políticos, dizendo: Que aos grandes eram agradáveis as obrigações, enquanto as podiam pagar; mas como cresciam mais, ainda em vez de amor causavam ódio.

Julgo que é tamanha a dívida que se tem aos sogros, e estes aos genros, uns a outros os cunhados, tanto o amor que se deve a pessoas tão conjuntas, que porque se não pode pagar, se converte em aborrecimento.

Bem o mostra o estilo, que nos ensina, vendo chamar pais aos sogros, filhos aos genros, aos cunhados irmãos. Quanto é aqui, assaz está expressa a obrigação; mas assaz mais expressa a ingratidão destes, e aqueles, pelo que estamos vendo.

Queixava-se uma senhora viúva da grande amizade que tinha um seu filho com certo fidalgo, em que a ella parecia não ganhava elle muito; de que recebia desgosto. Entrou-lhe por casa um criado pedindo alviças; e perguntando-lhe de que? respondeu: De que meu senhor quebrou já com fulano, porque lhe casa com uma filha.

Como me não encarreguei de dar a razão, só procurarei dar o remédio para que nunca tal abuso se pratique.

Diga-me v. m. Se um homem lavrasse com grandes despesas uma quinta, durasse nesta obra muitos anos, gastasse nela seu tempo, e sua fazenda, lhe saísse em tudo perfeita, e logo, ella acabada, se fôsse

a casa de v. m. e lhe desse aquella propriedade, lhe vinculasse outras, e de tudo o metesse de posse, ¿que faria v. m.? Que digo eu? v. m.? ¿Que faria a mais ingrata pessoa do mundo, senão venerar, amar, regalar, e servir a aquele homem, confessar-se por seu escravo, por seu devedor, por seu perpétuo amigo?

Pois que faz menos, ou que não merece mais, aquelle que cria por tantos anos a filha, a doutrina, guarda, e aperfeiçoa; e depois repartindo com ela seus bens, e entregando ametade da sua alma, mete todo êste tesouro na mão a outro homem, a quem porventura antes nada devia?

Trarei para exemplo de bons sogros o que succedeu quási entre nós, e quási em nossos tempos. E foi, que havendo um homem rico casado uma sua filha com um fidalgo honrado, e querendo casar outra com outro, em nada maior que o primeiro; êste segundo não quis fazer o casamento sem que lhe dessem em dote mais dez mil cruzados do que ao outro havia dado; e como o sogro dissesse, que teria grande causa de queixa o primeiro genro, dando êle mais ao segundo, e lhe não valesse esta razão para efectuar o último casamento; houve enfim de convir nele, e effectuá-lo com tal galantaria, e primor, que no próprio dia, que assinou as escrituras ao segundo genro, mandou outros dez mil cruzados ao primeiro, dizendo-lhe, que não queria que houvesse alguêm que cuidasse o estimava a êle menos.

Por certo que não vi, nem ouvi cousa mais galante, e honrada. E porque se veja que também há genros que o sabem ser como devem, contarei a v. m. outro caso que bem o prôva.

Havia, não há muitos anos, em certo logar uma

pessoa riquíssima, com uma só filha herdeira para casar: afeiçoou-se sua mãe a um seu natural de boa qualidade, mas não muita fazenda; mandou-lhe dizer que estava tão satisfeita de sua pessoa, que lhe queria dar as melhores duas peças que tinha em sua casa; quais eram, sua filha por mulher, e com ela tudo quanto tinha. Respondeu-lhe o genro, que não seria razão que a quem tanto lhe queria, e a quem êle devia tanto, despojasse de todos os seus bens em uma só hora; que a filha receberia por espôsa, com condição que lhe não havia de dar mais da ametade do que lhe prometia.

Bem vejo que êstes exemplos são muito bons para escritos, mas não são tais para praticados; e disso mesmo é a minha queixa. Emfim eu satisfação a minha obrigação, mostrando como não é impossível esta devida amizade. Malditos sejam os interesses! Que êles tem a culpa de que ela não prevaleça; porque de ordinário acontece que aqueles queixumes de sogros, e genros, tudo funda em — sim me deu, não me deu. Grande descanso viera ao mundo, se todos nos contentáramos com o possível; mas isto é querer outro mundo.

Tenho por boa a amizade, e a companhia dos cunhados, quando êles sejam para amigos, e companheiros; quando o não sejam, nem por isso os excludo do trato, e conversação. Deve-se neste caso fazer distinção dos maus aos ignorantes. Ainda que o cunhado não seja águia, se deve admitir; e antes a êstes com maior causa, porque os outros se lhes não atrevam. Mas ainda que seja águia aquele que mal procede, se deve desviar com todo o cuidado; se quer porque não pareça que em suas obras se consente.

Já ouvi murmurar, e não sei certo se murmurarei

eu também, de alguns que casando se apartam dos amigos que tinham antes, e de todo se entregam à parentela de suas mulheres. Isto é condenável; e se vê mais certamente naqueles que a elas cegamente se lhes entregam.

Andava um noivo sempre entre dous cunhados seus, que nem largava, nem o largavam. Passava às vezes por um seu amigo do tempo de solteiro, a quem tratava com estranheza. Ele queixoso lhe disse um dia: Pesa-me, senhor fulano, que a senhora D. fulana tenha tão pouca confiança da fé de v. m. que o não deixe andar pela cidade sem familiares.

Também não será razão que nos passe por alto a prática de um acidente, não poucas vezes sucedido entre casados; como agora digamos uns descontentamentos, ou arrufos, que passam com nome de escândalos entre a mulher, e seus parentes, agora sejam do marido, agora seus próprios.

Tudo isto costuma proceder de leves causas. É como ordinariamente as vinganças das mulheres não são grandes, por isso são mais as queixas, que dão causa a desconfianças, e ruins vontades, com grande cargo do primor, e às vezes da consciência; porque debaixo de um, eu sou sua amiga, está enroscado um ódio como uma serpente.

Há homens que tem por grande siso o não terem parte nestas contendidas. Tal não aprovo, porque, além de que ao marido por sua dignidade toca a justificação das acções de sua mulher, ou a emenda, também lhe pertence a direcção delas; e mais na sua amizade, ou inimizade: assim como ao rei pertence a guerra, ou paz feita por seu vassalo. Fôra de parecer que nos casos



miúdos (que êstes são os mais) um pouco se dissimulára. Porque, senhor N., aí há um desconcertar de braço, ou pé, com que é fôrça acudir ao algebrista, e outro que quanto mais bólem com êle mais o desmancham. É carne quebrada, que ela por si mesmo solda quando lhe parece.

Quando a dúvida passasse inuito adiante entre a mulher, e seus parentes, e parentas, e pudesse ser pública, e escandalosa, ou assim o amçaçasse; obrigado seria o marido a interpôr-se em meio, e acordar tudo.

Isto se faz melhor, tratando-se com o próprio marido da parenta (se o tem) ou já ofendida, ou já agressora. E ainda que seja levantando-lhe um par de testemunhos a ambas as agravadas, e dizendo a cada uma que a outra a roga (cousa de que elas muito se satisfazem) é conveniente acomodá-las, e fazê-las amigas.

Mulheres há, e não poucas, que nisto são tenazes, e duríssimas de reduzir de seus pontos, ou caprichos. Sem embargo, razão é que os maridos as encaminhem à razão, e lhes façam certo que elas é bem que sigam o seu parecer delas; pois à sua conta delas está sua honra, e crédito delas.

Quando, feita a diligência prudente, e necessária, não bastasse, tão pouco serei de opinião que um homem esteja mal com sua mulher porque ela não está bem com a outra.



## CONCLUSÃO

Ora, senhor N., quando comecei a escrever a v. m. foi com ânimo de não passar de uma carta; e acho-me agora com um processo escrito. Eu de meu natural sou miúdo, e prolixo; o estar só, e a melancolia, que de si é cuidadosa, me fizeram armar tão largas rédes, para colher dentro delas todos os casos, e todos os avisos. Praza a Deus que nos não hajamos cansado de balde; como seria, se no cabo de v. m. haver ouvido muito, e de haver eu dito muito, daqui não tirássemos algum proveito.

Rematarei com as generalidades que, a meu parecer, avultam bem a grandeza das casas; isto como conclusão do muito que nestes pontos havia que dizer.

Bem vejo eu que se chegar a ser lido de alguma casada, ou casado (e mais ainda dos que estiverem para o ser) acharão medonho êste caminho, por onde pretendo guiá-los à prometida casa do descanso. Porque dirão êles o estão vendo cheio de abrolhos, e cautelas, que apenas parece poderá passá-lo a consideração, quanto mais a obra.

Dir-lhe hei a todas, que nesta carta succede o que nas cartas de marear, que quem as vir assim cruzadas de linhas, e riscos, que se comem uns aos outros, parece que de tal confusão não pode haver quem se desempece; e na verdade não é assim; porque aquelas linhas

todas são umas próprias, e apenas passam de quatro principais; mas para fazer mais fácil o nosso uso, se multiplicam.

Quem com bom juízo considerar esta máquina de cousas, as verá tão semelhantes, atadas, e dependentes umas de outras, que não lhe parecerão muitas, mas uma só. E porque, como vemos, a corda de poucos fios se quebra facilmente, se com ela apertam muito; por isso é necessário tecer e torcer de muitos avisos, e remédios esta corda, de que está pendurada a honra, vida, e salvação dos casados; porque com as fôrças do vício se nos não rompa. E como todas elas costumam quebrar pelo mais fraco, e esta fraqueza é própria da mulher; por essa mesma razão convêm fortificá-la de sorte, com tanta cautela, e arte, que por mais que tire a ocasião, sempre se conserva sã, e inteira.

Mas se contudo parecer às mulheres excessivamente rigorosa esta minha doutrina, certifico-lhes que meu ânimo não foi êsse, senão encaminhar tudo à sua estimação, regalo, e serviço.

E porque assim se veja mais certamente, haja quem queira de mim outra carta para as casadas; e então se verá quam bem advogo por sua parte, quando pelo que aos maridos deixo dito as mulheres se não dêem por satisfeitas.

Senhor meu. Casa limpa. Mesa asseada. Prato honesto. Servir quedo. Criados bons. Um que os mande. Paga certa. Escravos poucos. Côche a ponto. Cavallo gordo. Prata muita. Ouro o menos. Jóias que se não peçam. Dinheiro o que se possa. Alfaias todas. Armações muitas. Pinturas as melhores. Livros alguns. Armas que não faltem. Casas próprias. Quinta peque-

na. Missa em casa. Esmola sempre. Poucos vizinhos.  
Filhos sem mimo. Ordem em tudo. Mulher honrada.  
Marido cristão; é boa vida, e boa morte.

Torre Vélha, em 5 de março de 1650.

D. FRANCISCO MANUEL.





---

---

INDICE

---

---







## CARTAS DE AMOR

	PAG.
Prólogo . . . . .	VII
Carta primeira . . . . .	3
Carta segunda . . . . .	11
Carta terceira. . . . .	25
Carta quarta . . . . .	33
Carta quinta e última . . . . .	41

## CARTA DE GUIA DE CASADOS

Préfácio biográfico . . . . .	55
Advertência . . . . .	101
Carta a D. Francisco de Melo. . . . .	105
Aos leitores . . . . .	107
Preâmbulo . . . . .	111

	PAG.
I—Vantagem do casamento . . . . .	114
II—A proporção do casamento . . . . .	115
III—O amor. . . . .	117
IV—A idade da noiva. . . . .	119
V—Parentescos . . . . .	120
VI—Casamento por conveniência . . . . .	121
VII—Várias castas de mulheres . . . . .	124
VIII—Maneira de conservar a bondade das que são boas . . . . .	132
IX—Criados e criadas. . . . .	133
X—A espôsa . . . . .	144
XI—Costumes da côrte . . . . .	146
XII—Govêrno doméstico . . . . .	149
XIII—O trajar . . . . .	151
XIV—Regalos caseiros . . . . .	153
XV—Visitas . . . . .	154
XVI—Murmurações. . . . .	156
XVII—Amizades . . . . .	157
XVIII—Frequência do Paço. . . . .	157
XIX—Festas . . . . .	159
XX—Cachorrinhos e outros bichos . . . . .	160
XXI—Mulheres caseiras . . . . .	161
XXII—Mulheres ídolos, varonis e sábias. . . . .	162
XXIII—Mulheres palrciras, descompostas e muito risonhas . . . . .	165
XXIV—Leituras . . . . .	168
XXV—Beatarias e crendices. . . . .	169
XXVI—Frades e freiras . . . . .	172
XXVII—Atavios . . . . .	175
XXVIII—Facilidades dos maridos. . . . .	176
XXIX—Govêrno da casa . . . . .	178

	PAG.
XXX—Ocasões de perigo . . . . .	180
XXXI—Cautelas . . . . .	182
XXXII—Galantarias honestas. . . . .	184
XXXIII—Louçanias . . . . .	185
XXXIV—Afeminação, desleixo, e requebros in- decentes. . . . .	186
XXXV—Pieguices paternas com os filhos . . .	188
XXXVI—Amas . . . . .	191
XXXVII—Bastardos . . . . .	192
XXXVIII—Freiráticos, e ciúmes. . . . .	194
XXXIX—Jôgo. . . . .	197
XL—Amigos. . . . .	199
XLI—Horas de recolher . . . . .	200
XLII—Se deve louvar-se a espôsa . . . . .	202
XLIII—Remoques perigosos, e impertinências	203
XLIV—Maridos calaceiros de criadas . . . .	206
XLV—Avisos . . . . .	207
XLVI—Mesa. . . . .	210
XLVII—Comédias e romarias. . . . .	213
XLVIII—Quintas. . . . .	214
XLIX—Viagens. . . . .	217
L—Esquisitices e tratamentos . . . . .	220
LI—Conselhos às senhoras . . . . .	221
LII—As ministras . . . . .	224
LIII—Segrédos . . . . .	227
LIV—Casamentos dos filhos . . . . .	229
LV—Sogras, noras, genros e cunhados . . .	233
Conclusão. . . . .	239



# Colecção Lusitânia

---

Destinada a vulgarizar as melhores obras  
da literatura portuguesa e estrangeira

---

Volumes ilustrados  
de 250 a 300 páginas

---

Formato cómodo  
Impressão em tipo muito legível  
sobre magnífico papel  
Encadernação sólida e elegante

---

Um volume por mês







## COLECCÃO LUSITÂNIA

---

### I

AMOR DE SALVAÇÃO, romance de Camilo Castelo Branco.

**C** PRODIGIOSO talento de Camilo que com tantas novelas de amor fez chorar as almas românticas da sua geração, ainda hoje, dissipado êsse véu de paixão e de quimera, nesta época de utilitarismo e de brutalidades materiais, consegue sensibilizar aqueles que as lêem. É que a sua prosa mágica não perdeu o estranho condão que o seu génio lhe dava e ainda faz perlar de lágrimas comovidas os olhos mais enxutos e enternecer os corações mais duros.

Ler Camilo é viver a vida dolorosa de seus perso-


nagens ou rir com a inconfundível galeria dos seus grotescos.

Assim, no *Amor de Salvação* — o romance duma alma forte a quem uma paixão fatal ia perdendo e a quem um grande amor salvou, — cuja acção se passa em pleno periodo de romantismo extreme, ainda quando se perseguiam inclinações amorosas forçando-as a casamentos de conveniências, todo o sentimentalismo dos seus heróis nos faz vibrar de tristeza. Mas, como que para amenizar essa dôr comovida, Camilo rechcou as páginas do *Amor de Salvação* com aquelas ironias contundentes de que só êle tinha o segrêdo e que, depois de nos fazerem rir sãdiamente, nos deixam ficar um travôr amargo que ainda sabe a lágrimas.

---

## II

### RIQUEZAS DO POBRE E MISÉRIAS DO RICO, seguidas do LIVRO DE CONSOLAÇÃO, tradução do francês por Camilo Castelo Branco.

 REEDIÇÃO das *Riquezas do Pobre* não se fez com outro intuito do que vulgarizar aos camilianistas êsse volume, hoje raro, e que foi a primeira tradução que Camilo Castelo Branco fez da língua franceza. São cento e cinqüenta páginas de leitura moral e suave com o seu leve sabor filosófico, em que se confrontam as

preciosas *riquezas do pobre*, que são entre outras: a saúde, o trabalho, a franqueza, a economia, a sobriedade e as afeições domésticas, com as *misérias do rico*, como sejam: a própria riqueza, o orgulho, a vaidade, a ambição, o egoísmo, a inveja, a avareza e o tédio.

Livro antigo que ainda hoje é de boa e sã leitura proveitosa.

O resto do volume é preenchido com alguns estudos religiosos que Camilo rotulou de *Livro de Consolação*. Foram êles publicados na época em que Camilo pensou abraçar a Religião como salvadora da sua alma amargurada e sucumbida, época a que mais tarde o grande romancista se referia, em carta ainda inédita, dirigida ao editor Chardron, mostrando que ao tempo em que só escrevia livros religiosos iam sucedendo duas fatalidades, alguns meses depois, e eram: ter Camilo quasi rebentado com fome e o editor ter ido parar ao Tribunal do Comércio...

---

### III

EUSÉBIO MACÁRIO, romance naturalista por Camilo Castelo Branco

FA criando raízes em Portugal a nova escola naturalista onde o subtilíssimo ironista que foi Eça de Queiroz achou os moldes em que vasar a sua prosa perfeitíssima e requintada. Todo o público de Portugal e

Brasil batia palmas de aplauso ao fino autor do *Primo Basílio*. O romantismo ia perdendo de moda. Então, o glorioso escritor Camilo Castelo Branco, rindo daqueles que mofavam da sua obra essencialmente romântica, para provar-lhes que os seus cabelos brancos não queriam dizer que o seu grande espírito houvesse envelhecido, escreveu o *Eusébio Macário*. Foi um desfôrço. Camilo, dando largas ao seu humorismo sem igual, criou nesse romance alguns tipos inconfundíveis de grotesco e de verdade, fazendo deles fantoches vivos a saltarem da sua prosa cheia de plasticidade e de côr, porventura a prosa mais pitoresca, mais rica e mais trabalhada que êle tivesse ainda escrito. O sucesso que *Eusébio Macário* alcançou foi de tal ordem que em pouco tempo se esgotava tendo dado origem às mais desencontradas críticas e polémicas depreciadoras. Mas *Eusébio Macário*, porém, ficou como uma obra prima de humorismo.

Completam êste volume, que tem o título genérico de *Sentimentalismo e História*, alguns curiosos e interessantíssimos estudos de investigação histórica, outro ramo de literatura em que Camilo foi grande pelo seu vasto saber e pela sua inquestionável probidade literária.

---

## IV

## A CORJA, romance por Camilo Castelo Branco

ROMANCE *A Corja* é a continuação de *Eusébio Macário*. Vivem nele os mesmos pitorescos personagens, mais completados ainda pela fina observação e pelo poder sarcástico do génio de Camilo.

As páginas da *Corja* são modelares pela viveza e plástico da sua prosa admirável. Como *Eusébio Macário*, *A Corja* foi recebida nas aceradas pontas das lanças da crítica azêda, que não podia levar a bem que o grande romancista viesse zombar da nova escola que, apesar de quási recém-nascida, tinha já adeptos apaixonados e cultores distintos, entre os quais pontificava o glorioso prosador Eça de Queiroz. Dessas críticas, uma houve que deu motivo à mais colossal refrega literária em que entrou o invencível espírito polemista de Camilo.

Foi aquela questão notável com Alexandre da Conceição, mais tarde reunida na *Boémia do Espírito* com o título de *Modêlo de polémica literária*, e da qual, Camilo saiu, como sempre, vitorioso e triunfante.

Como no *Eusébio Macário*, êste volume contém, sob a rúbrica de *Poetas e raças finas*, mais alguns pacientes estudos de investigação histórica.

56380

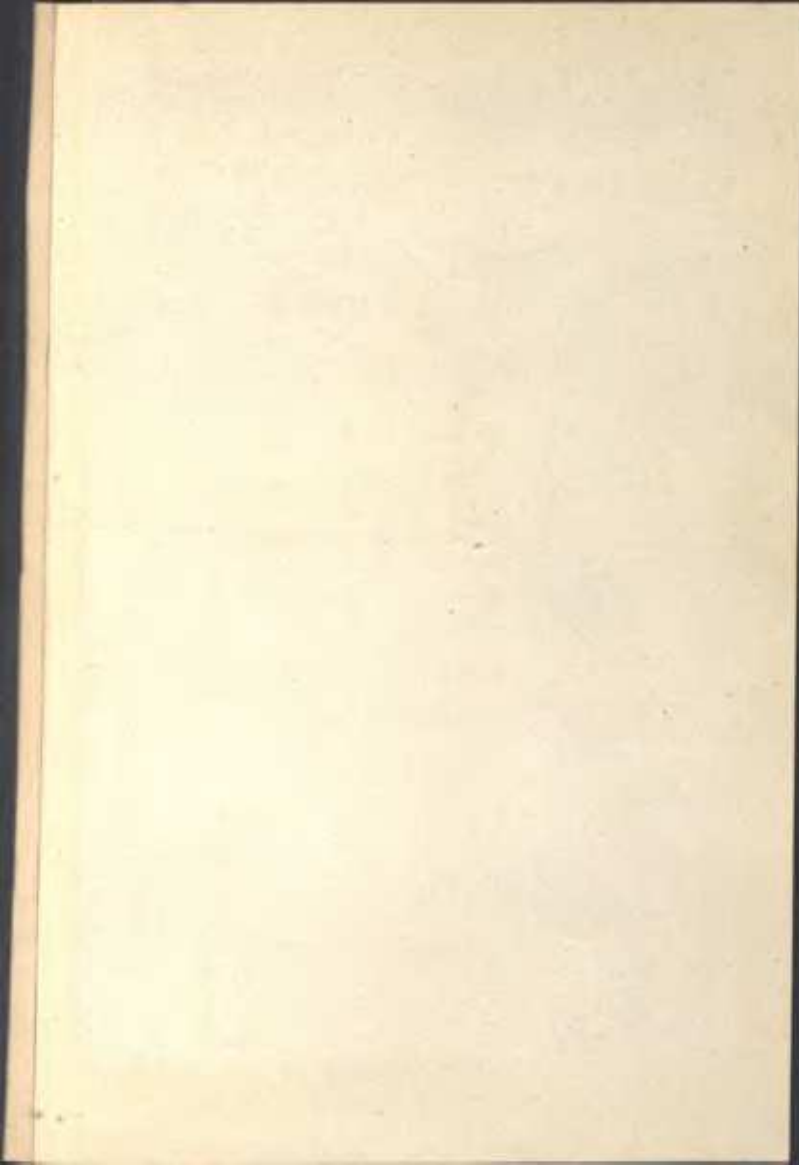


LÉLO & IRMÃO, editores

Rua das Carmelitas, 144

Porto







SALIDA

AVANCE

710

PALACIO

BOLSA

PUERTO





